



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**VARIAÇÃO NOS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* E NA CONCORDÂNCIA VERBAL
COM O PRONOME *TU* EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

JULIANA FLOR

FLORIANÓPOLIS

2025

JULIANA FLOR

**VARIAÇÃO NOS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* E NA CONCORDÂNCIA VERBAL
COM O PRONOME *TU* EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Flor, Juliana

VARIAÇÃO NOS PRONOMES TU E VOCÊ E NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II: :CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA / Juliana Flor ; orientador, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, 2025.

178 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras. 2. Variação linguística. 3. Sociolinguística Educacional. 4. Concordância verbal com "tu". I. Monguilhott, Isabel de Oliveira e Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. III. Título.

Juliana Flor

**VARIAÇÃO NOS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* E NA CONCORDÂNCIA VERBAL
COM O PRONOME *TU* EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 26 de fevereiro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Carla Regina Martins Paz, Dra.
UFSC

Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Dra.
UFSC

Profa. Izete Lehmkuhl Coelho, Dr.(a)
UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Orientadora

Florianópolis, 26 de fevereiro de 2025.

DEDICATÓRIA

Às mãos que sempre estiveram próximas para me erguerem.
Aos olhos que me enxergaram e aos ouvidos que me escutaram.
Aos corações que comigo pulsaram, percebendo que as palavras podem dar vida e
sentido às coisas desimportantes e aos seres desimportantes.
Àqueles que, assim como Manoel de Barros, são da *invencionática*, que agarram os
restos e, com essa ferramenta tão poderosa chamada linguagem, dão sentido às
coisas e aos seres desimportantes.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi tecida a partir de fios generosamente doados por algumas pessoas, são elas:

Minhas alunas e meus alunos que, gentilmente, compartilharam suas vozes e suas experiências. Este estudo é, em grande parte, um reflexo do comprometimento e da generosidade de cada um de vocês.

Minha mãe, que, com a sua fé e tantas velas acesas, canalizou as energias mais verdadeiras que alguém poderia canalizar. Que, antes de tudo e de todos, me amou, me incentivou e me deu suporte para que eu não desistisse do sonho de estudar em uma Universidade Federal, quando ela não pôde, já que estudou apenas até a quarta série do Ensino Fundamental.

Meu pai, cujo olhar para o mundo e cuja sabedoria moldaram quem sou e a maneira como percebo minha existência e meu papel no mundo. Que sempre foi a base sólida, sempre ao meu lado, oferecendo apoio, força e “todo o amor que houver nessa vida”.

Isabela, minha filha, que é uma Flor tão bondosa. Que ama as flores, sendo tão doce e intensa como elas são. Que, depois de minha mãe, foi quem sempre me acolheu, incentivou e me apoiou para que eu não desistisse do sonho de estar, agora, concluindo o Mestrado em uma Universidade Federal, quando ela, no mesmo ano, concluiu sua graduação nessa mesma instituição.

Cecília, minha filha, que impulsiona o meu viver pelo simples fato de existir na minha vida. Tão autêntica e decidida que me inspira a ser também. Que foi a minha maior parceira aceitando, sem reclamar, comer as comidas congeladas quando estava com fome e eu dizia “já vou, só deixa eu terminar esse parágrafo aqui”.

Ismael, meu marido, que me deu suporte para que eu pudesse seguir firme no meu sonho, mostrando que ficaria tudo bem, independente das minhas escolhas. Seu incentivo nos dias difíceis e sua presença constante foram fundamentais para que eu

pudesse desbravar este caminho com determinação. Agradeço por compreender minhas ausências e estar disponível sempre que elas cessavam.

Minha irmã Nair, que sempre me encheu de coragem e nunca duvidou da minha capacidade de continuar estudando. Que sempre me incentivou e me ajudou a passar por todas as intempéries pelas quais passamos juntas — e cada vez mais fortes.

Minhas amigas queridas: Evillyn, que, desde a graduação, me acompanha com tanto amor gratuito. Que, independentemente do tempo ou da distância, estará unida a mim “pelo amor às causas perdidas”. Ela na Literatura e eu na Linguística. Morgana, que é a parte racional das sagitarianas que somos. Que sempre me escuta, e faz isso como ninguém, sem demonstrar nenhum tipo de julgamento. Milene, que fomentou a coragem para que eu voltasse aos estudos, sendo, talvez, a minha maior entusiasta desse retorno à UFSC.

Cecília, a dedicada Doutora Letras, que foi uma grande parceira. Que, por vezes, me amparou quanto a inseguranças, conceitos e entrelinhas. Que foi farol, iluminando meu caminho permeado por reflexões e descobertas.

Meus colegas do PROFLETRAS, Eve, Stelinha, Alê e Zé, que compartilharam comigo os anseios iniciais e os cansaços finais. Que fizeram com que as manhãs e as tardes de aulas fossem mais leves.

Minha orientadora Isabel Monguilhott, que me aceitou como orientanda neste árduo caminho acadêmico, tornando-o aprazível e leve. Que me orienta e que também me motiva a persistir e acreditar no potencial de pesquisadora que habita minha alma. Que exigiu o rigor acadêmico em equilíbrio com o apoio humano. A quem eu só posso agradecer profundamente por cada sugestão, cada leitura atenta e cada palavra de encorajamento.

Professora Carla Regina Martins Paza, que sempre, carinhosamente, esteve comprometida com o ensino, ao ministrar duas disciplinas fundamentais durante esta jornada acadêmica. Que participou da minha banca e contribuiu para o amadurecimento deste trabalho.

Professora Izete Lehmkuhl Coelho, que é a nossa diva da Sociolinguística, uma das maiores pesquisadoras na área, a quem eu dedico a mais profunda admiração. Que foi minha professora na graduação, que participou da minha banca e enriqueceu significativamente este trabalho. Que seguirá na minha vida, agora no Doutorado.

Professora Fabiana Giovani, que me acolheu e me deu credibilidade quando eu mesma já não o fazia. Que engrandeceu a minha formação como professora, como pesquisadora e, acima de tudo, como ser humano, com suas aulas e com pequenas percepções cotidianas, depois de recitar Manoel de Barros.

Corpo docente do PROFLETRAS, que compartilhou seus conhecimentos e suas vivências. Cada disciplina ofereceu uma nova perspectiva e contribuiu para minha formação, como professora e como pesquisadora, engajada com os desafios e potencialidades do ensino da língua portuguesa.

Secretário Paulo e Coordenação do PROFLETRAS, que garantiram um ambiente acadêmico organizado, acolhedor e propício à construção de conhecimentos, mesmo diante dos desafios.

Aula de Português
Carlos Drummond de Andrade (2017, p. 129)

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o Amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdam-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo principal a intervenção em uma sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, em direção à Pedagogia da Variação Linguística (conforme Zilles e Faraco, 2015), a partir da investigação da alternância entre os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular, *tu/você*, e da variação na concordância verbal com o pronome *tu*, à luz da teoria da Sociolinguística Variacionista (conforme Labov, 2008 [1972]) e da Sociolinguística Educacional (conforme Bortoni-Ricardo, 2022; Faraco, 2008; Coelho, Monguilhott, Pires de Oliveira, 2017; Vieira, 2013, 2017, 2018, entre outros), visando à elaboração, execução e análise de uma proposta pedagógica. Fundamentado na Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), e nos princípios da Sociolinguística Educacional (conforme Bortoni-Ricardo, 2022; Faraco, 2008; Coelho, Monguilhott, Pires de Oliveira, 2017; Vieira, 2013, 2017, 2018, entre outros), o estudo aborda a interação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas. A pesquisa foi conduzida com base em gêneros discursivos da oralidade — entrevista e anúncio publicitário, e da escrita — debate regrado e júri simulado —, que desempenharam um papel central na pesquisa, com base nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular. Os resultados indicam a predominância de *você* em gêneros escritos mais monitorados, e de *tu* em gêneros orais menos monitorados, além de uma prevalência significativa da concordância verbal não marcada com o *tu*. A distribuição das variantes *tu/você* e concordância verbal com *tu* está associada a fatores como o grau de formalidade do gênero, as redes de contato dos falantes e o lugar de origem, evidenciando a influência de variáveis sociais e regionais. No âmbito educacional, a dissertação propõe uma unidade didática que valoriza a reflexão sobre a diversidade linguística, promovendo a inclusão de práticas pedagógicas que respeitem a heterogeneidade da língua. A proposta busca ampliar a competência comunicativa dos estudantes, sensibilizá-los para a variação linguística e reforçar a compreensão de que a língua é um fenômeno social dinâmico. Assim, os resultados do estudo contribuem para o debate sobre a interface entre variação linguística e ensino, destacando a relevância de práticas educacionais contextualizadas.

Palavras-chave: Variação linguística. Sociolinguística Educacional. Pronome de segunda pessoa do singular: *tu* e *você*. Concordância verbal com *tu*.

ABSTRACT

This dissertation investigates the use of second-person singular pronouns (tu and você) and verb agreement with tu in oral and written productions by middle school students in a school located in Biguaçu, Santa Catarina, Brazil. Grounded in the Theory of Linguistic Variation and Change proposed by Weinreich, Labov, and Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972]), as well as the principles of Educational Sociolinguistics (as outlined by Bortoni-Ricardo, 2022; Faraco, 2008; Coelho, Monguilhott, Pires de Oliveira, 2017; Vieira, 2013, 2017, 2018, among others), the study examines the interaction between linguistic and extralinguistic variables.

The research was conducted based on oral discourse genres — interviews and advertisements — and written genres — structured debates and mock trials — which played a central role in the investigation, in alignment with the guidelines of the National Common Core Curriculum. The results indicate a predominance of você in more monitored written genres and of tu in less monitored oral genres, as well as a significant prevalence of non-standard verb agreement with tu. The distribution of these variants is associated with factors such as the degree of formality of the genre, speakers' social networks, and place of origin, highlighting the influence of social and regional variables. In the educational context, this dissertation proposes a teaching unit that emphasizes reflection on linguistic diversity, promoting the inclusion of pedagogical practices that respect the heterogeneity of language. The proposal aims to expand students' communicative competence, raise their awareness of linguistic variation, and reinforce the understanding that language is a dynamic social phenomenon. Thus, the study's findings contribute to the debate on the interface between linguistic variation and teaching, underscoring the importance of contextualized educational practices.

Keywords: Linguistic variation. Educational Sociolinguistics. Second-person singular pronoun; tu and você. Verb agreement with tu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividades sobre variação linguística	64
Figura 2 - Descritores BNCC no livro Teláris essencial.....	64
Figura 3 - Unidades do livro Teláris essencial.....	65
Figura 4 - Conteúdos do livro Teláris essencial.....	66
Figura 5 - Pronomes pessoais no livro Teláris essencial	66
Figura 6 - Pessoas gramaticais no livro Teláris essencial.....	68
Figura 7 - Pronomes pessoais conforme Trinconi; Bertin e Marchezi	70
Figura 8 - Atividade extraída do Livro Telaris essencial.....	70
Figura 9 - Mapa da Região Metropolitana da Grande Florianópolis	73
Figura 10 - Área Urbana e Rural de acordo com os setores censitários do IBGE (2010)	76
Figura 11- Bairros do Município de Biguaçu.....	77
Figura 12 – Trecho de entrevista (I)	101
Figura 13 – Trecho de entrevista (II)	101
Figura 14 - Anúncio publicitário (I).....	103
Figura 15 – Anúncio publicitário (II).....	103
Figura 16 - Trecho de entrevista (III)	124
Figura 17 - Tirinhas com uso do pronome de segunda pessoa do singular	137
Figura 18 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (I)	139
Figura 19 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (II)	139
Figura 20 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (III)	140
Figura 21 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (IV).....	140
Figura 22 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (V).....	141
Figura 23 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (VI).....	141
Figura 24 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (VII).....	142
Figura 25 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (I).....	144
Figura 26 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (II).....	145
Figura 27 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (III).....	145
Figura 28 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (IV)	146
Figura 29 – Tela de início do Quiz.....	147
Figura 30 – Primeira questão do Quiz.....	147
Figura 31 – Segunda questão do Quiz.....	147
Figura 32 – Terceira questão do Quiz	148

Figura 33 – Quarta questão do Quiz	148
Figura 34 – Quinta questão do Quiz.....	149
Figura 35 – Jogo <i>Conjugue/Conjugues</i> SE puder/puderem	150
Figura 36 – Jogo Trilha dos pronomes.....	152
Figura 37 – Jogo Uno da concordância verbal.....	154
Figura 38 - Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com <i>tu</i> (I)	157
Figura 39 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com <i>tu</i> (II).....	157
Figura 40 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com <i>tu</i> (III).....	158
Figura 41 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com <i>tu</i> (IV)	158
Figura 42 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com <i>tu</i> (V)	158
Figura 43 – Atividade realizada pelos estudantes: Gráfico tu e você (I).....	160
Figura 44 – Atividade realizada pelos estudantes: Gráfico tu e você (II).....	160
Figura 45 – Atividade realizada pelos estudantes: Gráfico tu e você (III).....	161
Figura 46 – Atividade coletiva: Mapa linguístico.....	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pronomes pessoais do caso reto e pronomes possessivos, conforme Lima (2010).....	51
Quadro 2 – Pronomes pessoais, conforme Gregorim (2011).....	54
Quadro 3 – Síntese dos pronomes de segunda pessoa do singular e concordância verbal com <i>tu</i> , conforme algumas gramáticas do PB	55
Quadro 4 - Variação linguística na BNCC (I).....	57
Quadro 5 – Variação linguística na BNCC (II).....	58
Quadro 6 - Variação linguística na BNCC (III).....	59
Quadro 7 - Cidades e estados de nascimento dos informantes e de seus pais/responsáveis.....	111
Quadro 8 – Músicas com o pronome de segunda pessoa do singular.....	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Resultados de pronome de segunda pessoa do singular	90
Tabela 2 – Resultados da variável concordância verbal com <i>tu</i>	91
Tabela 3 – Resultados de <i>tu</i> e <i>você</i> em relação à variável explicitação do sujeito ...	92
Tabela 4 – Resultados de <i>tu</i> e <i>você</i> em relação à variável tipo de referência	94
Tabela 5 – Resultados de <i>tu</i> e <i>você</i> na correlação entre as variáveis tipo de referência e gênero discursivo	95
Tabela 6 – Resultados de <i>tu</i> e <i>você</i> em relação à variável gênero do discurso.....	97
Tabela 7 – Síntese do número de informantes que utilizam <i>tu</i> e <i>você</i> por gênero do discurso.....	98
Tabela 12 – Síntese de algumas respostas fornecidas no questionário aplicado ...	107
Tabela 13 - Frequência de <i>tu</i> conforme o local de origem dos informantes e de seus responsáveis	113
Tabela 14 – Frequência de uso das variantes de segunda pessoa do singular conforme a região de nascimento dos informantes.....	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 QUESTÃO, HIPÓTESES E OBJETIVOS	24
1.1.1 Questão de investigação	24
1.1.2 Hipóteses Gerais	24
1.1.3 Objetivo Geral	25
1.1.4 Objetivos Específicos	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO	27
2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	27
2.2 REVISÃO DA LITERATURA	32
2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA E OS GÊNEROS DO DISCURSO: CONEXÕES PARA UMA PRÁTICA EDUCACIONAL INTEGRADA	39
2.4 AS NORMAS E AS GRAMÁTICAS	45
2.5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS	56
2.6 PRONOME DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR E CONCORDÂNCIA VERBAL COM <i>TU</i> EM LIVRO DIDÁTICO	60
3 METODOLOGIA	72
3.1 CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO MUNICÍPIO, DA ESCOLA E DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA	72
3.1.1 A região em que a Escola está localizada – Da freguesia de São Miguel da Terra Firme ao atual município de Biguaçu	72
3.1.2 A Escola	77
3.2 METODOLOGIA PARA A COLETA DOS DADOS ANALISADOS	80
3.2.1 Variáveis dependentes	81
3.2.2 Variáveis Linguísticas	82
3.2.3 Variáveis Extralinguísticas	85
4.1 Usos variáveis da segunda pessoa do singular (<i>tu/você</i>)	91
4.1.1 Variáveis linguísticas	91
4.1.2. Variáveis extralinguísticas	96
4.2 Concordância verbal padrão e não padrão com <i>tu</i>	117
4.2.1 Variáveis linguísticas	118
4.2.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	121
5.1 ATIVIDADES	136
5.1.1 Primeira Etapa	136

5.1.2 Segunda Etapa	150
5.1.3 Terceira Etapa	155
5.1.4 Quarta etapa	159
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICE A - Formulário de identificação do participante.....	173
APÊNDICE B - Termo de assentimento livre e esclarecido	175
APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	177

1 INTRODUÇÃO

Início este trabalho recordando os motivos que me levaram a escolher ser professora, evocar esse momento denota, também, retomar concepções do que é exercer tal papel. Para tanto, precisei acessar o lugar onde guardo minhas vivências – aquelas que de fato experienciei e outras que apenas sonhei experimentar.

No ano de 2003, ingressei no curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Logo em 2005, na quinta fase, pisei pela primeira vez em uma sala de aula como professora temporária em uma escola estadual. Um misto de medo, insegurança e muita vontade de fazer por aqueles estudantes o que ótimos professores tinham feito por mim. Esse foi um período em que comecei a perceber a relação entre prática e teoria, por vezes muito distantes uma da outra.

Assim, minha experiência na Educação iniciou-se ainda na quinta fase da graduação e se estende até hoje, agora como professora do quadro permanente da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. Por conta dessas experiências, sobretudo na sala de aula, percebi nas escolas e nos materiais didáticos, principalmente da rede pública de ensino, um modo *en passant*, “para dizer que não foi falado” de se trabalhar, e, por isso, sempre senti a necessidade de uma abordagem que fosse além da obrigatoriedade estabelecida.

Isso porque julgo que são mais importantes as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que eles falam do que as nomenclaturas ou conceitos que temos de ensinar para dar conta da seleção de conteúdos que constituem o currículo obrigatório. Ora, não faz sentido ensinar classificações a quem ainda não domina as habilidades de utilização da língua.

Entretanto, sabemos que à linguagem estão intrinsicamente ligados processos sociais e que nela refletem os interesses de classes dominantes, isso porque ela constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder¹. Assim, a escola emerge como um espaço essencial para garantir o acesso à norma-padrão², muitas vezes sendo o único ambiente onde os estudantes podem acessá-la.

Desse modo, promover esse acesso à escola é crucial não apenas para ampliar as possibilidades de inclusão social e econômica, mas também para combater as

¹ Conforme Gnerre (1992).

² O conceito de norma será discutido detalhadamente na seção 2.4 desta dissertação.

desigualdades reforçadas pelo domínio exclusivo da norma-padrão por uma parcela privilegiada da sociedade, mesmo porque, a escola é sim lugar do conhecimento científico, mas também de produção de subjetividade e de mudança pessoal, coletiva e social.

A linguagem é, pois, um lugar de comunicação e interação, mas é certo que as regras da norma-padrão não cobrem a realidade linguística, por isso, o ensino precisa se atualizar às mudanças da língua. Pensando nesta concepção de linguagem, em que a língua não é homogênea³, e que os sujeitos se constituem como tais na interação com outros – por meio da linguagem⁴ – uma simples seleção de conteúdos e sua reprodução em sala de aula não têm sentido de ser.

Nestes quase vinte anos em que leciono, trago comigo, e percebo que muitos colegas também carregam consigo, a angústia de não saber ao certo como criar condições para que os alunos aprendam as variedades que não conhecem, ou de que não têm contato. Considerar que há sim um “capital linguístico”⁵ me parece o caminho mais profícuo, mas como fazê-lo?

A verdade é que durante a escolarização, muitas vezes, somos corrigidos pelo professor e acabamos repetindo os padrões quando nos tornamos, também, professores. Repetimos a relação de prestígio e de estigma que trouxemos conosco da nossa escolarização. Sendo assim, ressignificar e redirecionar o ensino da língua em sala de aula, nas salas de aula **nas** quais eu ainda estarei, foi, com certeza o grande impulso que justifica esta pesquisa. Afinal, como bem escreveu Drummond, “o português são dois”, e é nesse outro — no “mistério” — que buscamos novas possibilidades para compreender e ensinar a língua em toda a sua pluralidade.

Nesse sentido, este estudo tem por objetivo principal a intervenção em uma sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, em direção da Pedagogia da Variação Linguística (conforme Zilles e Faraco, 2015), a partir da investigação da alternância entre os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular, *tu/você*, e da variação na concordância verbal com o pronome *tu*, à luz da teoria da Sociolinguística Variacionista (conforme Labov, 2008 [1972]) e da Sociolinguística Educacional (conforme Bortoni-Ricardo, 2022; Faraco, 2008; Coelho, Monguilhott, Pires de

³ Conforme Labov (2008[1972]).

⁴ Conforme Bakhtin (2004).

⁵ Conforme Bourdieu (2008).

Oliveira, 2017; Vieira, 2013, 2017, 2018, entre outros), visando à elaboração, execução e análise de uma proposta pedagógica.

A pesquisa justifica-se por considerar que a localidade a ser investigada é caracterizada pela alternância pronominal com preferência para o uso do pronome *tu* na fala (conforme Loregian, 1996; Rocha, 2010; Davet, 2013; Scherre *et al.*, 2015). Entretanto, pelo que se tem observado nos textos orais e escritos dos alunos, o pronome *você* tem estado presente recorrentemente em sala de aula, além do uso variável da concordância com o pronome *tu*. São consideradas como variantes de tal fenômeno a alternância entre os pronomes *tu* e *você* e a marcação canônica⁶ e não canônica da concordância verbal com o pronome *tu*.

Intentamos, inicialmente, identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam a alternância entre *tu* e *você* e os usos na marcação da concordância verbal com o pronome *tu* na amostra da pesquisa que será detalhada no capítulo 3. A partir disso, será elaborada, executada e analisada uma proposta pedagógica com estratégias que estimulem o uso consciente da língua, com ênfase nos fenômenos em estudo, para que possamos sugerir reflexões aos alunos, de modo a colaborar para a construção de conhecimentos sobre a língua materna na perspectiva da Pedagogia da Variação Linguística.

Para tanto, conforme Zilles e Faraco (2015) afirmam, não podemos perder de vista uma perspectiva integradora das várias dimensões do ensino, porque falar em Pedagogia da Variação Linguística não é propor uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos, mas sim estimular uma reflexão focada nestas questões.

Obviamente, não se pode compreender a educação apenas como vetor de criação de valor econômico. É preciso vê-la principalmente como uma experiência sociocognitiva que dá acesso amplo ao universo das práticas socioculturais em toda a sua diversidade, universo este em que as linguagens (e a linguagem verbal em especial) têm papel constitutivo. Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver, precisamente, com o ensino da língua – um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas, ou seja, o conjunto de variedades escritas e faladas constitutivas da chamada norma culta (o que pressupõe, inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas características no Brasil contemporâneo) (Zilles; Faraco, 2015, p. 9).

⁶ No contexto desta dissertação, o termo *canônico* será empregado como sinônimo de padrão, referindo-se à variedade considerada como modelo, associada à gramática normativa.

Para esta pesquisa, realizamos um estudo a partir dos gêneros do discurso oral — júri simulado e debate regrado — e do discurso escrito — entrevista escrita e anúncio publicitário — com alunos de duas turmas de oitavo ano de uma escola localizada no Município de Biguaçu, Grande Florianópolis. Nessa escola, eu leciono a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura como professora do quadro permanente do Estado de Santa Catarina, desde 2019. O *corpus* principal do trabalho foi composto por textos orais e textos escritos, produzidos pelos alunos a partir de uma unidade de ensino, a ser descrita, posteriormente. Além disso, investigamos o que os livros didáticos, as gramáticas e os documentos oficiais norteadores nos fornecem sobre nosso objeto de estudo.

Os fenômenos linguísticos escolhidos para analisarmos costumam ser trazidos pelas gramáticas normativas — e até mesmo por algumas gramáticas descritivas — e pelos livros didáticos de maneira não variável, sendo predominantemente pautados naquilo que chamam de norma-padrão da língua. Apesar disso, segundo Menon (1995, p. 92), “embora o uso de você seja uma realidade na maior parte do Brasil, ainda subsistem áreas mais ou menos definidas, onde a vitalidade do uso de tu é característica do(s) dialeto(s)”. É, justamente isso o que ocorre na Grande Florianópolis, lócus desta pesquisa, como apontam alguns estudos (conforme Loregian, 1996; Rocha, 2010; Davet, 2013; Scherre *et al.*, 2015).

Para a investigação e discussão acerca do objeto de estudo, consideramos pertinente retomar alguns dos conceitos de norma e gramática, bem como a perspectiva da Pedagogia da Variação Linguística e sua importância para o ensino da Língua Portuguesa.

É necessário desconstruir modos equivocados de pensar a prática pedagógica com a linguagem, sendo preciso a prática da Pedagogia da Variação Linguística, partindo do pressuposto de que não existe erro nos usos que os falantes fazem de sua língua materna. Para isso, precisamos considerar a diversidade linguística e o fato de que a língua é, sim, formada por várias normas.

Segundo Cagliari (2009, p. 32), “Ninguém fala errado o português, fala diferentemente. Todos os falantes sabem disso por experiência própria, só a escola insiste em ver as coisas erradamente”. No entanto, a escola ainda vê a língua, muitas vezes, de modo homogêneo a partir da dicotomia do certo ou errado.

Constantemente, em sala de aula, nos deparamos com questionamentos sobre os usos variáveis de diferentes objetos linguísticos, incluindo as formas do pronome

de segunda pessoa do singular e da concordância verbal com o *tu*. Uma das maiores motivações para esta pesquisa foi uma situação por mim vivenciada em sala de aula. O ocorrido foi em uma escola localizada no município de Biguaçu, na região metropolitana de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. A localidade é uma das mais antigas da região, com influências predominantes da colonização açoriana, que deixou um legado significativo na arquitetura, culinária, folclore e tradições locais.

Nesta escola, um aluno do sexto ano do Ensino Fundamental II, durante uma aula de Língua Portuguesa, aproximou-se da minha mesa para pedir que eu escrevesse um bilhete a sua mãe, explicando que ele não estava errado em usar o pronome *tu* para se referir a alguém durante uma conversa. Segundo o relato, a mãe brigava e o deixava de castigo cada vez que ele usava o tal pronome. O bilhete foi escrito, mas o incômodo com aquela situação seguiu comigo.

Outra motivação vem por conta dos manuais de gramática e dos livros didáticos utilizados nestes anos em que leciono. Em geral, há uma convergência para a mesma perspectiva quanto ao fenômeno em estudo, sendo que os manuais trazem, em sua maioria, apenas a forma canônica, ou seja, o pronome *tu* como representante da segunda pessoa do singular e o verbo assim flexionado, na segunda pessoa do singular, sem qualquer reflexão sobre os usos variáveis. Isso, conseqüentemente, gera confusão tanto no processo de ensino quanto no de aprendizagem.

A maioria das gramáticas de tradição normativa, e até mesmo algumas descritivas, trazem o pronome de segunda pessoa como sendo apenas o *tu*, o *você* aparece como pronome de tratamento. Algumas das gramáticas descritivas, como a de Perini (1995), já trazem como pronome de segunda pessoa *você*, e até a possibilidade do *cê*. Assim, parece certo que a variação pronominal e a variação na concordância verbal com o pronome *tu* ocorrem, sendo assim, os fenômenos analisados podem apresentar-se dos seguintes modos:

Variação *tu/você*

1. Uso de *tu* como pronome de segunda pessoa do singular.

(1) tá certo o que **tu** falou sobre a quantidade de metano [...] (A14MT1J)⁷

⁷ Identificaremos os exemplos por códigos que remetem ao informante e ao gênero textual. O aluno será identificado pela última letra do último sobrenome, seguida de um número em ordem crescente, além das letras F, quando feminino, e M, quando masculino. Por fim, haverá o indicativo da turma à

2. Uso de *você* como pronome de segunda pessoa do singular.

(2) Como **você** falou que o boi libera o gás metano [...] (A11FT1J)

Concordância verbal com o *tu*

1. Verbo com flexão canônica de segunda pessoa (*tu*).

(3) **Tu achas** que os consumidores de bovinas e carnes no geral [...] (T1MT1D)

2. Verbo sem flexão canônica de segunda pessoa (*tu*).

2.1 Verbo sem morfema distintivo (*tu*).

(4) [...]Se **tu quer** comer carne de forma saudavel [...] (N2MT2A)

2.2 Verbo com flexão de segunda pessoa do plural.

(5) Por que que **tu não pensastes**, vamos se dizer num médico [...] (N4FT2J)

De acordo com o Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras (Bechara, 2011, p. 645), a palavra “gramática” tem, entre outros significados, ser um livro em que se expõe sistematicamente as regras que presidem o uso normativo culto da língua. Para elucidar a definição, o dicionário traz o seguinte exemplo “Consulte uma boa gramática sempre que tiver dúvidas sobre algum fato da língua” (Bechara, 2011, p. 645). Mas será que, de fato, nossas dúvidas podem ser sanadas ao consultarmos uma gramática? E que tipo de gramática devemos consultar?

Aos manuais de gramática, cabe a função de regular e estabelecer padrões pertinentes à língua: essa é a acepção que nos trazem os dicionários e o que aprendemos nas salas de aula no decorrer de nossa educação formal. O que acontece é que, das mais antigas às mais modernas gramáticas, o que se tem sobre o uso do pronome de segunda pessoa do singular é um tanto divergente entre si, sendo que as chamadas normativas tendem a negligenciar o uso real da língua.

Assim, é perceptível a ambiguidade contida nos manuais que respaldam o ensino da Língua Portuguesa, bem como nos documentos norteadores, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se confunde já na definição de *gramática* e de *norma*, mostrando que há um verdadeiro imbróglio quando se referem ao termo.

qual ele pertence, T1 ou T2. Quanto ao gênero do discurso, os códigos são: D para debate, J para júri simulado, E para entrevista e A para anúncio.

Com a pesquisa que realizamos, podemos conhecer a comunidade de fala analisada e fazer uma atualização dos dados, contribuindo para o aprofundamento e a análise das questões que permeiam esse objeto nos dias atuais, comparando resultados dos trabalhos já realizados com amostras recentes de fala e escrita. Ademais, essa é uma questão que emerge do cotidiano escolar com o qual buscamos contribuir por meio da proposta pedagógica elaborada e aplicada para lidar na sala de aula com essa variação.

Esta dissertação está assim organizada: na próxima Seção 1.1, apresentamos a questão de investigação; as hipóteses da pesquisa e indicamos os objetivos gerais e específicos. O referencial teórico será detalhado no Capítulo 2 e a metodologia da pesquisa, apresentada no Capítulo 3. No Capítulo 4, analisamos os dados coletados, no Capítulo 5, trazemos a proposta pedagógica indicando os resultados alcançados. Por fim, encerramos com as considerações finais e as referências bibliográficas.

1.1 QUESTÃO, HIPÓTESES E OBJETIVOS

1.1.1 Questão de investigação

Como os estudantes utilizam os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* e a concordância verbal com o pronome *tu* em contextos de oralidade e escrita e de que maneira atividades de reflexão linguística em sala de aula, acerca desses fenômenos linguísticos, podem promover uma Pedagogia da Variação Linguística?

1.1.2 Hipóteses Gerais

- a. Na oralidade e na escrita, os alunos apresentarão comportamentos diversificados no que tange ao uso e à variação dos pronomes *tu* e *você* e à concordância verbal com o *tu*.
- b. A nossa hipótese é de que, tanto na oralidade, quanto na escrita, o uso de *tu* será majoritário nos gêneros menos formais, já nos gêneros mais formais, o *você* prevalecerá, corroborando os resultados de Menon e Loregian-Penkall (2004). O estudo das autoras apontou que em regiões em que o *tu* é majoritário, o *você* ocorre em contextos de maior formalidade, caso da localidade investigada (conforme Menon, 1995, Loregian, 1996, Davet, 2013 e Rocha, 2010)

- c. De acordo com Loregian (1996), os contextos linguísticos e sociais são relevantes no condicionamento da concordância verbal canônica e não canônica com o pronome *tu*. A nossa hipótese é de que isso também ocorrerá em nossa amostra. Entretanto, contrariamente aos resultados da pesquisa da autora, nossa hipótese vai ao encontro do que atestou Rocha (2010, p.79) de que está havendo um “progressivo apagamento da marca verbal de segunda pessoa na maioria dos verbos.” Assim, pressupomos que a concordância verbal não canônica com o *tu* será predominante nos textos orais e escritos a serem analisados.
- d. Atividades pedagógicas diversas levarão os estudantes a refletirem sobre a heterogeneidade da língua, em especial sobre o fenômeno de variação dos pronomes *tu* e *você* e da concordância verbal com o *tu* nas práticas de oralidade e escrita dos alunos, promovendo uma maior conscientização sobre a diversidade linguística e sobre a valorização das variedades. Tal hipótese baseia-se nos pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2022) que enfatizam a importância de reconhecer e valorizar a variação linguística como um elemento fundamental na promoção de uma educação linguística inclusiva, bem como nos pressupostos de Faraco (2008) que argumentam que o ensino da língua portuguesa deve considerar as diversas normas e usos reais da língua em diferentes contextos sociais.

1.1.3 Objetivo Geral

Realizar uma intervenção em sala de aula, na perspectiva da Pedagogia da Variação Linguística (conforme Zilles e Faraco, 2015), na disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental II, a partir da investigação da alternância entre os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular *tu/você* e da variação na concordância verbal com o pronome *tu*, à luz da Teoria da Variação e Mudança Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e e Labov (2008 [1972]).

1.1.4 Objetivos Específicos

- Aplicar uma unidade didática para coletar dados e verificar a alternância entre os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular *tu/você* e a variação da concordância verbal com o pronome *tu* na oralidade e na escrita de alunos do Ensino Fundamental II.
- Analisar os dados coletados a partir da unidade didática aplicada, considerando os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha do pronome de segunda pessoa do singular e da concordância verbal com o pronome *tu*.
- Propor estratégias para a implementação de uma Pedagogia da Variação Linguística, a partir de uma unidade didática reflexiva, com gêneros orais e escritos, a fim de que os alunos desenvolvam sua competência comunicativa nas situações de uso da fala e da escrita.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma visão geral da base teórico-conceitual que julgamos relevante para dar suporte à abordagem do objeto em estudo deste trabalho. O capítulo assim se organiza: (i) A teoria da Variação e Mudança Linguística; (ii) Revisão da literatura; (iii) A Sociolinguística e os gêneros do discurso: conexões para uma prática educacional integrada; (iv) As normas e as gramáticas; (v) A variação linguística nos documentos oficiais; e, por fim, (vi) Pronome de segunda pessoa do singular e concordância verbal com *tu* em livros didáticos.

2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM), desenvolvida por Labov (2008 [1972]) em colaboração com Weinreich e Herzog, estabelece que a língua é intrinsecamente heterogênea e dinâmica, refletindo não apenas estruturas linguísticas, mas também as forças sociais, culturais e históricas que moldam as práticas comunicativas dos falantes. Essa teoria fundamenta a ideia de que a variação linguística é sistemática e estruturada, sendo ao mesmo tempo uma manifestação sincrônica de mudanças linguísticas em curso.

Sua relevância para este trabalho reside na possibilidade de investigar como as práticas linguísticas dos falantes refletem e interagem com seu contexto social, destacando a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular e da concordância verbal com *tu*, que evidencia, também, identidades, pertencimentos e dinâmicas regionais. A TVM permite, portanto, não apenas descrever a variação observada, mas compreender os fatores que a condicionam.

Ao romper com a visão tradicional de um sistema linguístico estática e unificado, a TVM traz uma abordagem inovadora para os estudos acerca da língua, integrando fatores linguísticos e extralinguísticos em uma análise unificada. Para tanto, Labov (2008 [1972]) utilizou métodos da sociologia, da psicologia e da antropologia, desenvolvendo técnicas para estudar a língua, muito influenciado por Uriel Weinreich, seu orientador no mestrado e no doutorado.

Em 1966, então, Labov, Weinreich e Herzog escreveram juntos o ensaio *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, em que os autores romperam com a divisão estabelecida por Saussure entre sincronia e diacronia,

fazendo algumas críticas ao pensamento estrutural sincrônico. Segundo Paiva e Duarte (2006),

Ao identificar a mudança como face sincrônica da variação, [...] rompem com as fronteiras entre sincronia e diacronia. O entrelace dos dois eixos permite, então, um passo teórico importante: as evidências da variação sincrônica passam a constituir um excelente laboratório para a compreensão de mudanças já completadas, ocorridas no passado (Paiva e Duarte, 2006, p.139).

Foi assim que, com os estudos de Labov e a colaboração de seus parceiros, o advento da Teoria da Variação e Mudança, também chamada de Sociolinguística Variacionista, se consolida. De acordo com sua teoria, a língua é construída por seus falantes e concebida como um fenômeno social variável, cuja heterogeneidade é estruturada. Para Labov,

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do por que o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço [...] nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística... seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo (Labov, 2008 [1972], p. 47).

Essa abordagem revolucionou a compreensão da língua em seu contexto social, desafiando visões tradicionais e oferecendo uma perspectiva mais dinâmica e contextualizada sobre como as pessoas se expressam verbalmente em suas comunidades de fala. Segundo Labov (2008[1972]) a comunidade de fala é formada por falantes reais, composta por fala heterogênea e diversificada, sendo, portanto, a variação linguística natural à linguagem.

Como afirmam Coelho *et al.* (2010), na visão de Labov,

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante- -ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. A busca por julgamentos intuitivos homogêneos é falha. Os linguistas não podem continuar a produzir teoria e dados ao mesmo tempo. Para lidar com a língua, é preciso olhar para os dados de fala do dia a dia e relacioná-los às teorias gramaticais o mais criteriosamente possível, ajustando a teoria de modo que ela dê conta do objeto (Coelho *et al.*, 2010, p. 22).

Para Bortoni-Ricardo e Almeida (2022, p. 22), “[...] se o homem está sempre evoluindo, mudando sua aparência, suas ideias, seus valores, bem como a sociedade, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas”. Assim, a língua não

é uma estrutura acabada, ao contrário, ela é mutável e está sempre em variação e mudança. Tais variações e mudanças ocorrem, também, por influência da realidade dos falantes: para Coelho *et al.* (2015, p. 11), “[...] a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros”.

Mesmo com a heterogeneidade e a variabilidade, a língua é um objeto de estudo científico, pois é formada por regras categóricas e variáveis que definem o funcionamento de determinada língua. Muitas vezes, estas regras não são aquelas encontradas nos manuais normativos, mas que são as identificadas e estudadas pela Sociolinguística.

Não há dúvidas de que as regras prescritas na maioria das gramáticas não cobrem a realidade linguística e, por isso, devem se atualizar às evoluções evidentes da língua, pois “no sentido linguístico, o falante nativo não costuma errar, ou seja, não costuma produzir construções que não sejam intuitivamente possíveis, salvo exceções, quando sob forte pressão psicológica” (Scherre, 2005, p. 121).

No entanto, de acordo com os mitos linguísticos, apresentados por Bagno (2007), os brasileiros não sabem falar português, além de considerarem-no muito difícil. Porém, segundo o próprio autor, o que há é um problema histórico, já que “as gramáticas foram escritas possivelmente para descrever e fixar como ‘regras’ e ‘padrões’ as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração” (Bagno, 2007, p. 64).

Tais gramáticas sempre foram os instrumentos que majoritariamente respaldaram a elaboração de materiais didáticos levados às salas de aula que, por sua vez, costumam servir de referência nas aulas ministradas pelos professores de Língua Portuguesa. Ora, se há um problema histórico quanto a essas gramáticas, conforme exposto por Bagno (2007), os materiais didáticos irradiam tal problema, o que, conseqüentemente reflete no ensino.

É, principalmente, a partir desta problemática, que consideramos pertinente discutir aqui a Sociolinguística Educacional, que, conforme Bortoni-Ricardo (2022), trata-se de uma área da Sociolinguística que busca entender e atuar sobre as relações entre língua, sociedade e educação. Sua principal proposta é considerar as variedades linguísticas existentes em uma sociedade, especialmente aquelas de menor prestígio, e transformar essas diferenças em recursos educacionais, mesmo

porque, de acordo com Labov (2008 [1972]), as variedades linguísticas não são erros, mas sistemas estruturados próprios de uma comunidade linguística.

Para Bortoni-Ricardo (2022, p. 225) “a Sociolinguística já é ‘Educativa’ pela sua própria natureza” e, em específico no Brasil, a autora denomina a Sociolinguística Educativa como sendo

[...] todos os esforços de promover a competência linguística e comunicativa de crianças que não são expostas às variedades de prestígio da língua materna em sua família e que as vão aprender na escola, seguindo a orientação da Sociolinguística Educativa (Bortoni-Ricardo; Silva, 2022, p. 225).

Deste modo, segundo esta autora, a Sociolinguística Educativa desempenha um papel fundamental no processo de ensino da língua portuguesa ao promover a competência comunicativa e linguística. Ela rompe com a visão elitista da norma-padrão, integrando as diversas formas de uso da língua em contextos sociais, com destaque para o ensino escolar. Neste viés, os papéis de aluno e de professor precisam ser enxergados pela perspectiva da pedagogia da autonomia (cf. Paulo Freire, 2011). Assim, segundo Bortoni-Ricardo (2022, p. 228), “O professor sabe que seus alunos devem ter primazia no processo escolar e também que há sempre algo a aprender nesse processo”. Isso quer dizer que o aluno deve ser o ponto de partida no processo de ensino e de aprendizagem e sua voz precisa ser ouvida. No entanto, será que é possível, de fato, darmos voz aos estudantes que, por vezes — por diversas vezes — foram, e continuam sendo silenciados no espaço que lhes deveria dar voz?

Segundo Cyranka (2022), quando os nossos alunos seguem não obtendo êxito na aprendizagem, sentindo-se incapazes de falar e de escrever, não é suficiente que o professor fique apenas repetindo o que já ensinou. Isso ocorre porque “Enquanto se repete vai-se fortalecendo a voz do outro e enfraquecendo a do repetidor, até que ela se apague e morra” (Cyranka, 2015, p. 31). Cabe aqui retomarmos Paulo Freire, quando este afirma que ouvir os alunos é “captar a linguagem deles e, necessariamente, seus temas, que vêm através de suas palavras de sua sintaxe. É claro, exatamente porque a linguagem é um problema de classe social” (Freire, 2011, p. 245).

Corroboram com esta discussão Zilles e Faraco (2015, p. 10) ao afirmarem que, quando falam em Pedagogia da Variação Linguística, não estão

[...] propondo uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos, mas tão somente estimulando uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português sem

perder de vista [...] uma perspectiva integradora das várias dimensões desse ensino.

Por esse ponto de vista, Zilles e Faraco (2015) apontam para uma concepção integradora para o ensino de Língua Portuguesa, que considera a variação linguística como parte essencial do processo, sem fragmentar o ensino em abordagens isoladas. Ao afirmarem que não estão "propondo uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos", os autores criticam uma possível segmentação artificial do ensino, em que cada aspecto da língua seria tratado de forma independente – por exemplo, separando rigidamente gramática normativa, variação linguística, gêneros textuais, entre outros.

Neste sentido, segundo Zilles e Faraco (2015), para a construção de uma Pedagogia da Variação Linguística, busca-se uma reflexão integrada e focada em como a variação linguística pode ser inserida no ensino do português de forma contextualizada e significativa. Tal perspectiva integradora busca articular as diversas dimensões do ensino da língua, respeitando os diferentes usos e variedades da língua portuguesa sem reduzir o ensino a um simples debate entre norma-padrão e variação.

Algumas etapas para a construção desta Pedagogia da Variação Linguística, tais como objetivos, conteúdos e métodos, são sugeridos por Vieira (2013, p. 65), ao propor as seguintes reflexões:

Como contemplar, em sala de aula, a diversidade linguística expressa nas normas de uso que se afiguram na percepção e na produção de nossos estudantes? Como contemplar as diversas variedades, sem desmerecer as trazidas pelos alunos, nem a elas se limitar? Como trabalhar as variantes linguísticas sem desconsiderar um dos objetivos maiores do ensino de língua portuguesa, o de desenvolver a competência de leitura e produção textual — em toda a sua diversidade de tipos, gêneros, registros, variedades e modalidades consoante as possíveis situações sociocomunicativas?

Vieira (2013) postula sinteticamente algumas respostas para as questões educacionais básicas no tangente ao ensino da variação linguística. Tais questões, de acordo com a autora, são: (i) para que ensinar (objetivos); (ii) o que ensinar (conteúdos); (iii) como ensinar (metodologia). Nessa tentativa de sugerir alguns pressupostos, ela aponta como objetivo geral do ensino de Língua Portuguesa o desenvolvimento da competência de leitura e de produção de textos.

Já como objetivos específicos, a autora sugere o desenvolvimento do raciocínio científico sobre a estrutura gramatical e a observação do funcionamento social da língua. Além disso, Vieira (2013, p. 67) afirma que “toda a diversidade de tipos e

gêneros, nos diferentes registros, variedades, modalidades, consoante as possíveis situações comunicativas deva ser objeto, ou **conteúdo**⁸ do ensino”. Assim como propõe Geraldi (1997), Vieira (2013) também sugere que o texto seja o ponto de partida para o ensino de Língua Portuguesa, funcionando, deste modo como pressuposto metodológico para a Pedagogia da Variação Linguística.

Corroborando os pressupostos metodológicos postulados por Vieira (2013), Faraco em entrevista à Coelho, Monguilhott e Pires de Oliveira (2017, p. 18) afirma que “[...] falta muito ainda quanto à construção de efetivas alternativas didáticas, uma efetiva e sistematizada pedagogia da gramática” Apesar disso, já avançamos muito no que propõe a Sociolinguística Educacional, uma vez que diversas variedades, das mais privilegiadas até as de menor prestígio social, parecem estar mais presentes nas salas de aula como possibilidades de usos linguísticos.

2.2 REVISÃO DA LITERATURA

Segundo Faraco (1996), as mudanças na forma do pronome de segunda pessoa iniciaram-se pelo correspondente à segunda pessoa do plural, o *vós*. De tal modo, por motivos como convenções sociais e idade, o pronome *vós* poderia ser usado para se referir a um ou mais interlocutores, contanto que tal forma de tratamento fosse respeitosa ao se dirigir a pessoas mais velhas ou de posições hierárquicas mais elevadas. Já o *tu* deveria ser utilizado entre aqueles que ocupassem posições hierárquicas de mesmo nível ou por um superior a seu inferior, de modo que o contrário seria considerado uma ofensa. Menon (1995) avalia esta relação estabelecida entre a distinção de uso entre *tu* e *vós* bem marcada:

Para se entender a noção de marca, deve-se levar em conta que uma pessoa não podia empregar *tu* ao se dirigir a outra, desconhecida. Isso seria violar as regras de conduta da sociedade da época, por ter a forma *tu* um uso bem específico, em casos bem determinados. Ao contrário, a forma *vós* podia ser empregada mais largamente por não ter restrições de uso, sendo assim menos marcada: não se transgride nenhuma regra social, não se ofende ninguém com um tratamento respeitoso (Menon, p. 93, 1995).

Com as transformações na sociedade, a partir do pronome *vós*, foram introduzidas formas mais respeitosas para se dirigir ao rei, como por exemplo, o *vossa mercê* e o *vossa senhoria*, que, segundo Faraco (1982, *apud* Menon, p. 94, 1995) “são

⁸ Grifos conforme o original.

criações tipicamente medievais, que refletem duas das principais instituições medievais: a *mercê* do rei (o qual distribuía a justiça e a proteção real) e o *senhorio*, ou o poder feudal [...]”. Tais formas de tratamento, com o tempo, passaram a ser utilizadas pela população em geral, pois foram sendo modificadas na sociedade portuguesa, de modo que os nobres as utilizavam tratando-se entre si e, conseqüentemente, no intuito de imitá-los, as classes de posição social inferiores repetiam esta atitude. De tal modo, o *vossa mercê* sofreu mudanças fonéticas, passando por diferentes formas até chegar ao pronome *ocê*.

[...] *Vossa Mercê* desapareceu do uso honorífico das Cortes em 1490. Já estava sendo empregado por uma parcela considerável da população, provavelmente ainda com valor respeitoso, mas sem a dignidade de forma honorífica. Essa expansão no uso vai acarretar mudanças de ordem fonética na expressão. Vários autores já se ocuparam das diferentes formas da evolução *Vossa Mercê* >*ocê* (e por conseguinte *cê*, no PB) no português do Brasil e de Portugal (Nascentes, 1956; Amaral, 1920; Faraco, 1982; Paiva Boléo, 1946; Rodrigues Lapa, 1970; entre outros). É importante destacar que a forma *ocê*, oriunda de uma forma honorífica, seguiu uma trajetória de modificação de valor ao lado da modificação fonética. No entanto, sempre foi uma forma de se dirigir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo (Menon, 1995, p. 95).

Já na maior parte do território brasileiro, o *ocê* sempre foi empregado como tratamento íntimo, possivelmente, segundo Menon (1995, p. 95) “[...] em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa”. Assim, o *ocê* entrou na língua portuguesa como uma forma derivada do tratamento *Vossa Mercê*, que originalmente era utilizado em contextos formais e assimétricos, indicando respeito e distanciamento. Com o passar do tempo, *Vossa Mercê* foi se desgastando e simplificando, dando origem a formas reduzidas como *vosmecê* e, depois, *ocê*.

A partir do século XIX, o *ocê* começou a assumir propriedades pronominais, concorrendo diretamente com o *tu*, que era mais utilizado em relações íntimas e simétricas. O *ocê*, nesse período, passou a ser empregado tanto em contextos formais quanto informais, ganhando popularidade como uma forma mais neutra e menos marcada emocionalmente do que o *tu*. Conforme Souza (2024, p. 78), a origem do pronome *ocê* encontra-se em “processos históricos definidos por uma estruturação social influenciada diretamente pelo modo como as pessoas se utilizavam desses termos em suas formas de tratamento e na sua busca por reconhecimento pessoal ou por status social”.

Aos poucos, o *ocê* foi se tornando parte integrante do português brasileiro por meio de um processo histórico e sociolinguístico marcado por mudanças sociais e culturais. Sua popularização reflete a evolução da sociedade brasileira, onde as formas de tratamento linguístico passaram a expressar novas dinâmicas, mesmo porque, segundo Faraco (1996, p. 52) “mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais”.

Apesar de no atual português brasileiro, na maioria das regiões, o *ocê* prevalecer como representante da segunda pessoa do singular, de acordo com Scherre *et al.* (2015, p. 135), o *tu* é mais utilizado do que se supõe, “trata-se de um *tu* brasileiro, que, em muitas comunidades, instaura-se sem concordância expressa na forma verbal (*tu fala*), de forma diferente do que registra a tradição gramatical (*tu falas*).” Ainda, segundo estes autores, o *tu* com concordância padrão é utilizado em alguns contextos de formalidade e em algumas regiões do país.

Há, também, a presença de *tu* com concordância, em graus variados, motivada pelo contexto de mais formalidade ou pelo aumento da escolarização, especialmente onde o pronome *tu* é reconhecido como de uso natural à comunidade local, em especial, em Santa Catarina, no Amazonas, no Maranhão e no Rio Grande do Sul (Scherre *et al.*, 2015, p. 135).

No estudo sobre a variação entre os pronomes *tu* e *ocê*, Scherre *et al.* (2015, p. 141) realizaram uma síntese da distribuição dos subsistemas do pronome de segunda pessoa por região e estado. Em relação à região Sul, no Rio Grande do Sul utilizou-se mais o *tu* (80%) com concordância canônica baixa, de 3% a 7%.

Em Santa Catarina, o pronome *tu* também foi o mais utilizado (70%), com um número mais significativo de concordância canônica, um total de 43% a 60%. Neste estado, foram contabilizados dados com a utilização de alternância entre *tu* e *ocê* (*tu* de 50% a 55%). Nesses casos, a concordância verbal canônica com o *tu* é de apenas cerca de 2%, o que nos faz cogitar a possibilidade de que, quando os falantes utilizam os dois pronomes de segunda pessoa do singular, a conjugação verbal não canônica prevalece. Já no Paraná, apenas o pronome *ocê* foi utilizado.

A outra região do país em que o uso do *tu* prevaleceu foi a Norte, no estado do Amazonas há cerca de 65% de uso *tu*, sendo 4% com concordância canônica. No estado do Pará, os índices foram ainda maiores, sendo 70% de pronome *tu* com 43% de concordância com a segunda pessoa do singular.

De modo geral, segundo Scherre *et al.* (2015), é nas regiões dos extremos, Norte e Sul que encontramos mais *tu* com concordância baixa, sendo o Amazonas o

representante da região Norte e o Rio Grande do Sul o representante da região Sul. Já o subsistema *mais tu* com concordância alta é representado pelo Pará na região Norte e por Santa Catarina na região Sul.

Ressaltamos que os autores Scherre *et al.* (2015) referem-se às formas que não foram conjugadas na segunda pessoa do singular na forma padrão como “sem concordância”, entretanto, optamos por identificá-las como “sem concordância padrão/canônica” e “sem morfema distintivo”.

Loregian (1996, p. 91) também faz referência às formas sem concordância de segunda pessoa do singular com o pronome *tu* como sendo “sem concordância”. Ela verifica se há ou não a concordância verbal considerada padrão na fala da região Sul do Brasil em Florianópolis, Porto Alegre e no Ribeirão da Ilha, um bairro de Florianópolis onde a cultura e algumas marcas linguísticas do açoriano são muito presentes.

[...] incluímos em nossa amostra as duas capitais do Sul, onde o pronome *tu* é utilizado para estabelecer a referência de segunda pessoa do singular. Incluímos também um bairro no interior de Florianópolis, chamado Ribeirão da Ilha, que analisamos como uma terceira localidade, devido ao fato de os informantes “ribeironenses” não pertencerem à zona urbana, como é o caso das duas capitais e, conseqüentemente, devido ao menor contato externo daqueles. Outro motivo pelo qual analisamos os moradores do Ribeirão da Ilha separadamente dos informantes de Florianópolis é que naquela localidade a cultura açoriana ainda é muito forte, onde os nativos ainda mantêm vários costumes e hábitos que são manifestados também através da linguagem. E, sendo uma das características do português açoriano o uso do pronome *tu* com sua respectiva concordância verbal, achamos válido testar esse corpus separadamente (Loregian, 1996, p. 91).

Loregian (1996) conclui com sua pesquisa que, em Florianópolis, a concordância canônica com o pronome *tu* se mantém bastante presente, sendo que o índice em Florianópolis é de 40% e no Ribeirão da Ilha de 57%. Já em Porto Alegre, o mesmo não aconteceu: nessa capital o pronome *tu* vem predominantemente acompanhado de verbo sem flexão de segunda pessoa do singular, sendo apenas 4% com a forma canônica.

Loregian-Penkal (2004) em sua (Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul, pesquisou cidades do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A pesquisadora apontou que nas cidades investigadas de Porto Alegre e de Santa Catarina houve uma distribuição equitativa dos pronomes *tu* e *você*, já em Curitiba, o uso do *você* foi categórico, de modo que essa localidade foi excluída de sua análise. Em seus resultados, de um total de 203 informantes, 8 fizeram uso do

tratamento zero e 91 foram categóricos no preenchimento do sujeito, destes, 78 utilizaram somente o *tu* e 15 utilizaram somente o *você*.

No tangente à concordância verbal com o pronome *tu*, o total de dados nas cidades que compõem a amostra utilizada por Loregian-Penkall (2004) foi de 4090, sendo assim distribuídos: 709 ocorrências de verbos com concordância canônica, contabilizando também a concordância canônica modificada, e 3381 ocorrências de verbos sem concordância canônica.

Faraco (2008) corrobora com Loregian (1996) e Scherre *et al.* (2015), quando afirma que, quando os gaúchos optam pelo *tu* como pronome de segunda pessoa, a norma é o uso de *tu* com verbo sem morfema distintivo, portanto, o comum é que eles digam “tu vai, tu disse, tu pode, tu correu etc”. Segundo o linguista, apenas em um contexto em que os falantes tenham um leve grau de distanciamento, passam a utilizar o verbo com a concordância canônica, de modo que dizem “tu vais, tu disseste, tu correste etc”.

(...) as formas de segunda pessoa, com a criação do pronome você(s), ou foram abandonadas (como o pronome vós); ou ficaram restritas geográfica e socialmente (como o pronome tu, que, além disso, passou a combinar variavelmente com formas verbais de segunda ou de terceira pessoa); ou foram recicladas (como o possessivo vosso, que permanece corrente em Portugal, muito embora não se use mais o vós e suas respectivas formas verbais; ou como o pronome lhe(s) que passou a ocorrer também com um sentido de segunda pessoa e, nesta situação, perdeu seu caráter apenas de objeto indireto) (Faraco, 2006, p. 22).

De acordo com Davet (2013), que pesquisou a concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis na fala de residentes de comunidades da região central, da Costa da Lagoa, do Ribeirão da Ilha e dos Ingleses, 76% dos informantes da amostra que a pesquisadora analisou, utilizam apenas o *tu* como pronome de segunda pessoa do singular, 21% utilizam as duas formas pronominais, *tu* e *você* e, 3% optam apenas por *você*. Entretanto, no que se refere à concordância, diferentemente do que atestou Loregian (1996), dezesseis anos antes, as formas canônicas não foram as mais utilizadas, uma vez que o percentual de marcação não canônica foi de 85% e de marcação canônica foi de 9%.

Uma outra pesquisa realizada foi a de Rocha (2010), que, por meio de uma abordagem Sociolinguística Variacionista, analisou a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular nas comunidades de Ratonas e Santo Antônio de Lisboa, duas das primeiras comunidades fundadas por imigrantes açorianos que chegaram à

ilha na metade do século XVIII. Como resultado da análise de Rocha (2010), chegou-se ao percentual de 97% de uso do pronome *tu*, uso quase categórico, portanto.

Apesar de o pronome *tu* prevalecer nas localidades em que a pesquisa foi realizada, a marca de segunda pessoa do singular na conjugação dos verbos não foi a regra geral, em consonância com a pesquisa de Davet (2013), sendo que apenas 11% utilizaram a concordância com a segunda pessoa do singular e 89% não utilizaram a concordância com a segunda pessoa do singular. Assim, tanto Rocha (2010) quanto Davet (2013) obtiveram resultados distintos de Loregian (1996), o que nos mostra que a marca de identidade do “manezinho”⁹ tem mudado diacronicamente.

Contrariamente aos resultados de Rocha (2010) e Davet (2013), pesquisando as cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, Hausen (2000) concluiu que nestas localidades o *você* é mais empregado. Em sua pesquisa, das 2.155 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular nas entrevistas realizadas, 561 foram de *tu* e 1.595 de *você*. Quanto à concordância verbal com o *tu*, das 522 ocorrências, houve apenas 37 ocorrências de concordância canônica, as demais foram com verbo sem morfema distintivo.

Diferentemente do resultado de Hausen (2000), Franceschini (2011), que pesquisou as variáveis *nós/a gente* e *tu/você* na cidade de Concórdia, em Santa Catarina, apontou um predomínio do *tu* nos dados analisados. Em sua análise, obteve um total de 926 ocorrências do pronome de segunda pessoa, dentre estas ocorrências, 512 (55%) foram de *tu* e 414 de *você* (45%).

Já Traesel (2016) investigou as formas dos paradigmas de *tu* e *você* na fala de adolescentes do bairro Ingleses, localizado na cidade de Florianópolis, e concluiu com seus resultados que há um uso majoritário do paradigma de *tu* por aqueles que são nascidos em Florianópolis ou Porto Alegre.

Saindo da região Sul e indo para a região Sudeste, podemos retomar as pesquisas de Silva (2017) - que pesquisou a variação *tu* e *você* no município de Ressaquinha, Minas Gerais, e de Modesto (2006) — cuja pesquisa foi sobre a alternância entre o *tu* e o *você* na cidade de Santos, em São Paulo. Ambos os pesquisadores identificaram que o *você* é o pronome de segunda pessoa do singular mais usado nas localidades investigadas. Deste modo, a primeira pesquisadora encontrou 579 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular no *corpus*

⁹ Manezinho é como são conhecidos os nativos da cidade de Florianópolis.

analisado, sendo 61,5% de uso do pronome *você* e 38,5% do pronome *tu*. Quanto ao segundo pesquisador, ele identificou em seu *corpus* um total de 708 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular, sendo 67% de ocorrências do pronome *você* e 32% ocorrências do pronome *tu*.

Chegando ao Norte do Brasil, retomamos as pesquisas de Martins (2010) e de Nogueira (2021). Enquanto Martins pesquisou a alternância entre *tu*, *você* e *senhor*, no Município de Tefé, no Estado do Amazonas, Nogueira (2021) dedicou-se a pesquisar o *tu* e o *você* nos sete Estados que compõem a Região Norte a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil. Nos resultados de Martins (2010) houve predominantemente o uso do *tu*, com um percentual de 64,5%, sendo que desse índice, apenas 3,7% o utilizou com concordância canônica.

Com resultados bem diferentes, a análise de Nogueira (2021) demonstrou que na Região Norte o pronome *você* é mais usual do que o pronome *tu*, isso porque obteve um total de 77,3% das ocorrências. Quando o pronome *tu* ocorre, é majoritário seu uso sem a concordância canônica, com 18,5% das ocorrências.

A respeito da Região Nordeste do Brasil, de acordo com as pesquisas consultadas, o pronome *você* tem um percentual maior de utilização do que o pronome *tu*. Nascimento (2017) pesquisou os condicionadores de *tu* e *você* na fala popular de Salvador e Amargosa, municípios localizados no Estado da Bahia, e teve como resultado a preferência pelo pronome *você*, com um percentual de 92,2% de ocorrências contra 7,8% do pronome *tu*.

Outro pesquisador que investigou este fenômeno na Região Nordeste foi Silva (2019), em Alagoas, no Município de Coité da Noia. Ele obteve um total de 11% de uso do pronome *tu*, 71% de pronome *você* e 18% de *cê*.

Ao compararmos essas duas pesquisas, a de Nascimento (2017) e a de Silva (2019), constatamos que elas convergem para o mesmo resultado, de que, nas cidades do Nordeste que foram investigadas, a forma canônica para representar a segunda pessoa do singular - o pronome *tu*, não é predominante, sendo o pronome *você* o mais utilizado pelos entrevistados.

Em síntese, a análise dos dados sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* no português brasileiro, conforme apresentado por diversos estudiosos, revela um quadro de variação linguística fortemente influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos, o que reflete a complexidade da língua em diferentes regiões do território brasileiro.

Como podemos observar, os dados analisados demonstram que o uso dos pronomes *tu* e *você* e a concordância verbal associada variam significativamente entre as regiões do Brasil, sendo influenciados por fatores históricos, culturais e educacionais. Nas regiões Norte e Sul, especialmente em estados como Pará e Santa Catarina, o *tu* ainda mantém um espaço considerável, frequentemente com alguma forma de concordância canônica, especialmente em contextos de maior formalidade ou em comunidades com forte herança cultural. Contudo, mesmo nessas regiões, há uma tendência de uso do *tu* sem concordância canônica, refletindo um processo de mudança linguística em curso.

No Nordeste e no Sudeste, o *você* domina de forma quase absoluta, e a concordância canônica com o *tu* é praticamente inexistente. Esse padrão sugere uma convergência linguística em direção ao uso do *você* como norma, alinhada à concordância não canônica com o *tu*, simplificando a morfologia verbal e distanciando-se das formas tradicionais de segunda pessoa do singular.

Portanto, a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro não apenas reflete as diversidades regionais e sociais, mas também as dinâmicas de mudança linguística que atravessam o país. As pesquisas mostram que, enquanto em algumas regiões o *tu* resiste com maior ou menor grau de conformidade à norma-padrão, em outras, ele cede lugar ao *você*, reforçando a plasticidade e a adaptabilidade da língua portuguesa no Brasil.

É certo que o sistema pronominal do português brasileiro vem se alterando tanto na língua falada, quanto na língua escrita. No que tange ao pronome de segunda pessoa do singular, como observamos na revisão bibliográfica, há uma diversificação tanto na escolha entre *tu* e *você*, quanto na variação da concordância verbal com o *tu* — ora feita com a concordância padrão, ora sem morfema distintivo, ou seja, concordância não padrão.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA E OS GÊNEROS DO DISCURSO: CONEXÕES PARA UMA PRÁTICA EDUCACIONAL INTEGRADA

Considerando que o texto deve ser o ponto de partida para um ensino de Língua Portuguesa que vise à Pedagogia da Variação Linguística, é importante que aproximemos os gêneros do discurso à Sociolinguística. Para isso, podemos retomar um importante documento normativo para a educação no Brasil, a Base Nacional

Comum Curricular (BNCC). Este documento é organizado em *Campos de Atuação e Práticas de Linguagem* diretamente relacionados aos gêneros do discurso. Cada campo de atuação da BNCC está associado a práticas de leitura, produção textual, análise linguística e habilidades específicas, adotando a perspectiva de que os gêneros são moldados pelo contexto de produção e pela interação social.

O documento enfatiza que o ensino de variação linguística deve ser encaminhado de forma contextualizada e reflexiva, considerando esses diversos campos de atuação discursiva, uma vez que o gênero reflete formas linguísticas atreladas ao contexto em que são produzidas.

Ao discutirmos sobre variação linguística e gêneros do discurso é primordial que falemos sobre Labov (2008 [1972], entre outros) e sobre Bakhtin (2003 [1979]¹⁰, entre outros), que, embora originários de contextos teóricos distintos, enfocam a linguagem como um fenômeno social. O primeiro concentra-se na variação linguística, destacando como fatores sociais e linguísticos interferem nas mudanças da língua. O segundo, por outro lado, com uma análise dos gêneros discursivos, enfatiza a natureza histórica e ideológica da linguagem, em que cada enunciado é uma resposta a um contexto social específico. A articulação das ideias desses dois teóricos pode oferecer um embasamento para práticas educacionais que valorizem a diversidade linguística e as múltiplas identidades que emergem nas interações verbais.

Severo (2009) compara as abordagens dos dois teóricos sociais da linguagem, Bakhtin e Labov, que, apesar de originarem-se de tradições diferentes — filosófica e empírica, respectivamente —, compartilham um interesse comum pela linguagem como um fenômeno social e em constante transformação. A autora destaca que, enquanto Bakhtin se aprofundou em uma análise social-marxista da linguagem, Labov focou em uma abordagem mais empírica e quantitativa, mais influenciada por Durkheim.

Sob esse prisma, Severo (2009) argumenta que, apesar das diferenças metodológicas e conceituais, é possível estabelecer um diálogo entre as duas abordagens, especialmente no que diz respeito à teoria sociológica, à metodologia de pesquisa, à variação linguística e à relação entre língua, sociedade e identidade. Ela sugere que uma articulação das duas teorias só é viável se a concepção de língua

¹⁰ Esta obra foi publicada originalmente em 1979, em Russo com o título *Estetika Slóviesnova Tvortchestva*. A primeira edição publicada no Brasil, em língua portuguesa, foi publicada em 1992.

adotada se relacionar intrinsecamente ao funcionamento da língua, à questão da identidade e ao contexto social.

Em relação à variação e mudança linguística, de acordo com Severo (2009), Bakhtin considera que a mudança linguística não é motivada por fatores linguísticos, mas sociais, históricos e ideológicos. Neste viés, para ele, a língua não é um sistema estático, mas um processo dinâmico e dialógico, sempre em evolução. Portanto, de acordo com o autor a língua é um fenômeno que se transforma em resposta às tensões e conflitos sociais, refletindo diferentes esferas de interação verbal. Estas interações, por sua vez, são determinadas pelas relações de produção bem como pela ideologia predominante em cada contexto histórico.

De acordo com Severo (2009), na perspectiva de Bakhtin, a mudança na língua está ligada à evolução do significado (ou signo), que é influenciado pelas condições socioeconômicas e pela luta entre forças centralizadoras e descentralizadoras dentro da língua.

Bakhtin/Voloshinov, por outro lado, vê as motivações para a mudança como sendo de cunho totalmente social, material e histórico, daí sua abordagem poder ser identificada como sociológica/marxista. E a variação/ mudança permeia a seguinte engrenagem: diferentes esferas sociais constituem diferentes formas de comunicação verbal, que se alteram e se produzem mútua e historicamente. Para Bakhtin/Voloshinov, a língua muda porque diferentes significados sociais são atribuídos aos elementos lingüísticos, fruto das relações (conflituosas) existentes entre diferentes grupos sociais. Nesse caso, o estudo da mudança deve levar em conta um olhar amplo sobre o funcionamento da sociedade atual, considerando a tensão existente entre os diversos grupos sociais (o que inclui as questões de gênero, etnia, raça, religião, condição econômica, escolaridade, idade, profissão, crenças e valores, etc) (Severo, 2009, p. 275).

Labov, por outro lado adota uma abordagem mais estruturada e empiricamente orientada para a variação e mudança linguística. Ele identifica duas principais motivações para a mudança: fatores internos ao sistema linguístico e fatores externos, como influências sociais e estilísticas (Severo, 2009). Labov reconhece que a língua muda tanto devido a pressões internas quanto a influências sociais, mas ele dá maior ênfase às estruturas formais da língua e à propagação de novas formas linguísticas através de padrões de uso. A variação, para o autor é, portanto, uma parte natural do funcionamento da língua, deste modo, ele busca sistematizar essa variação por meio de estudos quantitativos, focando em microestruturas como fonologia, morfologia, sintaxe e léxico.

A diferenciação entre Labov e Bakhtin acerca das motivações para a mudança permite reconhecer nesses autores diferentes perspectivas sociais sobre a língua: Labov não é categórico quanto à determinação social da mudança na língua, apesar de vê-la na visão de que a mudança é própria da língua. Para Labov não é sempre que a língua varia devido a forças sociais, cabendo também à própria estrutura da língua a possibilidade de modificações (Severo, p. 275, 2009).

Assim, apesar de abordarem de maneiras diferentes, tanto Labov quanto Bakhtin reconhecem que os indivíduos desempenham um papel crucial na linguagem. O primeiro considera os indivíduos como agentes de mudança, especialmente em suas escolhas estilísticas, enquanto o segundo vê os indivíduos como produtores de enunciados que refletem suas posições sociais e ideológicas.

Severo (2009) conclui que, embora ambos os estudiosos reconheçam a variação como um aspecto central da língua, as motivações e enfoques que cada um atribui a este fenômeno são bastante distintos. Labov combina fatores sociais e linguísticos em sua análise, enquanto Bakhtin foca nas forças sociais e ideológicas que moldam o discurso e, por conseguinte, a língua, o que nos revela diferentes perspectivas sobre como a língua funciona e como as mudanças nela ocorrem.

Seja por um viés mais *laboviano* ou mais *bakhtiniano*, parece certo que circundamos por diversas esferas da comunicação social, logo, dominamos gêneros discursivos variados, entretanto, com diferentes habilidades. Nesse viés, Geraldi (2014, p. 28) afirma que "Somos ao mesmo tempo competentes e incompetentes leitores e produtores de textos, dependendo de nossos campos de atividade e de nossa circulação pelos diferentes campos de atividade". O autor ainda complementa:

Quanto mais complexa a sociedade, mais se diversifica sua multiforme atividade e mais complexo é o conjunto de tipos relativamente estáveis de enunciados, ou gêneros de discurso, em circulação. Considerada esta diversidade (e especialização) própria das sociedades contemporâneas, podemos dizer que somos distintamente hábeis para o uso social da linguagem, pois este implica sempre o emprego de um gênero discursivo. Obviamente circulamos por diferentes campos ou esferas da comunicação social, e por isso dominamos gêneros discursivos variados. Mas não circulamos por todas as esferas com a mesma habilidade: como leitores pouco assíduos, certamente teremos maiores dificuldades de leitura – e praticamente seremos incompetentes para a produção – de enunciados extremamente técnicos e especializados no campo das engenharias, das matemáticas ou das artes visuais, quando outros o serão para áreas da pedagogia ou da filosofia (Geraldi, 2014, p. 28).

Essa reflexão de Geraldi (2014, p. 28) reforça a importância de compreendermos a linguagem como prática social, enraizada em diferentes campos de atividade humana. A partir dessa perspectiva, o ensino de língua portuguesa deve

considerar e valorizar a diversidade de gêneros discursivos com os quais os sujeitos interagem, considerando que esses domínios estão diretamente relacionados às suas vivências e às esferas sociais em que circulam. Assim, cabe à escola não apenas expandir o repertório de gêneros dos estudantes, mas também promover uma abordagem que desenvolve habilidades de leitura e produção textual nos mais variados contextos, permitindo que os aprendizes se tornem usuários mais críticos e competentes da língua.

Desde as décadas de 1970 e 1980, o ensino de português passou a ser questionado, com críticas ao modelo estruturalista que priorizava a correção gramatical em detrimento do desenvolvimento crítico e criativo dos estudantes. Giovani (2020) destaca a transição do enfoque tradicional na gramática para uma abordagem centrada na produção textual. Sob este viés, segundo a autora, a mudança da terminologia de "redação" para "produção de texto" reflete uma transformação conceitual significativa, em que a linguagem é vista não apenas como código, mas como interação social, essencial para a construção de significados.

Baseando-se em teóricos como Bakhtin, Dolz e Schneuwly, Giovani (2020) defende que o texto deve ser o centro do processo de ensino/aprendizagem. O texto, enquanto objeto de ensino, é entendido como uma unidade de sentido que dialoga com outros textos e contextos, o que exige dos alunos não apenas a compreensão da estrutura textual, mas também a habilidade de se situar dentro de uma cadeia contínua de produções discursivas. Esta perspectiva dialoga com a ideia de que o sujeito é tanto um produto da cultura quanto um agente ativo capaz de criar novos significados a partir de interações com textos e outros sujeitos.

Também Galdi (1997) propõe que, para realizar uma análise da linguagem eficaz, é necessário assumir diferentes "postos de observação". Essa expressão refere-se à ideia de que a análise linguística não deve se limitar a um único ponto de vista ou abordagem, mas deve considerar múltiplos contextos e perspectivas para compreender plenamente o fenômeno da linguagem.

O autor sugere que, para entender a linguagem em sua complexidade, é necessário adotar esses diferentes "postos de observação" ou pontos de vista. Isso implica que a análise da linguagem deve ser feita considerando não apenas o aspecto formal ou gramatical, mas também o contexto social, cultural e histórico em que a comunicação ocorre. Cada um desses "postos de observação" oferece uma perspectiva única sobre como a linguagem é usada e compreendida. Assim, assumir

diferentes postos de observação significa levar em conta o contexto social e cultural dos interlocutores.

Como vimos, a linguagem não é um sistema isolado, mas está profundamente enraizada em práticas sociais e culturais. Portanto, para uma análise completa, é preciso considerar como as normas e os valores culturais influenciam a produção e a interpretação dos discursos. Por conta disso, precisamos reconhecer a diversidade e o dinamismo da linguagem, deste modo, diferentes “postos de observação” podem ajudar a captar a variação linguística e a mudança ao longo do tempo.

Já que a linguagem é um fenômeno dinâmico e em constante evolução, a análise linguística deve refletir tal natureza multifacetada. Na prática educacional, assumir “diferentes postos de observação” pode significar promover uma abordagem mais abrangente ao ensino de línguas. Desta maneira, em vez de focar apenas em regras gramaticais, devemos considerar como os alunos usam a língua em diferentes contextos e para diferentes propósitos comunicativos, isso pode ajudar a desenvolver uma compreensão mais rica e contextualizada da língua.

Falar é formular enunciados, pois a comunicação humana se realiza por meio de enunciados, e não por palavras ou orações isoladas. Essa perspectiva, central à teoria *bakhtiniana*, destaca que o uso da linguagem é sempre situado e contextualizado. Para Bakhtin ((2003 [1979]), os gêneros do discurso estão profundamente enraizados nas condições sociais e históricas em que surgem.

Cada gênero reflete uma forma de interação verbal particular, que é moldada por fatores como classe social, profissão, e condições materiais. Embora a obra do Círculo de Bakhtin¹¹ apresente certa variação e indefinição nos termos que tratam dos gêneros discursivos, isso não implica a ausência de uma unidade conceitual. Ao contrário, esta flexibilidade terminológica reflete a complexidade e a dinamicidade das interações verbais e dos processos de comunicação.

A noção de gêneros discursivos, conforme discutida pelo Círculo, está intimamente conectada à interação verbal e à comunicação em contextos concretos. Esta perspectiva articula conceitos como língua, discurso, texto, enunciado e as diversas atividades humanas que os sustentam, reforçando o caráter social e histórico da linguagem. Segundo Bakhtin (2003, p. 282-283):

A língua materna, sua composição vocabular e sua estrutura gramatical não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de

¹¹ Grupo de intelectuais russos da antiga União Soviética.

enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.

De maneira análoga, para Marcuschi (2003) os gêneros discursivos desempenham um papel essencial na organização e na estabilização das interações comunicativas cotidianas. Apesar de serem amplamente adaptáveis e flexíveis, sua variedade de formas é tão extensa que, muitas vezes, não é possível atribuir a eles denominações precisas e universais.

Este enfoque permite que a linguagem seja vista não apenas como um sistema de signos, mas como um processo dinâmico, em que os sujeitos se constituem e são constituídos pela linguagem. No contexto educacional, isso sugere que os estudantes trazem consigo diferentes "gêneros" de fala e escrita, que devem ser reconhecidos e valorizados como expressões legítimas de suas identidades sociais.

Assim, a integração das perspectivas de Bakhtin e Labov na educação pode promover uma prática que reconhece a linguagem como um fenômeno socialmente situado e dinamicamente variável. Ao combinar a análise dos gêneros do discurso com a Sociolinguística, podemos desenvolver estratégias pedagógicas que valorizam ainda mais as vozes dos estudantes em sua diversidade e complexidade. Isto inclui a valorização de diferentes formas de fala e escrita, bem como a promoção de um ambiente onde todas as formas de comunicação são vistas como válidas e importantes para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Para que as diferentes formas de fala e de escrita sejam valorizadas no ensino, é necessário que norma e gramática convirjam para uma abordagem mais descritiva e inclusiva. Passemos agora para essa discussão.

2.4 AS NORMAS E AS GRAMÁTICAS

Não é de hoje que gramática e escola estão interligadas, esta relação, como conhecemos, vem desde o mundo greco-romano, sendo que, na Idade Média, a gramática já era uma das disciplinas do *trivium*. Segundo Zilles e Faraco (2015, p. 10), “a relação escola/gramática vem desde os gregos alexandrinos: foram eles que criaram, por volta do século II a.C., a gramática como disciplina autônoma, paralelamente a seus estudos de filologia, que se voltavam para a edição crítica dos textos de autores gregos [...]”. Mas podemos afirmar que os estudos gramaticais são

ainda anteriores: de acordo com Faraco (2006), “os babilônios, por exemplo, já se dedicavam a esse tipo de estudo por volta do ano 2.000 a. C. Os hindus e os chineses desenvolveram uma forte tradição gramatical por volta do século IV a. C”.

Quanto à gramática das línguas modernas, é no fim do século XV e início do século XVI, que se iniciam os estudos gramaticais das línguas vernáculas.

Já se impunha, nesse momento, a necessidade de se sistematizar uma descrição dessas línguas e de registrar uma referência normativa que atendesse aos objetivos de unificação linguística trazidos pela criação dos novos Estados unificados. Essas línguas, principalmente o português e o castelhano, estavam se tornando línguas imperiais e isso lhes dava novo status político a favorecer movimentos unificadores (Faraco, 2006, p. 19).

A gramática, desde os primórdios, era percebida como um instrumento para se aprender a variedade considerada modelo da língua, e o intuito dos primeiros gramáticos era estabelecer uma língua padrão. Mas, o termo gramática tem diferentes significados, apesar de ter uma grande generalização, de modo que a maioria dos falantes pensa ser gramática uma coisa só.

Segundo Antunes (2007), quando falamos em gramática, podemos estar falando:

a) das regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em: "a gramática do português"; nessa acepção, a gramática corresponde ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de "gramática internalizada"; b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: "a gramática da norma culta", por exemplo; c) de uma perspectiva de estudo, como em: "a gramática gerativa", "a gramática estruturalista", "a gramática funcionalista"; ou de uma tendência histórica de abordagem, como em: "a gramática tradicional", por exemplo; d) de uma disciplina escolar, como em: "aulas de gramática"; e) de um livro, como em: "a *Gramática de Celso Cunha*" (Antunes, 2009, p. 25).

Em resumo, de acordo com Antunes (2007), temos cinco definições para a palavra gramática, são elas: (i) um conjunto de regras que definem como uma língua funciona; (ii) um conjunto de normas que regulam o uso da norma culta; (iii) uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem; (iv) uma disciplina de estudo; (v) um compêndio descritivo-normativo da língua. Cada uma das acepções trazidas pela autora refere-se a uma coisa diferente, embora elas coexistam e tenham especificidades e particularidades que precisam ser diferenciadas, assim não existe uma gramática única.

Faraco (2020), em um curso produzido pela Parábola Editorial, *Norma culta brasileira*, relata que, quando lecionou no Ensino Médio, passou por uma experiência, pela qual a maioria de nós, professores de Língua Portuguesa — quiçá todos nós —

passamos: a de perceber que muitos conceitos ensinados não faziam sentido para os alunos. Diante dessa situação, começou a investigar para tentar entender as razões das distâncias que há entre os preceitos normativos e o senso linguístico dos alunos. Faraco (2020) nos questiona: “Por que nós insistimos na ênclise, quando a posição normal dos pronomes oblíquos no PB é a próclise? Por que insistimos que o verbo assistir, no sentido de ver, é transitivo indireto, quando no PB é transitivo direto?”

No livro *Norma culta brasileira*, desatando alguns nós, Faraco (2008) declara que norma é o termo que usamos nos estudos linguísticos para designar os fatos de língua usuais numa determinada comunidade de fala.

Em outras palavras, norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação [...] Como as normas são, em geral, fator de identificação do grupo, podemos afirmar que o senso de pertencimento inclui o uso das formas de falar características das práticas e expectativas linguísticas do grupo. Nesse sentido, uma norma qualquer, que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas (Faraco, 2008, p. 41).

Os diferentes grupos sociais podem ser distinguidos por meio da língua que utilizam, assim, se pensarmos na sociedade brasileira, tão heterogênea e estratificada, por exemplo, concluiremos que não há apenas uma norma linguística, mas variadas:

(...) como, por exemplo, normas características de comunidades rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, normas características de grupos juvenis urbanos, normas características de populações das periferias urbanas, e assim por diante. Um mesmo falante, como vimos, domina mais de uma norma (já que a comunidade linguística a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa (Faraco, 2008, p. 42).

Assim, a norma não é singular, porque a língua também não o é, são os critérios históricos, políticos e culturais que a definem. Com relação à norma linguística que prevalece no Brasil, ela possui, pelo menos, 150 anos de história, sendo muitas vezes vista de forma depreciativa pela sociedade. Durante o século XIX, parte significativa da elite educada aspirava seguir os padrões europeus e apoiava políticas externas ao “embranquecimento” do país, como forma de alinhar a sociedade brasileira aos valores e práticas europeias (cf. Pagotto, 1998; Faraco, 2011).

Faraco (2008), depois de definir o que é norma, debruça-se sobre três tipos: culta, padrão e curta. A primeira é composta por variadas normas, sendo um conjunto

de fenômenos linguísticos — fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos — que são comuns entre os falantes de uma determinada comunidade de fala. Já a segunda, alcunhada de norma-padrão, é um fenômeno linguístico decorrente dos esforços socioculturais e políticos relativos à padronização linguística. Por fim, a norma curta — tendo já sido chamada pelo autor de norma cultuada — trata-se de um conjunto de preceitos dogmáticos que não são respaldados nem mesmo por instrumentos normativos, mas servem como base para a cultura do erro.

Quanto à norma culta, conforme aponta Faraco (2015), a dificuldade em situá-la no contexto apropriado compromete a construção de uma visão mais ampla sobre as práticas de sua utilização. O autor destaca a importância de se ampliar o debate, tanto no âmbito político quanto conceitual, reconhecendo que a norma culta não deve ser tomada como um conceito fixo ou inquestionável, é fundamental abordá-la com um olhar crítico, revisitando sua trajetória histórica e enfrentando os obstáculos que permeiam seu uso.

[...] não negamos em nenhum momento a necessidade de garantir a todos o acesso à expressão culta. O que queremos questionar é precisamente o que devemos entender por 'expressão culta'. [...] tem passado batida, como se fosse consensual e transparente, quando ela é, na verdade, problemática, cheia de contornos obscuros não suficientemente discutidos nos documentos oficiais e nos próprios debates e reflexões que se fazem no meio universitário (Faraco, 2015, p. 21).

Em relação à norma curta, podemos defini-la, com base em Faraco (2008), como uma norma estreita, ou seja, uma norma prescritiva, de modo que o predomínio de uma visão estreita da língua tem sido marcante (cf. Faraco, 2008). Essa norma curta, que limita as possibilidades da língua ao estabelecer regras regulatórias e simplificadas, é imposta como referência não apenas no sistema educacional, mas também é amplamente reforçada por veículos midiáticos, revisores de editoras, manuais de redação de grandes jornais, cursos preparatórios para vestibulares e até por elaboradores de questões de concursos públicos. De tal maneira, a norma perpetua uma visão limitada e invariável do uso da língua, desconsiderando a diversidade linguística real e promovendo um modelo de correção e padronização, muitas vezes desatualizado.

No que se refere à norma-padrão, embora seja apenas um jogo de forças e conflitos, foi fixada no português brasileiro no século XIX de modo anacrônico e artificial. Segundo Faraco (2020), de um lado estava José de Alencar e o grupo daqueles que defendiam um abasileiramento da língua. Do outro lado, tínhamos

intelectuais e políticos, como Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, tomando como modelo a norma escrita dos autores do Romantismo português do início do século XIX, bem como dos autores clássicos do século XVI.

Mais tarde, a partir de 1922, os Modernistas, com os escritores da primeira geração, voltaram à “batalha” que envolveu José de Alencar no século XIX. Autores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade consideraram a língua como parte dos seus projetos estéticos. Podemos, também, mencionar Manuel Bandeira com alguns poemas em que criticou a distância entre a(s) norma(s) culta(s) e a padrão e trouxe forte influência da oralidade para a escrita.

Cervinskis (2020), em seu artigo intitulado Manuel Bandeira e o português do Brasil, afirma que, já no início do Modernismo, Bandeira posicionou-se a favor de um português do Brasil, uma variante do português, mas que conservou características da miscigenação, empreendida aqui pelo colonizador, defendendo que a fala do povo deveria ter lugar nos romances nacionais, como o fazia Mário de Andrade.

A procura dessa brasilidade perpassa toda obra poética de Bandeira, desde a valorização da cultura popular, do jeito de ser do brasileiro, até a defesa de um português do Brasil. E essa singularidade, na maneira de escrever e falar do brasileiro, foi assumida categoricamente por Manuel Bandeira, depois de impulsionada por Mário de Andrade, especialmente por meio das inúmeras crônicas que escreveu e da correspondência mantida com ele, por mais de 20 anos (Cervinskis, 2020, p. 134).

O livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, por exemplo, pode ser mencionado para pensarmos não apenas na reconstrução da visão de homem e de herói, mas também na língua, de modo que nos instiga a repensar a língua verdadeiramente brasileira.

Mas, apesar das diversas tentativas, como bem sabemos, a posição favorável ao abramileiramento do português foi vencida e um português brasileiro nunca conseguiu de fato se implantar na norma normativa, que é uma codificação relativamente abstrata, que serve de referência a projetos políticos de uniformização linguística.

A despeito das definições das diferentes normas da língua portuguesa, Faraco (2017) afirma que tanto a norma-padrão quanto a norma culta não existem de fato, nem por si só, tampouco no vácuo. Isso porque o que existe é, na verdade, um jogo de forças e conflitos (econômicos, sociais e políticos) necessários para que ocorra a compreensão da própria dinâmica da língua. Ao contrário de uma visão estática e prescritiva, a norma é um construto social, resultado de relações de poder e de

práticas discursivas, portanto ela não é uma entidade neutra, mas sim um instrumento de dominação e de exclusão social.

Deste modo, não é possível uma única gramática normativa para a língua portuguesa, e, se as diferenças surgem é porque as variedades cultas são diversas e dinâmicas, mudando continuamente ao longo do tempo. Para Faraco (2015, p. 29) “[...] nenhum estudioso (gramático, linguista ou dicionarista) tem o poder da onisciência. Captará sempre alguns usos, nunca a totalidade dos usos cultos.”

Em uma análise da Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, escrita por Cegalla (2008[1964]), notamos que o *tu* é o único pronome pessoal do caso reto apresentado pelo autor, referente à segunda pessoa do singular, bem como as conjugações verbais lá mencionadas referem-se apenas a este pronome. Assim, a utilização do pronome *você*, segundo a gramática de Cegalla, restringe-se a tratamento. Rocha Lima (2010 [1972]), na Gramática normativa da Língua Portuguesa, no capítulo intitulado *Conceito de pronomes*, também se refere apenas ao *tu* como representante da segunda pessoa do singular, “Pronomes pessoais são palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las. A primeira pessoa, aquela que fala, chama-se *eu*, a segunda *tu*, que é a com quem se fala [...]” (Lima, 2010, p. 156). Mais à frente, no capítulo intitulado *Emprego de pronomes*, quando empregado como sujeito, o *você* é considerado como segunda pessoa do singular

O pronome *você* pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela com quem se fala, posto que o verbo com ele concorde na forma da 3ª pessoa. Tal ocorre em virtude da origem remota do pronome (*vossa mercê*). A concordância faz-se com o substantivo *mercê*, como nos tratamentos de reverência (*Vossa Majestade*, *Vossa excelência*, etc.); é com os substantivos e não com o possessivo (*vossa*) que se estabelece a concordância (Lima, 2010 p. 386).

Ainda neste capítulo, Lima (2010), quando faz referência aos pronomes possessivos, o *você* aparece junto do pronome *ele*, uma vez que, segundo o autor, os pronomes possessivos relacionam-se com as pessoas gramaticais, desse modo, a correspondência que o autor faz é a seguinte:

Quadro 1 – Pronomes pessoais do caso reto e pronomes possessivos, conforme Lima (2010)

<i>eu</i>	<i>meu(s)</i>	<i>minhas(s)</i>
<i>(tu</i>	<i>teu(s)</i>	<i>tua(s)</i>
ele (você)	seu(s)	sua (s)
<i>nós</i>	<i>nosso(s)</i>	<i>nossa(s)</i>
vós	vosso(s)	vossa(s)
<i>eles (vocês)</i>	seu (s)	sua (s)

Fonte: Lima (2010, p. 386)

Assim, de acordo com a *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, construções do tipo *você pode levar teu caderno*, ou *tu podes levar seu caderno* estão fora da norma-padrão, uma vez que a única possibilidade por ela aceita seria a construção *tu podes levar teu caderno*, pois utiliza as formas canônicas *tu* e *teu*.

No caso da Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra (2001[1985], p. 201), no quadro de pronomes pessoais do caso reto, a segunda pessoa do singular é representada apenas pelo *tu*, e o *você* aparece no quadro dos pronomes de tratamento, como um pronome de tratamento que *vale por “um verdadeiro pronome pessoal”*. Há nessa gramática um item intitulado “*Empregos dos pronomes de tratamento da segunda pessoa*”, neste item afirma-se que o *tu* é empregado como forma própria da intimidade:

Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa (Cunha; Cintra, 2001, p. 291).

Ainda de acordo com a Gramática de Cunha e Cintra (2001), no português do Brasil, o *tu* foi, em quase todo o território brasileiro, substituído por *você*, ficando o *tu* restrito ao extremo Sul do país e alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.

Já na Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, de José Carlos de Azeredo (2013[2008]), tanto o *tu* quanto o *você* são trazidos como pronomes pessoais do caso reto.

As formas *eu / nós e você / vocês / tu / vós* referem-se aos seres como atores da interlocução; por isso só podem referir-se a seres humanos ou - como acontece nas fábulas - a seres personificados (...). A classe dos pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para os três grupos de funções: (a) os retos, para as funções de sujeito e predicativo: *eu / tu / você / ele / ela / nós / vós / vocês / eles / elas* (...) (Azeredo, 2013, p. 175).

De acordo com Azeredo (2013, p. 264), tanto *tu* quanto *você* são formas de tratamento, uma vez que podemos nos dirigir aos nossos interlocutores de diferentes modos, de acordo com as relações afetivas ou sociais que acontecem no momento da interação. Segundo ele, é com estas formas de tratamento que “o enunciador geralmente fornece a primeira pista do registro de linguagem que pretende se situar”.

Algumas são protocolares ou ritualizadas (prezado cliente, senhores e senhoras) usadas apenas como vocativos dirigidos a um público diferenciado; outras revelam que o enunciador identifica o perfil social do interlocutor e o individualiza (doutor, colega). Também ritualizadas – mas não protocolares – são as formas geralmente empregadas por oradores, cantores, etc. quando se dirigem à ‘massa’ presente em comícios e shows (pessoal, gente, galera) (Azeredo, 2013, p. 264).

Para o autor da Gramática Houaiss, o uso do pronome *tu* prevalece apenas em algumas regiões dos estados do Nordeste e do Sul, sendo *você* a forma pronominal característica da interlocução coloquial na maior parte do território brasileiro. Ele afirma, também, que no Rio de Janeiro o *tu* ocorre de par com *você*, porém, quanto à concordância verbal, sempre sem morfema distintivo ¹².

Você / vocês é a forma pronominal característica da interlocução coloquial na maior parte do território brasileiro; em alguns estados do Nordeste e da região Sul prevalece o uso de *tu*. Em algumas regiões – notadamente no Rio de Janeiro – *tu* ocorre de par com *você*, combinados sempre com verbos na terceira pessoa (*Tu / você* ainda não viu nada), possibilitando ainda sequências como *Se você quiser, eu te empresto o carro. Você / Vocês* podem ser empregados em todas as posições sintáticas (Azeredo, 2013, p. 264).

Na Gramática descritiva do Português, de Mário A. Perini, (1995, p. 277), *você* é a forma representante da segunda pessoa do singular, referindo-se dessa maneira “Vamos chamar aqui pronomes os ‘pronomes pessoais’ da gramática tradicional, ou seja, eu, você, vocês, ele, ela, eles, elas, nós etc.”

¹² Apesar de alguns autores utilizem a nomenclatura “verbos na terceira pessoa do singular”, nesta dissertação, optamos por utilizar “verbos com morfema não distintivo/verbos sem morfema distintivo”.

Embora essa perspectiva de Perini reflita a tendência predominante no português brasileiro falado em regiões centrais, a exclusão de *tu* como pronome legítimo de segunda pessoa reduz a complexidade do sistema pronominal do português e minimiza a coexistência e o dinamismo das formas de uso. Tal abordagem pode ser interpretada como uma simplificação excessiva da realidade linguística no Brasil.

Na Pequena Gramática do Português Brasileiro, de Castilho e Elias (2019[2012]), os autores trazem um quadro dos pronomes pessoais no português brasileiro em que aparecem como pronome de segunda pessoa do singular *você*, *ocê* e *tu*.

Na segunda pessoa do singular, *tu* tem sido substituído por *você*, que deriva da expressão de tratamento *Vossa Mercê*. A forma *vosmecê* varia com *vosmicê*, *vossuncê*. *Vossa Mercê* era um tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar *Vossa Majestade* para ele, lembrando decerto aos burgueses que uma força tinha sido convenientemente erigida defronte ao paço caso eles resolvessem repetir a gracinha (Castilho; Elias, 2019, p. 91).

Observemos, agora, o que Bagno (2013) escreve no *box O que não ensinar na escola*, na Gramática de bolso do Português brasileiro:

Não tem cabimento ensinar a conjugação nas pessoas *tu* e *vós*: caso elas ocorram nos textos a serem lidos em sala de aula, a professora pode explicar que *tu* é de uso restrito, que *vós* não se emprega há séculos em lugar nenhum onde se fala português no mundo. Além disso, é preciso deixar claro que *você* é a forma considerada “neutra” empregada de maneira não-marcada, ao passo que *tu* pode ser tomado, em algumas situações, como uma forma agressiva ou grosseira, por indicar excesso de intimidade (Bagno, 2013, p. 205).

Além destas gramáticas normativas e descritivas, analisamos também outras duas gramáticas direcionadas à sala de aula, a Gramática Prática (Michaelis) e a Nova Gramática para o Ensino Médio. A primeira, de autoria de Clóvis Osvaldo Gregorim, mestre em linguística e doutor em Educação, foi distribuída às Escolas Estaduais para serem disponibilizadas nos acervos das bibliotecas. A edição analisada foi a de 2011 e traz em seu prefácio que preconiza fornecer subsídios para estudantes e servir como guia prático para estudos individuais. Acerca dos pronomes de segunda pessoa do singular, consta no quadro dos pronomes pessoais retos apenas o *tu*, já no quadro dos pronomes de tratamento, o *você* fica de fora, sendo mostrado apenas em uma “nota” como sendo usado no trato familiar ou íntimo. Vejamos:

Quadro 2 – Pronomes pessoais, conforme Gregorim (2011)

Número	Pessoa	Retos	Oblíquos Átonos	Oblíquos Tônicos
Singular	1 ^a	Eu	me	mim, comigo
Singular	2 ^a	Tu	te	ti, contigo
Singular	3 ^a	ele, ela	se, lhe, o, a	si, consigo, ele, ela
Plural	1 ^a	nós	nos	Conosco
Plural	2 ^a	Vós	vos	Convosco
Plural	3 ^a	eles, elas	se, lhes, os, as	si, consigo, eles, elas

Fonte: Gregorim (2011, p. 276)

Já a Nova Gramática para o Ensino Médio, de Pereira *et al.* (2017), com prefácio de Evanildo Bechara, propõe-se a ser como um guia teórico e prático sobre temas da língua portuguesa, trazendo reflexões e práticas, sendo dirigido a professores e alunos com propostas didáticas. O exemplar analisado foi o manual do professor e, nele, o quadro de pronomes pessoais do caso reto é composto apenas pelo *tu* como pronome de segunda pessoa do singular, bem como na gramática analisada anteriormente. Entretanto, diferentemente da Gramática Michaelis (2011), Pereira *et al.* (2017) se refere a *você* como sendo um pronome de tratamento considerado de segunda pessoa.

De acordo com as definições trazidas pela Nova Gramática para o Ensino Médio (2017), pronomes pessoais são aqueles que identificam a pessoa do discurso (a que fala, aquela com quem se fala, a de quem se fala), e se dividem em retos e oblíquos.

Em relação aos pronomes de tratamento, essa mesma gramática alega que se enquadram nos pronomes pessoais e dizem respeito à posição que a pessoa ocupa na sociedade (traz como exemplo rei e papa). Ora, *você*, que já foi *vossa mercê*, não tem mais a função de referenciar a posição ocupada pelo sujeito na sociedade, logo, está bem claro que, caso queiramos classificar o pronome *você*, ele se encaixaria na definição de pronome pessoal do caso reto e não na de pronome de tratamento.

Para facilitar a visualização e a compreensão dos resultados obtidos, elaboramos um quadro que reúne as principais análises realizadas sobre as gramáticas selecionadas. Este quadro apresenta, de forma organizada, informações como o nome do autor, o ano de publicação, o título da gramática e o tratamento dado

aos pronomes de segunda pessoa do singular, bem como à concordância verbal com *tu*. A utilização do quadro permite destacar as diferentes abordagens e perspectivas adotadas pelos gramáticos, evidenciando tanto as tendências normativas quanto as descrições mais alinhadas às práticas linguísticas do português brasileiro contemporâneo.

Quadro 3 – Síntese dos pronomes de segunda pessoa do singular e concordância verbal com *tu*, conforme algumas gramáticas do PB

Autor	Ano	Tu	Você	Concordância com <i>tu</i>
Cegala	2008 [1964]	Único representante do pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de tratamento	Apenas a concordância padrão
Rocha Lima	2010 [1972]	Pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de segunda pessoa do singular	Prioriza o uso da concordância canônica desconsiderando construções não padrão
Cunha e Cintra	2001 [1985]	Único representante do pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de tratamento, restrito ao uso coloquial na maior parte do Brasil	Reforça a concordância normativa em contextos escritos
Mário Perini	1995	Único representante do pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de terceira pessoa	Não identificada Segundo o autor: “raramente se usam no português padrão brasileiro de hoje, e portanto não os explicarei”
Gregorim	2011	Único representante do pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de tratamento	Apenas a concordância padrão
Castilho e Elias	2019 [2012]	Pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de segunda pessoa do singular (inclui também a possibilidade de “ocê”)	Não identificada
Azeredo	2013 [2008]	Pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de segunda pessoa do singular	Observa o uso frequente de formas não canônicas na oralidade
Bagno	2013	Pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de segunda pessoa do singular	Observa o uso frequente de formas não canônicas na oralidade
Pereira et al.	2017	Pronome de segunda pessoa do singular	Pronome de tratamento considerado de segunda pessoa	Apenas a concordância padrão

Fonte: Elaborado pela autora

Sabemos que, por conta de um currículo impositivo, o uso efetivo da língua, por vezes, é deixado de lado e substituído por regras gramaticais ensinadas, baseando-se em manuais como os citados acima. Ora, se considerarmos o que eles nos trazem, o que deve ser seguido? Como já afirmado, as normas são muitas, não teria como uma única norma dar conta de tanta heterogeneidade linguística.

2.5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Inicialmente analisamos nesta seção o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos orientadores para o ensino, recomendam para uma reflexão gramatical na prática pedagógica durante o Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa:

Na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalinguística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino-aprendizagem. Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano uma prática pedagógica que vai da metalingua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la (Brasil, 1998, p. 28).

A orientação trazida pelos PCN é de que a gramática tradicional não seja a referência para a seleção dos conteúdos durante a análise linguística, isso porque o que devemos ensinar deve partir de uma reflexão feita pelos próprios alunos e mediada por nós, professores, o que “[...] implica, muitas vezes, chegar a resultados diferentes daqueles obtidos pela gramática tradicional, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos atuais da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 29).

No que tange à questão da variação linguística na prática pedagógica, os PCN evidenciam que devemos “[...] refletir sobre os fenômenos de linguagem, particularmente os que tocam a questão de variação linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua”. (Brasil, 1998, p. 59). Com uma concepção discursiva da linguagem, a proposta nos orienta a levar os alunos a pensar sobre a linguagem para que eles possam, também, compreendê-la, de modo que a utilizem adequadamente nos diversos contextos.

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta — diferentes práticas sociais das quais se pode participar. Por outro lado, a conversa de bar na época atual diferencia-se da que ocorria há um século, por exemplo, tanto em relação ao assunto quanto à forma de dizer, propriamente — características específicas do momento histórico. Além disso, uma conversa de bar entre economistas pode diferenciar-se daquela que ocorre entre professores ou operários de uma construção, tanto em função do registro e do conhecimento linguístico quanto em relação ao assunto em pauta (Brasil, 1998, p. 22).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que além de estabelecer conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os alunos da educação básica devem desenvolver ao longo de sua formação, norteia a elaboração dos currículos escolares de todas as redes de ensino, conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 13.415/2017).

No tocante ao eixo da Análise Linguística/Semiótica, o documento apresenta um quadro referente a todos os campos linguísticos relacionados à ortografia, pontuação, conhecimentos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos), entre outros. No item variação linguística, temos:

Quadro 4 - Variação linguística na BNCC (I)

Variação linguística	Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.
----------------------	--

Fonte: Brasil (2017, p. 83)

Em todo o documento, podemos encontrar alguns trechos que fazem referência ao fenômeno de variação, mas, no componente de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, aparece explicitamente como objeto de conhecimento apenas três vezes, dentro do eixo Análise Linguística/Semiótica e uma vez no eixo Oralidade.

Quadro 5 – Variação linguística na BNCC (II)

Habilidades	Objetos de conhecimento	Práticas de linguagem
(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. (p.113)	Variação linguística	Oralidade
(EF69LP55) p.161 Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.	Variação linguística	Análise linguística/semiótica
(EF69LP56) p.161 Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.	Variação linguística	Análise linguística/semiótica
(EF09LP12) p.191 Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.	Variação linguística	Análise linguística/semiótica

Fonte: Brasil (2017, p. 113, 161 e 191)

Além dessas quatro habilidades, dos eixos Análise linguística/Semiótica e Oralidade, percebemos que a habilidade (EF09LP10), pertencente também ao eixo *Análise linguística/semiótica*, traz como objeto de conhecimento a coesão. Entretanto, ao sugerir “comparar as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial” (BRASIL, 2018, p. 191), essa habilidade propõe a variação linguística, uma vez que recomenda a contraposição entre as diferentes variedades linguísticas coloquiais e a norma-padrão da língua.

Quadro 6 - Variação linguística na BNCC (III)

Habilidades	Objetos de conhecimento	Práticas de linguagem
(EF09LP10) Comparar as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial.	COESÃO	Análise linguística/semiótica

Fonte: Brasil (2017, p. 191)

Nessa habilidade mostrada no Quadro 6, embora o objeto de conhecimento informado tenha sido a coesão, percebemos que a variação linguística também é considerada. Isso porque a análise da habilidade da BNCC que propõe a comparação entre as regras de colocação pronominal na norma-padrão e o seu uso no português brasileiro coloquial envolve tanto a compreensão dos mecanismos de coesão textual quanto a reflexão crítica sobre a variação linguística. A coesão textual é garantida pelo uso adequado de pronomes, pois eles funcionam como mecanismos coesivos, retomando ou antecipando informações no texto para evitar repetições e garantir a fluidez. No que diz respeito à norma-padrão, as regras estabelecem um posicionamento rígido dos pronomes, como o uso da ênclise, próclise e mesóclise, conforme o contexto gramatical.

No entanto, no uso coloquial do português brasileiro, há padrões mais flexíveis e informais, refletindo uma construção linguística natural no cotidiano. Venezio (2024, p. 14), em sua análise da BNCC, observa que esta competência “[...] evidencia a variação estilística e a adequação das diferentes variedades ao interlocutor e à prática social materializada nos diferentes gêneros do discurso/textuais”. Esta comparação entre os usos permite a análise mais crítica da variação linguística, bem como a compreensão dos contextos de adequação.

Apesar dessas habilidades analisadas contemplarem a variação linguística, para Ramos e Silva, a BNCC trata a norma-padrão mais próximo daquilo que é preconizado pelas gramáticas tradicionais, afirmando que essa norma nem sempre será a mesma do uso efetivo do português falado. Ora, se um documento que fornece as diretrizes para o ensino afirma que há essa diferença entre a norma-padrão e a norma não padrão, por que motivos as gramáticas mais descritivas e os livros

didáticos com os quais os alunos têm contato seguem, na maioria das vezes, mostrando apenas a forma padrão como adequada? Segundo Ramos e Silva (2022):

Essa indefinição quanto ao conceito de norma-padrão persiste na habilidade (EF09LP10), mas agora, a redação da habilidade, ao solicitar que o estudante compare 'as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial', parece fortalecer a hipótese de que o que documento chama de 'norma-padrão' é o que as gramáticas tradicionais preconizam, haja vista que essa é contraposição ao 'uso no português brasileiro coloquial'. Acreditamos que, mais uma vez, o documento faz referência à variação estilística, pois o termo 'coloquial' está associado ao registro da fala (Ramos; Silva 2022, p. 16).

Assim, o imbróglio quanto a conceito vai além da questão de norma-padrão. Também acerca do conceito de variação linguística na BNCC encontramos uma outra problematização, isto porque podemos perceber que ele não é claramente definido e nem devidamente aprofundado. Tal indefinição pode reforçar uma interpretação comum no ambiente escolar, em que a variação é vista como comum de erro linguístico, direcionando a atenção apenas para as variedades consideradas estigmatizadas (cf. Venezio, 2024).

Diante dessas lacunas e inconsistências, é possível perceber que a variação linguística na BNCC ainda demanda uma abordagem mais robusta e coerente. A ausência de uma definição clara, assim como a limitação no tratamento da variação linguística nos diferentes eixos de ensino, resulta em uma visão restritiva da língua, que desconsidera sua natureza diversa e dinâmica.

Tal fragilidade pode reforçar percepções equivocadas, perpetuando estigmas em relação às variedades linguísticas e limitando a formação de uma consciência reflexiva sobre a língua como prática social. Para que essas questões sejam melhor trabalhadas, seria fundamental um aprofundamento conceitual e metodológico na abordagem da variação linguística na BNCC, de modo a integrá-la de forma consistente ao processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo-a como parte constitutiva e fundamental da linguagem.

2.6 PRONOME DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR E CONCORDÂNCIA VERBAL COM *TU* EM LIVRO DIDÁTICO

Nesta seção, intentamos analisar como o trabalho com os pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* é proposto no livro didático *Teláris essencial*, da Editora Ática, das autoras Trinconi, Bertin e Marchezi, aprovado pelo PNLCD com

vigência de 2024 a 2027. Tal escolha se deu, pois foi este o livro que o grupo de professores da escola em que eu leciono indicou para trabalhar nos próximos quatro anos letivos. Além disso, para a análise, escolhemos a obra destinada ao sexto ano do Ensino Fundamental II, porque, em geral, o quadro pronominal da Língua Portuguesa é apresentado neste ano.

Este livro didático, como todos os aprovados pelo PNLD, tem a BNCC como norte, portanto as competências e habilidades são os conceitos base. As competências dizem respeito à mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos) e as habilidades às práticas cognitivas e socioemocionais. Destacando o protagonismo do estudante, propõe a formação integral como sujeito reflexivo e crítico, que se prepara para a participação cidadã na sociedade, valorizando os conhecimentos prévios dos estudantes.

Quanto às concepções de língua e de gramática, o livro se propõe a sistematizar a norma-padrão em comparação com usos coloquiais, em busca de uma prática situada em condições reais de comunicação. Segundo a proposta apresentada pelas autoras, norma-padrão é aquela que segue mais de perto as normas da gramática normativa. É uma variedade utilizada/empregada em várias esferas de circulação jornalística e da qual o estudante tem de se apropriar.

Embora as autoras afirmem seguir de perto as normas da gramática normativa, para Faraco (2008, p. 44), no que diz respeito às normas, “não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desdobramentos, entrecruzamentos”. Ou seja, não tem como existir uma norma pura ou estática, isso porque elas absorvem características umas das outras, sendo sempre hibridizadas.

Numa sociedade complexa, não há, obviamente um total encapsulamento e insulamento dos grupos sociais, nem de seus membros. Assim, é inevitável o contato entre as muitas normas no intercâmbio social, seja pelo encontro dos falantes, seja pelo fato corriqueiro de um mesmo falante (Faraco, 2008, p. 44).

Além de propor trabalhar com a sistematização da norma-padrão, em comparação com usos mais informais, a proposta da coleção analisada afirma considerar a perspectiva enunciativo-discursiva, para qual a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade e nos diferentes momentos de sua história” (Brasil, 2017, p. 65). Deste modo, a coleção

propõe que o texto/gênero precisa ser compreendido em relação aos campos de atuação e quanto às situações comunicativas, sendo necessário considerar o texto como unidade de trabalho, além das perspectivas enunciativos-discursivas na abordagem em busca de uma dialogicidade de ensino.

Quanto à língua, usos e reflexão, o ponto de partida é o gênero textual, uma vez que é no e pelo gênero que se pode dimensionar os usos linguísticos em situações reais. É perceptível que nem sempre os tipos de atividades propostas são coerentes com as concepções de língua e gramática. Um exemplo é que a proposta afirma destacar o protagonismo do estudante, propondo a formação integral como sujeito reflexivo e crítico, que se prepara para a participação cidadã na sociedade, valorizando os conhecimentos prévios dos estudantes. Apesar disso, em nenhum momento, as atividades propostas iniciam com uma investigação dos conhecimentos prévios dos estudantes.

Ao afirmar que alguns usos linguísticos foram eleitos historicamente como de maior prestígio social, o manual do professor convida a refletirmos sobre o papel das variações linguísticas na sociedade e sobre como certas formas foram legitimadas, enquanto outras foram marginalizadas. Além de estimular a reflexão linguística, as instruções laterais indicam ao educador a leitura do livro *Norma culta brasileira: desatando alguns nós* (Faraco, 2008). Com isso, o que percebemos é que o material didático voltado ao professor, por vezes, propõe uma abordagem pedagógica que valoriza a pluralidade linguística e a compreensão crítica do *status* social conferido a diferentes formas de expressão.

[...] a língua portuguesa não é uniforme, ela apresenta variações, que são as diversas maneiras de empregar a língua ao falar e ao escrever. Cada variação pode ter termos e expressões próprios, apresentar recursos sintáticos específicos e estar vinculada a fatores particulares do grupo que a utiliza — relacionada à região do Brasil a que pertence, ao grupo social do qual faz parte, à escolaridade, etc. Por razões históricas e sociais, alguns usos foram eleitos como de maior prestígio social. Constituíram-se regras de uso apresentadas como uma norma-padrão, descritas e estudadas pela Gramática Normativa (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 213).

Apesar desse ponto positivo, em outros momentos, percebemos que as questões pertinentes à variação linguística são deixadas de fora. Por exemplo, há uma parte no manual do professor, denominada “Parte específica” em que são apresentados os objetivos e as justificativas de cada unidade. Especificamente na

unidade em que os pronomes de segunda pessoa do singular e a concordância verbal são trabalhados, o que se propõem é:

[...] explorar a concordância verbal e os recursos de coesão, como os representados pelos pronomes, a fim de que os estudantes empreguem esses recursos em suas produções, promovendo-se o desenvolvimento das habilidades EF06LP04, EF06LP11 e EF67LP36, entre outras (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. LIII).

Quanto a estas habilidades mencionadas pelas autoras, que são as propostas pela BNCC, apenas a EF06LP11 abrange o nosso objeto de pesquisa: “Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc” (Brasil, 2017, p. 173). Já na habilidade EF06LP04, é sugerido “Analisar a função e as flexões de substantivos e adjetivos e de verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo” (Brasil, 2017, p. 171). Por fim, na habilidade EF67LP36, é proposto “Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual” (Brasil, 2017, p. 175).

Assim, embora o manual do professor destaque a concordância verbal e os pronomes como recursos de coesão, a proposta se concentra em normas gramaticais rígidas, alinhadas às habilidades previstas na BNCC, como a EF06LP11, EF06LP04 e EF67LP36. E, como vimos, estas habilidades priorizam o ensino formal da língua, com foco em flexões, tempos verbais e recursos coesivos, deixando em segundo plano a reflexão sobre as formas linguísticas variáveis que permeiam o uso real da língua,

Em síntese, o material direcionado ao professor, em diferentes momentos, busca estimular a variação linguística, mas, ao analisarmos o exemplar dedicado ao aluno não percebemos os reflexos de tais estímulos nas atividades propostas. A seguir, trazemos um exemplo de exercício em uma das unidades do livro, em que algumas variedades linguísticas regionais (ou diatópicas) são apresentadas. Em seguida, a variação diastrática também é exemplificada.

Figura 1 - Atividades sobre variação linguística

De acordo com a região do país, a língua é empregada de maneiras diferentes. A essas diferenças damos o nome de **variedades linguísticas regionais**.

Observe algumas diferenças nos nomes usados em diferentes regiões do Brasil:

abóbora: jerimum (Norte e Nordeste)
baile popular: fandango (Sul)
mandioca: macaxeira (Norte e Nordeste)
menino: curumim (Amazônia), miúdo (Rio Grande do Sul)
espandongar: pôr em desordem, desarrumar (Centro-Oeste)

Fonte: Novo dicionário eletrônico Aurélio, Versão 6.1. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2008.



- 1 Em grupo, façam um levantamento entre os colegas da turma para verificar se há estudantes vindos de regiões diferentes.
 - a) Façam uma lista das regiões apontadas e, se possível, incluam exemplos de palavras e expressões de usos específicos dessas regiões.
 - b) Observem as características de cada um na forma de empregar a língua: a pronúncia, o uso de certas palavras ou expressões.

Grupo social

Além da região, há outros fatores que influenciam o modo de usar a língua: a profissão, o nível de escolaridade, entre outros. Por exemplo, uma pessoa que tenha o hábito de ler bastante pode empregar a língua de forma diferente de outra que nunca tenha lido um livro ou de outra que nunca tenha frequentado a escola.

- 1 Releia a seguir duas falas do fazendeiro do conto "História de Trancoso":
 - Dirigindo-se ao padre: "— Pode-se saber de que vossa senhoria tem medo?"
 - Dirigindo-se ao roceiro: "— Já que vosmicê tanto insiste, me dê cá a saborosa."
 Converse com os colegas: O que vocês observaram nas formas de tratamento nas duas falas? *Resposta pessoal.*
- 2 O modo de usar a língua também pode variar de acordo com a faixa etária.
 - a) **Em grupo.** Conversem: Que palavras ou expressões usadas por vocês não são empregadas pelas pessoas com mais de 30 anos que convivem com vocês? *Resposta pessoal.*
 - b) Façam uma lista e verifiquem as várias formas de expressão em uma mesma língua. *Resposta pessoal.*
- 3 Agora, converse com pessoas mais velhas.
 - a) Anote formas de falar que sejam diferentes dos usos que você e outros jovens de sua idade fazem da língua. *Resposta pessoal.*
 - b) Reúna-se novamente com os colegas e converse com eles sobre as variações que descobrirem no uso da língua. *Resposta pessoal.*
- 4 Leia a frase a seguir relacionada a diferentes formas de falar.

É importante respeitar a forma de falar de cada um, pois todas são válidas e importantes.

Conversem: Por que todas as formas de falar são válidas e importantes? *Resposta pessoal.*

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 40)

Em algumas questões e/ou atividades propostas na coleção, há indicação de habilidades que se alinham aos descritores propostos pela Matriz de Referência da Prova Brasil. Esses descritores associam conteúdos curriculares e habilidades a serem desenvolvidas pelo estudante, em diferentes momentos do processo e em ordem crescente de aprofundamento e de ampliação.

Figura 2 - Descritores BNCC no livro Teláris essencial

Tópico VI: Variação linguística	
Descritores	8º/9º anos
Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.	D13

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 31)

Quanto às estruturas das unidades, são separadas por seções e conteúdo, estando assim organizadas:

Figura 3 - Unidades do livro Teláris essencial

Seções	Conteúdos
Ponto de partida	• Momento para avaliação inicial.
Abertura	• Imagens para mobilização de vivências e conhecimentos prévios. • Perguntas para mobilização de conhecimentos prévios. • Objetivos da unidade para os estudantes.
Leitura	• Gênero/texto a ser estudado. • Questões para formulação de hipóteses iniciais de leitura. • <i>Interpretação do texto</i> : atividades que favorecem a compreensão e a interpretação do texto, considerando suas condições de produção e circulação, bem com recursos de linguagem, entre outras questões. Compreende os dois momentos a seguir: • <i>Compreensão inicial</i> : explora o nível mais literal, imediato de abordagem do texto. Predomínio de questões de localização de dados explícitos no texto, inferências simples de sentido, constatações, identificação de conteúdo temático, etc. • <i>Linguagem e construção do texto</i> : propõe o trabalho de inferências de significados a partir de efeitos de sentidos produzidos por escolhas de linguagem e de recursos estilísticos e de inferências mais complexas, justificadas pelo texto; explora a organização da construção composicional do texto/gênero. • <i>Hora de organizar o que estudamos</i> : mapa conceitual/esquema para organizar o conhecimento sobre o gênero estudado.
Prática de oralidade	• <i>Conversa em jogo</i> : conversa espontânea inspirada por tema/assunto proveniente do texto de leitura. Geralmente o tema proposto se refere a ética, convivência, cidadania, meio ambiente. • <i>Gênero oral/Proposta de oralização de texto</i> : atividade centrada em um gênero oral usado em situações formais públicas (debate, exposição oral, entrevista) ou estruturada em proposta de oralização de texto (declamação, leitura dramatizada e expressiva de texto, etc.).
Conexões entre textos, entre conhecimentos	• <i>Outras linguagens</i> : ampliação de leitura com textos multimodais/multissemióticos (diferentes linguagens) relacionados ao gênero principal, para compreensão e apreciação. Atividade oral. • <i>Outros textos</i> : ampliação de leitura por meio de textos diversos (textos informativos, letras de canção, poemas); o foco da proposta é o estabelecimento de relações interdisciplinares e intertextuais.
Conhecimento e ação	• Seção destinada à atuação do estudante em atividades que envolvam diferentes formas de pesquisa, curadoria da informação, apresentação de resultados, propostas de intervenção na realidade.
Interatividade	• Seção destinada a envolver o estudante em processos relacionados à cultura digital; não é obrigatória em todas as unidades. • Propõe uma atividade que envolve produção de texto e uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), como <i>podcast</i> , <i>audiobook</i> , <i>infográfico digital</i> .
Língua: usos e reflexão	• Estudos morfosintáticos: conteúdos linguístico-gramaticais que têm como ponto de partida o texto/gênero da unidade. • <i>Hora de organizar o que estudamos</i> : mapas conceituais/esquemas para organizar o conhecimento sobre o que foi estudado na seção <i>Língua: usos e reflexão</i> . • <i>Desafio da língua</i> : subseção que tem como objetivo desenvolver estudos sobre convenções ortográficas, notações léxicas, convenções de uso (por exemplo, regência).
Outro texto do mesmo gênero	• Seção que apresenta mais textos do gênero em foco na unidade, possibilitando outro momento de ampliação de leitura. Em algumas unidades, possibilita o enriquecimento do repertório textual dos estudantes. Contribui para a produção de textos. Tem, também, como uma das finalidades oferecer textos para momentos de fruição e de estímulo à sensibilidade.
Produção de texto	• Propostas de produção de textos – orais, escritos, multissemióticos – individuais e em grupos, conforme o gênero estudado na unidade.
Autoavaliação	• <i>Critérios de avaliação e quadro com os conteúdos</i> ²¹ para que o estudante reveja o que estudou na unidade e verifique seu desempenho, observando se considera que avançou ou se sente dificuldade em algum dos conteúdos apontados.
Ponto de chegada	• Avaliação ao final do ano.

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 33)

No que tange aos estudos sobre a língua, usos e reflexão, o quadro dos conteúdos dos volumes está assim organizado:

Figura 4 - Conteúdos do livro Teláris essencial

6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Estudos sobre a língua			
Língua: usos e reflexão			
<ol style="list-style-type: none"> 1. Variedades linguísticas (A Língua Portuguesa no Brasil) 2. Frases / Tipos de frase / Frase, oração e período / Pontuação no período composto 3. Recursos expressivos (Linguagem figurada; Figuras de linguagem; Jogos de palavras) 4. Substantivos: usos, funções e variação / O substantivo e a unidade de assunto do texto / O substantivo na oração / Variações do substantivo (O gênero dos substantivos; Flexão de número dos substantivos; Aumentativo e diminutivo) 5. Determinantes do substantivo e concordância nominal / Adjetivos: funções, flexões e outras variações (Flexão de gênero e número; Outra variação: gradação de intensidade) 6. Verbo (O tempo verbal; Conjugações verbais) / Advérbio 7. O verbo na oração / Oração: termos essenciais / Verbo: pessoa e número / Pronomes pessoais / Coesão textual: uso de pronomes e outros recursos 8. Verbo: usos dos modos verbais (Uso do modo imperativo) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos expressivos (Sonoridade) / Outros recursos expressivos 2. Verbo I (Número, pessoa e concordância verbal; Tempo) / Modos do verbo (Indicativo, Subjuntivo, Imperativo) 3. Verbo II (Usos do pretérito; Usos do futuro; Usos do presente; Formas nominais) / O verbo na oração / Advérbios: outras formas de marcar o tempo e outras circunstâncias 4. Verbo III (Conjugações verbais; Locuções verbais) / O verbo na organização das orações e dos períodos / Frase, oração e período / Período composto: relação de adição e de oposição entre orações 5. Termos da oração: sujeito e predicado / O sujeito na oração / Tipos de sujeito (Sujeito simples; Sujeito composto; Sujeito subentendido; Sujeito indeterminado) / Vocativo e aposto 6. Descrever: criar imagens com palavras / Determinantes do substantivo: sentidos para o texto (Adjetivo e locução adjetiva; As palavras podem mudar de classe; A posição do adjetivo e os sentidos para os textos) / Outros determinantes do substantivo: artigo, numeral e pronomes 7. Concordância nominal e concordância verbal / A linguagem nos textos normativos 8. Formas de organizar as orações (O papel do verbo; Tipos de predicado) / Oração sem sujeito 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos expressivos e estilísticos (Sonoridade e musicalidade; Sentido das palavras: literal e figurado; Figuras de linguagem) 2. Coesão e coerência I (Elementos de coesão; Coerência nos textos) 3. Coesão e coerência II (Uso de pronomes; Frase, oração, período; Função sintática; Termos da oração: sujeito e predicado; Tipos de sujeito e relações de concordância; Vozes do verbo) 4. Modificadores de substantivos: adjuntos adnominais / Sequências textuais 5. Tipos de predicado (Predicado verbal; Verbo transitivo; Verbo intransitivo) / Regência verbal 6. Complemento e ampliação de sentidos (Complemento nominal; Adjuntos adverbiais; Advérbios terminados em -mente; Coesão textual: emprego de advérbios e locuções adverbiais) 7. Período composto (Coordenação e subordinação; Coordenação e efeitos de sentido) 8. Período composto: subordinação (Orações subordinadas adverbiais; Orações subordinadas adjetivas) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos expressivos no poema (Pontuação, expressividade e efeitos de sentido; Recursos estilísticos: figuras de linguagem; Outros recursos estilísticos) 2. Período composto (Coordenação e subordinação: recursos de coesão no período composto) 3. Período composto (Subordinação e coesão textual; Classificação das orações subordinadas adverbiais) 4. Período composto por subordinação (Orações subordinadas adjetivas e coesão; Outros pronomes relativos; Uso do pronome relativo onde) 5. Período composto por subordinação (Orações subordinadas adjetivas e coesão; Orações subordinadas adjetivas: explicativas e restritivas) 6. Coerência e coesão textual (Coesão textual: uso de pronomes) / Colocação pronominal (Próclise; Ênclise; Mesóclise) 7. Oração: tipos de predicado (Predicado nominal) 8. Predicado nominal II (Predicado nominal: construção de textos e efeitos de sentido) / As relações de sentido entre frases ou partes de um texto

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 39)

Quanto aos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo, o livro traz a seguinte apresentação:

Figura 5 - Pronomes pessoais no livro Teláris essencial

As palavras *me* e *mim* também são pronomes pessoais. O quadro a seguir mostra como esses pronomes são apresentados tradicionalmente em uma gramática.

	Pronomes pessoais	
	Retos	Oblíquos
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	você	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
2ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
3ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
	vocês	se, si, consigo, lhes, os, as
	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Os pronomes *você* e *vocês* são empregados em grande parte do Brasil como a 2ª pessoa do discurso:
Tu te lembras da tua infância? → *Você se lembra da sua infância?*

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 33)

Na Figura 5, *tu* e *você* são considerados pronomes representantes da segunda pessoa do singular, o que se mostra inovador, considerando o tratamento dado pelas

gramáticas normativas, como vimos na seção 2.5. Fora dele, é mencionado que o pronome *você* também é usado em grande parte do Brasil. Ao trazerem a observação explicando que *você* é um pronome de segunda pessoa, justificando que, em grande parte do país, tal forma é usada, as autoras enfatizam a importância de reconhecer a diversidade linguística presente no Brasil, revelando como diferentes regiões mantêm práticas linguísticas particulares. Além disso, elas complementam que “Em algumas regiões do Brasil, como o Norte, o Nordeste e o Sul, o pronome *tu* é bastante empregado na linguagem do dia a dia” (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 213).

Quanto à variação na concordância verbal com o *tu*, as autoras trazem exemplos apenas da concordância verbal padrão com *tu* e da concordância verbal com *você*, deixando de fora as demais possibilidades de concordância com o pronome *tu*.

Já em um outro quadro de pronomes pessoais, conforme Figura 6, referente aos verbos na forma imperativa, tanto *tu* quanto *você* aparecem como representantes. Notamos que as autoras colocam uma observação explicando que *você* é um pronome de segunda pessoa, justificando que em grande parte do país tais formas são usadas.

Na seção de exercícios que vem na sequência, apenas o pronome *você* aparece nas atividades propostas:

Figura 6 - Pessoas gramaticais no livro Teláris essencial

Pronomes pessoais

Observe as pessoas gramaticais ou pessoas do discurso representadas pelos pronomes pessoais.

Pessoas gramaticais ou pessoas do discurso	Número	
	Singular	Plural
1ª pessoa — pessoa que fala	Eu durmo	Nós dormimos
2ª pessoa — pessoa com quem se fala	Tu dormes/ Você* dorme	Vós dormis/ Vocês* dormem
3ª pessoa — pessoa de quem se fala	Ele/Ela dorme	Eles/Elas dormem

* Observe que **você** e **vocês** correspondem a pronomes da 2ª pessoa — a pessoa com quem se fala —, pois em grande parte do Brasil essas formas são muito empregadas.

No quadro podemos observar que há **1ª**, **2ª** e **3ª** pessoas no **singular** e no **plural**. De forma geral, identificar pelo verbo essas pessoas nos ajudará a fazer a concordância correta.

1 Releia um trecho do artigo de opinião do início desta unidade:

E você **ficou** bem chateado.

Noutro dia, queria muito ir a uma loja [...] e pediu para seu pai **levá-lo** até lá, mas ele **chegou** muito cansado e disse que teria de ficar para outro dia; você **ficou** megafrustrado.

ficou: você – 2ª pessoa; levá-lo: ele (seu pai) – 3ª pessoa; chegou: ele – 3ª pessoa; ficou: você – 2ª pessoa

a) Indique no caderno a pessoa gramatical a que cada um dos verbos destacados se refere.

b) Agora identifique a que pessoa gramatical estes verbos se referem.

- “[...] **queria** muito ir a uma loja [...]” **você (2ª pessoa)** • “[...] e **pediu** para seu pai [...]” **você (2ª pessoa)**
- “[...] e **disse** que teria de ficar para outro dia [...]” **ele (3ª pessoa)**

2 Reescreva estas frases alterando a pessoa gramatical e flexionando os verbos conforme a indicação entre parênteses. Depois responda: Que alterações nas frases foi preciso fazer?

a) “E você ficou bem chateado.” (vocês)

b) “[...] ela disse que precisava dormir [...]” (elas)

E vocês ficaram bem chateados.

Elas disseram que precisavam dormir.

c) Eu preciso saber resolver pequenos problemas. (nós)

Nós precisamos saber resolver pequenos problemas.

Reveja suas respostas à atividade 2 e observe: houve **alteração de pessoa**, mas também houve **alteração de número**, singular ou plural. Dizemos que foi feita a **concordância verbal**.

Concordância verbal: as **formas verbais** se flexionam para **concordar** com a pessoa e o número das pessoas gramaticais ou dos termos a que se referem.

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 33)

Em uma atividade seguinte sobre o uso pronominal, na parte do rodapé, item que só aparece no material do professor, as autoras da referida obra didática explicam que o pronome *você*, que corresponde à pessoa com quem se fala, portanto segunda pessoa do singular, é empregado como terceira pessoa¹³ nas relações de concordância com o verbo. Ainda no manual do professor, Trinconi, Bertin e Marchezi, (2022, p. 212) afirmam que “É importante reiterar para os estudantes que, embora as formas *você/vocês*, na interlocução, sejam a pessoa com quem se fala – 2ª pessoa – gramaticalmente são empregados como 3ª pessoa”.

Ao incluir no material didático o uso comunicativo do *você* como pronome pessoal, o manual oferece ao professor um recurso para promover o desenvolvimento da consciência linguística dos estudantes. Essa prática vai além da mera descrição

¹³ Nomenclatura utilizada pelas autoras.

normativa, abrindo espaço para discussões sobre a relação entre norma e uso, variação linguística e a funcionalidade da língua em contextos diversos.

Entretanto, ao contrário do que afirmam as autoras, o pronome *você* não pode ser classificado como pertencente à terceira pessoa do singular, uma vez que sua função pragmática e discursiva é a de referir-se diretamente ao interlocutor, característica essencial dos pronomes de segunda pessoa.

Portanto, afirmar que *você* é um pronome de terceira pessoa seria uma simplificação errônea, pois desconsidera sua função de referir-se ao interlocutor. O mais adequado seria dizer que *você* é um pronome de segunda pessoa do singular com concordância verbal sem morfema distintivo, características que reforçam a dinamicidade da língua e a influência da variação e mudança linguística.

Quanto à concordância verbal com o pronome *tu*, ela é mostrada apenas em duas circunstâncias. Uma delas é por meio do exemplo fornecido no quadro de pessoas do discurso, conforme mostrado na Figura 6, em que as autoras trazem o exemplo “*tu dormes*”. O outro momento é quando elas mostram o quadro de pronomes pessoais retos e oblíquos, que, segundo as autoras, este é o modo “como esses pronomes são apresentados tradicionalmente em uma gramática” (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 212).

Após mostrarem o quadro com os pronomes, as autoras do livro didático exemplificam que há duas possibilidades de representação da segunda pessoa do singular, nos mostrando os exemplos “*Tu te lembrás da tua infância?*” e “*Você se lembra da sua infância?*”. No entanto, não é mencionado acerca da outra possibilidade quanto à variação na concordância verbal com o *tu* (como em “*Tu te lembra da tua infância?*”), deixando de fora a existência dessa outra variante tão presente na linguagem informal em lugares em que o pronome *tu* é utilizado.

Figura 7 - Pronomes pessoais conforme Trinconi; Bertin e Marchezi

	Pronomes pessoais	
	Retos	Oblíquos
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu você	te, ti, contigo se, si, consigo, lhe, o, a
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
	vocês	se, si, consigo, lhes, os, as
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Os pronomes *você* e *vocês* são empregados em grande parte do Brasil como a 2ª pessoa do discurso:
Tu te lembrás da tua infância? → *Você se lembra da sua infância?*

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2022, p. 212))

O que podemos inferir com estes exemplos é que o intuito das autoras é deixar claro que *você* é um pronome de segunda pessoa do singular, assim como *tu*, mas que os pronomes oblíquos referentes a ele são os de terceira pessoa do singular. Como forma de reforçar esta informação, em uma atividade na sequência, fica explícita a relação estabelecida entre tais pronomes retos e oblíquos. Vejamos:

Figura 8 - Atividade extraída do Livro Telaris essencial

4a. Ela emprega uma linguagem mais informal. Sugestão de exemplos: "Você não desgruda!" (jeito informal de dizer "Você não fica longe de mim!"); "Tá bom!" e "Me vê duas dúzias de laranja, seu João!".
 4. Leia os quadrinhos. 4b. Sim, há: "Eu te levo pra passear, escondido na mochila!" (*te*, pronome de 2ª pessoa do singular) e "Me vê duas dúzias de laranja, seu João" (verbo *ver* na 2ª pessoa do singular).



ITURRUSGARAI, Adão. Trupe. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. F8, 27 out. 2001. Folhinha.

- A menina dos quadrinhos emprega uma linguagem mais espontânea, informal, ou uma linguagem mais planejada, formal? Dê um exemplo para explicar sua resposta.
- No primeiro quadrinho, a menina conversa com o gato, Alecrim, usando o pronome *você*. Nos demais quadrinhos, há alguma ocorrência em que se perceba a presença do *tu*? Se houver, copie.
- Explique por que a presença do gato no último quadrinho produz efeito humorístico.

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi (2022, p. 215)

No manual do professor, as autoras trazem como sugestão de resposta para a pergunta apresentada na letra b) da Questão 4 que o pronome *te* aparece devido ao

tu, que no exemplo fornecido está implícito. Esta atividade pode abrir espaço para uma discussão importante na sala de aula sobre a variação linguística em todo o paradigma de segunda pessoa do singular. Mas, iniciar e direcionar esta conversa fica a critério do professor, já que a atividade no livro do aluno não problematiza tais questões, embora, em instruções laterais no manual do professor, as autoras enfatizem que a socialização das repostas é importante:

É importante socializar as respostas entre todos, pois alguns estudantes podem ter mais dificuldade no emprego de pronomes na norma-padrão, ou em uma situação mais formal. Comparar diferentes soluções empregadas por eles e problematizá-las. É importante que todas as soluções encontradas sejam explicadas e que, mesmo usos mais informais, sejam analisados como possibilidades, relacionando-os a escolhas e circunstâncias (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2022, p. 215).

Assim, Trinconi, Bertin e Marchezi (2022) afirmam que os usos mais informais da língua também devem ser explicados e analisados aos estudantes, como possibilidades. Apesar disso, o que encontramos nas únicas atividades disponibilizadas a respeito do fenômeno aqui investigado foi margem para este tipo de trabalho. Ou seja, caso o docente não esteja atento às informações contidas no manual do professor, é provável que o ensino da Língua Portuguesa fique restrito às normas padrão e culta, sem discussões acerca das tantas outras possibilidades de variação na língua.

Nesse sentido, o livro analisado busca adotar uma visão mais inclusiva, reconhecendo a coexistência de *tu* e *você* no PB e destacando a importância de abordar a diversidade linguística em sala de aula, embora não trate da variação na concordância verbal com o pronome *tu*. Ao reconhecer a existência da variação dos pronomes *tu* e *você*, o livro Teláris Essencial propõe uma educação mais crítica e conectada às práticas linguísticas reais, ainda que se limitem aos conteúdos, deixando ausentes algumas das possibilidades de variação linguística nas atividades propostas. Tal ausência nos pareceu incoerente com a apresentação da coleção. Isso porque nas páginas iniciais o livro se propõe a sistematizar a norma-padrão em comparação com usos coloquiais, em busca de uma prática situada em condições reais de comunicação.

3 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, sob a ótica da Sociolinguística Laboviana. Para alcançar os objetivos propostos, realizamos um estudo empírico, tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), portanto tratamos de variáveis dependentes e independentes que serão aqui definidas. Após a análise dos dados, implementamos uma unidade didático-pedagógica em sala de aula.

O objeto de estudo foi investigado nos textos produzidos pelos estudantes do oitavo ano do ensino fundamental de uma Escola Estadual localizada no município de Biguaçu, em Santa Catarina. Para a coleta dos dados, foram realizadas atividades em sala de aula que envolveram a produção de textos pertencentes a gêneros escritos e a gêneros orais. As produções orais foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, garantindo a fidelidade ao registro original e possibilitando a análise das formas linguísticas empregadas pelos estudantes. Antes da aplicação da pesquisa, o projeto para esta dissertação foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, sob Parecer Número 6.794.990.

3.1 CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO MUNICÍPIO, DA ESCOLA E DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA

3.1.1 A região em que a Escola está localizada – Da freguesia de São Miguel da Terra Firme ao atual município de Biguaçu

A cidade de Biguaçu, que já foi chamada de São Miguel da Terra Firme, está localizada na região metropolitana da Grande Florianópolis, e constitui-se em um município de relevância histórica e cultural em Santa Catarina, o que reflete nas variedades utilizadas por seus habitantes.

Figura 9 - Mapa da Região Metropolitana da Grande Florianópolis



Fonte: Superintendência de Desenvolvimento das Regiões Metropolitanas de SC

Com uma população de 76.773 habitantes e uma densidade demográfica de 209,9 habitantes por quilômetro quadrado, de acordo com último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, a cidade é marcada por uma grande diversidade cultural. Tal diversidade é fruto da história de colonização, principalmente de imigrantes açorianos, e a influência contínua de migrantes vindos de outras regiões do Brasil.

O processo de colonização também influenciou as particularidades linguísticas da região. Conforme aponta Furlan (1998), os traços do fenômeno de ressignificação linguística, que tem raízes conservadoras, continuam presentes na variedade do português falado ao longo da faixa litorânea de Santa Catarina.

Essa mistura de culturas impacta diretamente a variação linguística observada entre os habitantes, criando um cenário rico para estudos sociolinguísticos, por isso consideramos pertinente retomarmos parte da história da formação dessa região.

O município de Biguaçu começou a surgir quando, em 1748, imigrantes portugueses vindos do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira (predominantemente da Ilha Terceira, da Ilha de São Jorge e da Ilha Graciosa) assentaram-se na freguesia de São Miguel da Terra Firme, que hoje pertence ao Município de Biguaçu. De acordo com Zimmermann (2011, p. 25),

Chegaram em 06 de janeiro de 1748, após setenta e oito dias no mar. Um bom número destes não resistiu a viagem e morreu durante a travessia. Os casais açorianos foram distribuídos dentre a Ilha e a Terra Firme. Em São Miguel, estes chegaram durante o governo do Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, porém não há uma data precisa ou mesmo o número exato de casais que ali aportaram.

Os açorianos, antes de irem para a freguesia de São Miguel da Terra Firme, aportaram na Vila de Desterro e, por lá, permaneceram por um período para que pudessem se recuperar da viagem. Segundo Zimmermann (2011, p.29), “ Em face da inauguração da Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo no ano de 1751, é possível que os casais tenham chegado em 1750”, no entanto, temos que considerar que famílias açorianas e paulistas vindas no século XVII talvez já estivessem estabelecidas por aquelas terras há mais tempo.

A Freguesia de São Miguel da Terra Firme, fundada em meados do século XVIII, foi uma extensa freguesia localizada no continente, ao norte da Ilha de Santa Catarina estabelecendo divisas ao sul com a freguesia de São José; ao norte com a Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco; ao leste fica separada da Ilha de Santa Catarina pelo mar, de frente para a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades na distância de duas léguas e meia; ao oeste os limites eram vagos, sendo que a ocupação efetiva esbarrava na Serra do Mar (Zimmermann, 2011, p. 25).

No período de 10 de outubro de 1777 a 2 de agosto de 1778, ocasião em que os espanhóis ainda ocupavam a ilha catarinense, São Miguel foi a capital da Capitania de Santa Catarina, embora temporariamente. Santos (1996) descreve, em sua pesquisa, esse período significativo da história da região, e afirma que à época, o Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, então governador da Capitania, se maravilhou com a localização geográfica e estratégica de São Miguel, situada "na terra firme". Encantado com a topografia local, Escudeiro vislumbrou a possibilidade de transferir a capital da Capitania de Desterro para São Miguel, por conta da localização e da topografia da região, o que foi formalmente sugerido ao rei Dom José I. A freguesia oferecia vantagens militares e logísticas, como um bom porto e proximidade com importantes fortificações, além de ser considerada mais adequada do que Desterro, que sofria com problemas como a distância da barra.

Todavia, de acordo com Santos (1996), apesar das ponderações de Escudeiro, que incluíam a proximidade de São Miguel às fortalezas e a conveniência do porto, a proposta não foi aceita, e a capital permaneceu em Desterro conforme decisão de 1753, baseada na infraestrutura já estabelecida lá. Apesar das propostas de Escudeiro, a Corte Portuguesa rejeitou a ideia em 1753, preferindo manter a capital em Desterro devido aos investimentos já realizados lá. No entanto, a invasão espanhola de 1777, durante a Guerra Hispano-Portuguesa, forçou a transferência temporária da capital para São Miguel, que permaneceu nessa condição até agosto de 1778, quando a Ilha de Santa Catarina foi recuperada por Portugal, e a sede do governo retornou para Desterro.

Juntamente aos militares e aos escravos que chegavam, a região foi povoada e São Miguel da Terra Firme foi crescendo. Segundo Santos (1996, p. 46) “O Município de São Miguel foi oficialmente instalado no dia 17 de maio de 1833, em sessão solene, na igreja local”, momento que também foi criado o município de Desterro, atual Florianópolis.

Santos (1996) assegura que, a partir da segunda metade do século XIX, São Miguel, que era um centro econômico e político relevante, começou a perder influência. A introdução de colonos alemães no Alto Biguaçu (que fica a cerca de 3 km de distância de São Miguel) em 1830 e o desenvolvimento do vale do rio Biguaçu contribuiu para o crescimento econômico da região, enquanto São Miguel enfrentava dificuldades crescentes.

Para o pesquisador, as disputas políticas entre conservadores e liberais foram cruciais nesse processo, de modo que lideranças locais de Biguaçu utilizaram a força política para defender os interesses de sua região, enquanto São Miguel tentava manter sua posição. O crescimento do comércio e a maior conectividade de Biguaçu colocaram São Miguel em desvantagem, e a transferência da sede municipal de São Miguel para Biguaçu aconteceu.

Conforme Santos (1996), a construção de uma capela em Biguaçu em 1874, o aumento do movimento comercial e a pressão política de lideranças locais culminaram na mudança da sede em 1886. Apesar de São Miguel ter recuperado temporariamente o status em 1888, a sede foi transferida definitivamente para Biguaçu em 1894. Tal mudança representou o declínio final de São Miguel como centro administrativo, consolidando o novo centro hegemônico na região, sendo que essa transição parece ter resultado de uma série de fatores, incluindo o declínio econômico de São Miguel,

a pobreza crescente, as dificuldades sanitárias e a pressão de grupos políticos. Com isso, em 1894, com um decreto São Miguel tornou-se definitivamente distrito de Biguaçu.

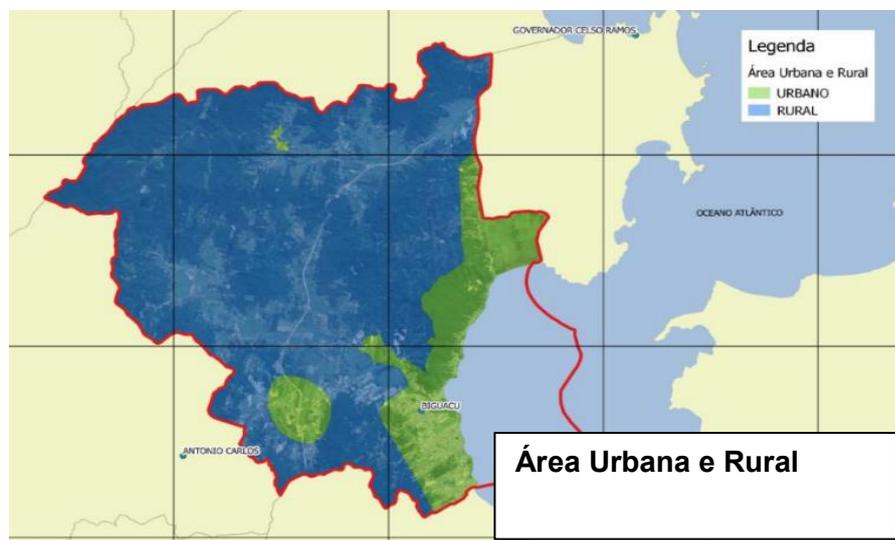
A partir do século XX, o município de Biguaçu passou por um rápido crescimento populacional, o que resultou na expansão de novos bairros e na ocupação de diversas áreas. Atualmente, segue em expansão, impulsionada pela proximidade com a região metropolitana de Florianópolis, e reflete o processo de urbanização acelerada, comum em cidades próximas de grandes centros urbanos.

O bairro de Biguaçu em que a pesquisa foi realizada chama-se Fundos, é uma das regiões mais antigas e tradicionais da cidade. Com um perfil predominantemente residencial, com presença de pequenos comércios locais, apenas uma escola municipal de séries iniciais e outra de Ensino Fundamental II e Médio, o bairro localiza-se relativamente próximo ao centro da cidade, onde muitos moradores trabalham.

A cidade de Biguaçu fica a uma distância aproximada de 28 km do centro da capital Florianópolis, o que permite que muitos residentes do bairro Fundos também busquem oportunidades de trabalho lá, aproveitando a infraestrutura de transporte disponível.

Apesar de grande parte do território de Biguaçu ser considerado área rural, conforme mostrado na figura 10 de acordo com informações do IBGE (2010), a maior parte da população do município está concentrada na área urbana.

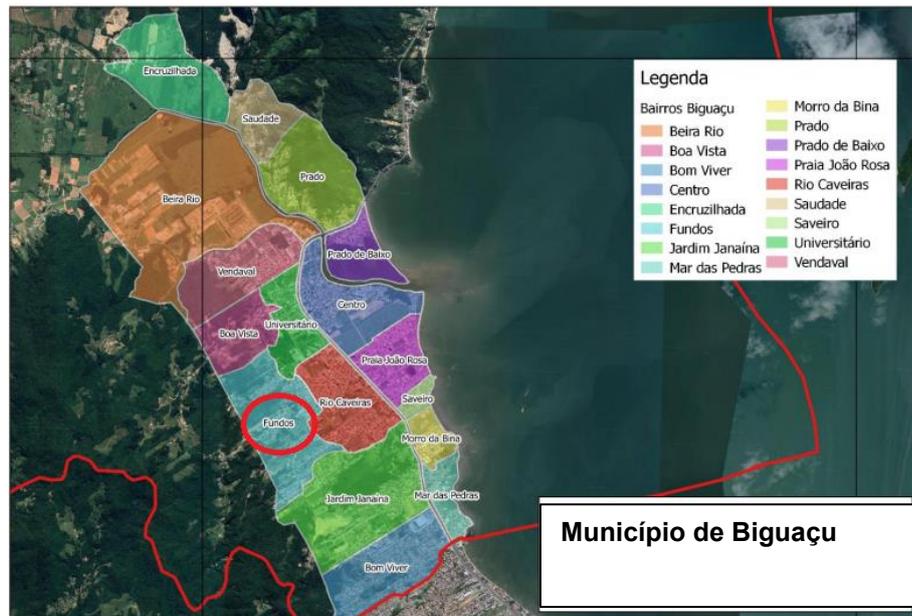
Figura 10 - Área Urbana e Rural de acordo com os setores censitários do IBGE (2010)



Fonte: Prefeitura Municipal de Biguaçu

O bairro Fundos, onde está situada a escola em que esta pesquisa foi realizada e onde reside a maioria dos estudantes da instituição, encontra-se próximo à região central da cidade, integrando a área urbana do município.

Figura 11- Bairros do Município de Biguaçu



Fonte: Prefeitura Municipal de Biguaçu

3.1.2 A Escola

A Escola Profa. Emérita Duarte Silva e Souza iniciou suas atividades em 1945, já no Bairro Fundos, como permanece até os dias atuais, e assim foi nomeada em homenagem à professora de mesmo nome, que se destacou pelo trabalho prestado à educação por mais de 33 anos. Em 2024, possuía 21 turmas do Ensino Fundamental II e 16 turmas de Ensino Médio, distribuídas em dois turnos (matutino e vespertino), tendo um total de 1.071 educandos, oriundos de diversas regiões do país. Esses alunos são atendidos por uma diretora, uma assessora de direção, uma assistente de educação, um assistente técnico-pedagógico e sessenta e quatro professores nas diversas áreas do conhecimento básico, além de dois serventes que atendem na limpeza e manutenção.

Quanto à estrutura física da instituição, é um prédio com dezenove salas de aula, todas possuem ar-condicionado e, em todas aquelas em que estudam turmas

do Ensino Médio, há lousa digital, computador e projetor. Algumas salas de Ensino Fundamental II também possuem estes recursos multimídias. Além disso, a instituição possui uma sala de tecnologia e uma biblioteca, que também são equipadas com ar-condicionado, bem como uma quadra esportiva coberta.

A instituição fez parte do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), modelo educacional híbrido, combinando elementos da educação tradicional com práticas inspiradas na disciplina militar, até 2023. Esse modelo era parte de um programa promovido pelo Governo Federal Brasileiro, caracterizado por uma gestão compartilhada entre civis e militares.

O PECIM foi lançado em 2019 pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério da Defesa. De acordo com o MEC, a proposta era criar 216 escolas cívico-militares até 2023 com o intuito de melhorar a qualidade da educação básica em escolas públicas que apresentavam baixos índices de desempenho escolar, especialmente em áreas urbanas vulneráveis.

Ao longo de 2020 e 2021, novas escolas aderiram ao programa, ampliando a presença do modelo cívico-militar em diferentes estados brasileiros. A adesão das escolas ao programa foi voluntária e, quanto à Escola Prof^a Emérita Duarte Silva e Souza, a adesão aconteceu após a comunidade escolar votar, em maioria (90%), favoravelmente.

Em 2023, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva revogou o Programa e, a maior parte das unidades, foi reintegrada à rede regular de ensino. No caso de Santa Catarina, o então governador Jorginho Mello decidiu por manter as nove escolas estaduais que já operavam nesse modelo, além de ampliá-lo a outras unidades escolares. Desse modo, em 2024, a Escola Profa. Emérita Duarte Silva segue cívico-militar, mas, agora, pertencente ao Programa Estadual das Escolas Cívico-Militares de Santa Catarina e não mais ao PECIM.

Assim, os monitores, antes pertencentes às Forças Armadas, deram lugar aos monitores pertencentes à Polícia Militar do Estado de Santa Catarina (PMSC) e ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina (CBMSC). Embora alguns dos objetivos e dos princípios do Programa Estadual das Escolas Cívico-Militares de Santa Catarina diferenciem-se do PECIM, os monitores seguem atuando, estabelecendo normas de convivência e aplicando medidas disciplinares. Já a Secretaria Estadual de Educação continua responsável pelo currículo escolar e os

professores e demais profissionais permanecem responsáveis pelo trabalho didático-pedagógico.

Para entender os resultados da coleta e análise de dados, é essencial situar o perfil dos participantes da pesquisa. Como indicado, a escola onde o estudo foi conduzido acolhe alunos de várias partes do Brasil que estão residindo no município, o que contribui para a diversidade presente nas salas de aula. A maioria dos alunos reside no entorno da escola, incluindo o bairro onde está localizada e áreas adjacentes, seguindo padrões comuns de matrícula em escolas públicas estaduais. A escola também recebe alunos de outros bairros próximos, isso porque tem sido referência, principalmente no Ensino Médio, por conta dos índices de aprovação em Vestibulares. Esta diversidade reflete na pluralidade de culturas, tradições, histórias e, especialmente, nas variações linguísticas que caracterizam os diferentes indivíduos do ambiente escolar.

3.1.3 Os estudantes

A primeira etapa da pesquisa, na qual aplicamos uma unidade de ensino para a coleta dos dados, foi realizada com duas turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental II na referida instituição, pertencente à rede estadual de Santa Catarina. À época, as turmas totalizavam 57 estudantes, sendo a primeira aqui identificada como Turma 1 (T1), composta por 32 estudantes, e a segunda como Turma 2 (T2), composta por 25 estudantes.

Com o término do ano letivo anterior e início do seguinte, quando na escolha das turmas com as quais trabalharíamos, não consegui manter a T2 sob minha regência. Por conta disso, a segunda etapa da pesquisa, que foi a aplicação da proposta didático-pedagógica, foi realizada com a T1, agora no nono ano, composta por 29 alunos, intitulada aqui Turma 3 (T3).

Os estudantes da Escola Prof^a Emérita Duarte Silva e Souza apresentam um perfil diversificado, com variados níveis de rendimento escolar. Referente àqueles com os quais a pesquisa foi realizada, o perfil geral é de alunos comprometidos, respeitosos e dedicados, que demonstram muita afetividade com os colegas professores.

Muitos vêm de famílias de classe média baixa a média, refletindo o perfil socioeconômico predominante em Biguaçu. Como a cidade tem uma economia em desenvolvimento e é próxima de Florianópolis, algumas famílias dependem de

atividades industriais ou do comércio local ou ainda se deslocam para a capital para trabalhar.

A grande maioria dos estudantes são nativos de Biguaçu e região, descendentes de famílias que residem na cidade há gerações. Contudo, há também uma parcela significativa de estudantes que são filhos de migrantes, especialmente de estados como Paraná, Rio Grande do Sul, e até de regiões mais distantes do Brasil, como o Norte e o Nordeste. Este fenômeno migratório é resultado da busca por oportunidades econômicas e pela proximidade com Florianópolis.

A variação linguística na fala destes estudantes é um reflexo direto desse contexto migratório. Estudantes locais tendem a preservar traços linguísticos mais conservadores, influenciados pela herança açoriana, enquanto aqueles vindos de outras regiões podem introduzir novas variantes, gerando um rico campo de estudo para fenômenos de mudança e variação linguística.

3.2 METODOLOGIA PARA A COLETA DOS DADOS ANALISADOS

Para coletar os dados analisados, trabalhamos com dois gêneros do discurso oral - debate regrado e júri simulado -, e dois gêneros do discurso escrito - entrevista e anúncio publicitário. O tema norteador das produções foi o consumo excessivo de carne e seus efeitos ambientais, éticos e na saúde do ser humano. As atividades referentes à oralidade foram gravadas em áudio e, na sequência, transcritas, e as atividades de produção escrita foram digitalizadas e transcritas. Para tanto, percorremos as seguintes etapas:

1. Iniciamos com a leitura da reportagem *Consumo de carne e suas consequências*, disponível no Jornal da USP¹⁴. Em seguida, ouvimos uma entrevista sobre o tema, na Rádio USP, com a Doutora Aline Martins de Carvalho, professora do departamento de nutrição da Faculdade de Saúde Pública.

2. Assistimos ao documentário *A carne é fraca*, produzido pelo Instituto Nina Rosa e disponível no Youtube¹⁵, que trata do consumo de carne e os reflexos ambientais,

¹⁴ Tanto a reportagem quanto a entrevista estão disponíveis no site <https://jornal.usp.br/atualidades/consumo-de-carne-e-suas-consequencias/>

¹⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rrFsGTw5bCw&t=207s>

além dos maus tratos aos animais. Discutimos sobre as impressões do documentário assistido.

3. Como atividade para casa, cada estudante teve de pesquisar e levar na aula seguinte uma reportagem ou entrevista sobre o assunto, para que discutíssemos sobre o tema e sobre as especificidades dos gêneros selecionados.

4. Na aula seguinte, após discutirmos acerca das características do gênero entrevista, utilizando os textos trazidos pelos próprios alunos. Cada um teve de produzir uma entrevista escrita contendo cinco perguntas, para que um colega as respondesse, também por escrito. As entrevistas e as respostas foram socializadas e discutidas.

5. Mostramos as especificidades do gênero debate regrado, assistimos a um debate sobre o tema, disponível no Youtube¹⁶, intitulado *Carnívoro x vegano*, em seguida realizamos um debate regrado em sala de aula.

6. Após mostrar alguns anúncios publicitários, bem como suas características, fomos à sala de informática para que os alunos pesquisassem anúncios sobre o consumo de carne.

7. Cada aluno produziu um anúncio publicitário e, depois, foi exposto em um mural na escola.

8. Por fim, após a indicação de um vídeo de júri simulado e uma aula para a explanação e orientação sobre esse gênero, foi organizado um Júri com participação de professores de outras áreas como integrantes do júri. A turma foi dividida em defesa e acusação e o consumo de carne foi “julgado”.

3.2.1 Variáveis dependentes

Para que pudéssemos observar os fatores que condicionam os fenômenos em estudo nos textos dos alunos com os quais trabalhamos, apresentamos como variáveis dependentes a alternância entre *tu* e *você* e a concordância verbal canônica e não canônica com o *tu*.

¹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t6INy58URag&t=1345s>

Variável dependente 1 – Usos de tu/você como pronome de segunda pessoa do singular

1. *Tu* como pronome de segunda pessoa do singular.
(6) **Tu** não achas [...] (T1MT1J)
2. *Você* como pronome de segunda pessoa do singular.
(7) O que **você** faria? [...] (Z3FT2E)

Variável dependente 2 - Concordância verbal padrão e não padrão com o *tu*

1. Pronome *tu* mais verbo com flexão canônica
(8) **Tu** não achas [...] (T1MT1J)

2. Pronome *tu* mais verbo sem flexão canônica
 - 2.1 Concordância verbal sem morfema distintivo
(9) Eu queria responder o que **tu falou** porque no momento eu não pensei [...] (A7FT1J)

 - 2.2 Concordância verbal com a segunda pessoa do plural.
(10) Por que que **tu não pensastes** [...] (N4FT2J)

Em seguida, relacionamos as variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, para que possamos analisar os fenômenos em estudo.

3.2.2 Variáveis Linguísticas

Na Sociolinguística Variacionista, os condicionadores linguísticos e extralinguísticos são fatores que influenciam as escolhas dos falantes entre uma ou outra variante. Desse modo, descrevemos, inicialmente, as variáveis linguísticas e, em seguida, as variáveis extralinguísticas a serem controladas.

Para os usos variáveis da segunda pessoa do singular, selecionamos as seguintes variáveis: explicitação do sujeito e tipo de referência.

1. Explicitação do sujeito: o sujeito nas sentenças pode aparecer preenchido ou nulo, conforme indicam os exemplos a seguir

- (i) Sujeito preenchido
- (11) **Você** concorda ou discorda com o consumo de carne? (O2FT1E)
- (ii) Sujeito nulo
- (12) [...] sendo assim, **Ø** tem noção do que consome [...] (O2FT1E)

Hipótese: Esperamos que o sujeito nulo favoreça o uso do pronome *tu* em relação ao pronome *você*, baseando-nos em Gouveia (2019), Traesel (2016), Loregian-Penkal (2004) e Coelho e Görski (2011).

2. Tipo de referência: os pronomes *tu* e *você* podem aparecer nas sentenças de modo genérico, usado para se referir a qualquer pessoa ou de modo específico, usado para um interlocutor definido.

- (i) Você genérico
- (13) [...] porque **você**, a gente, tá defendendo o não consumo de carne, vocês têm que defender o consumo excessivo, [...] vocês tão defendendo errado [...] (O2FT1J)
- (ii) Você específico
- (14) Quanto que **você** ganha por mês? (L2FT1J)
- (iii) Tu genérico
- (15) [...] pelo processo que **tu** tem que pegar a célula do boi, reproduzir ela. (N1MT2J)
- (iv) Tu específico
- (16) Como é que **tu** sabe que a gente não come carne? (N4FT2J)

Hipótese: Esperamos encontrar mais dados de pronome *tu* específico, respaldando-nos em Franceschini (2011), Nogueira (2021), Martins (2010), Modesto (2006) e Silva (2017) que concluíram, a partir da análise de amostras da região pesquisada, que quando a referência é específica, o *tu* é mais utilizado. Além disso, de acordo com Menon (1995), Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004), no sistema pronominal dos falantes que usam o *tu*, o *você* está mais suscetível a aparecer com referência genérica.

Para a concordância verbal canônica e não canônica com o *tu* controlaremos a explicitação do sujeito e o tempo e o modo verbal.

1. Explicitação do sujeito: o sujeito nas sentenças pode aparecer preenchido ou nulo, conforme indicam os exemplos a seguir.

(i) Sujeito preenchido

(17) [...] **tu** concorda que nós brincamos de Deus matando uma vida e nos alimentando do desespero desses animais por puro consumismo? (O2FTD)

(ii) Sujeito nulo

(18) \emptyset Já pensou em assistir outros de sua espécie morrerem? (A7FT1A)

Hipótese: Acreditamos que quando o pronome *tu* for nulo haverá mais concordância verbal canônica, pois, neste caso, há marcação distintiva. Respaldamos nossa hipótese nos estudos de Loregian (1996) e Hausen (2000).

2. Tempo e modo verbal: a variável tempo e modo verbal será representada pelas possibilidades que surgiram na amostra, exemplificadas a seguir:

(i) Presente do indicativo

(19) Tu concordas que o animal sofre sendo morto e vendo seu amigo morrendo na sua frente? (A1MT1E)

(ii) Pretérito Perfeito do Indicativo

(20) Tá certo o que **tu** falou [...] (A14MT1J)

(iii) Futuro do Presente do Indicativo

(21) Como é que **tu** vai tirar isso dele? (Z1MT1J)

(iv) Futuro do Pretério do Indicativo

(22) [...] mas **tu** ia melhorar também com alimentos [...] (N4FT2J)

(v) Infinitivo Pessoal

(23) [...] matar um gado pra **tu** consumir vale a pena? (E1FT1D)

Hipótese: Assim como constataram em seus estudos Loregian (1996), Loregian-Penkall (2004) e Hausen (2000), esperamos que ocorrerá mais concordância

canônica no tempo verbal cujas formas marcadas para o pronome *tu* forem mais salientes (receberem a desinência STE e -SSE). Deste modo, o pretérito perfeito do indicativo é o que propiciará mais marcas de concordância canônica.

3.2.3 Variáveis Extralinguísticas

Para analisar as duas variáveis dependentes, os grupos de fatores relacionados foram estabelecidos com o objetivo de analisar tanto a alternância do pronome de segunda pessoa do singular, quanto a variação na concordância verbal com o pronome *tu*. São eles: região de nascimento/região onde os estudantes e seus pais viveram por mais tempo, gênero do discurso e rede de contatos.

1. Região de nascimento/região onde os estudantes e seus pais viveram por mais tempo:
 - (i) estudantes/pais que nasceram/residiram em Biguaçu e região da Grande Florianópolis
(24) **Tu** só mostrou argumentos bíblicos pra gente [...] (O2FT1J)
 - (ii) estudantes/pais que nasceram/residiram fora de Biguaçu e região da Grande Florianópolis
(25) **Você** acha que se a gente parasse de comer carne resolveria os problemas ambientais? (T2FT1J)

Hipótese: o local de nascimento e o local em que os estudantes e seus responsáveis viveram por mais tempo pode influenciar no uso dos pronomes *tu/você* e da concordância verbal com *tu*. Nossa hipótese, respalda-se em autores como Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Davet (2013), Traesel (2016), Gouveia (2019) entre outros que atestaram que a região de nascimento, a região em que se viveu por mais tempo, bem como a convivência com pessoas de regiões distintas influencia na variação do pronome de segunda pessoa do singular e da concordância com o pronome *tu*.

Acreditamos que os estudantes que nasceram/residiram na região da Grande Florianópolis, e têm pais com a mesma característica, utilizarão predominantemente o pronome *tu*, em oposição ao pronome *você*, assim como atestado por Loregian (1996), Davet (2013), Traesel (2016) e Gouveia (2019).

Quanto à concordância verbal com *tu*, os informantes nascidos, ou que passaram a maior parte de suas vidas em Florianópolis e região, utilizarão mais a concordância verbal padrão com *tu*, mas apenas em comparação àqueles nascidos e que viverem mais tempo em outras regiões. Contudo, nos resultados finais, a concordância não padrão com *tu* prevalecerá nos dados analisados, assim como demonstraram as pesquisas mais recentes de Davet (2013), Rocha (2010), Scherre *et al.* (2015), que mostram uma diminuição da presença das formas normativas em comparação com os resultados de Loregian (1996).

2. Gênero do discurso: controlamos dois gêneros da oralidade e dois gêneros da escrita, conforme descreveremos em seguida:

(i) Júri simulado: O júri simulado é um gênero oral que propõe a discussão de problemáticas relacionadas à sociedade. Para isso são formados grupos que se dividem em defesa, acusação e júri (aqueles que darão o veredito). A metodologia do júri simulado pode estimular diversas operações cognitivas, como a defesa de pontos de vista, a construção de argumentos, a análise crítica e a tomada de decisões. De acordo com Anastasiou e Alves (2012, p. 99) “[...] Essa estratégia envolve todos os momentos de construção do conhecimento, da mobilização à síntese, pela sua característica de possibilitar o envolvimento de um número elevado de estudantes”. A preparação dessa dinâmica exige grande engajamento, pois, além de incentivar a pesquisa sobre o tema em questão, promove um envolvimento coletivo que transcende a sala de aula.

(26) **Tu** não achas que levaria muito tempo? (T1MT1J)

(iii) Debate regrado: O debate regrado é um gênero argumentativo da oralidade estruturado com o intuito de promover a interação entre os participantes, bem como explorar e discutir perspectivas distintas. No Dicionário de Gêneros, Costa (2009) definiu o debate regrado como uma discussão intensa, marcada pela apresentação de argumentos e justificativas que apoiam uma opinião ou refutam um ponto de vista. Nesse sentido, o gênero debate regrado pode desempenhar um papel significativo na promoção do

desenvolvimento de competências e habilidades orais. Tal prática pode contribuir para a formação de indivíduos mais críticos, capazes de analisar e argumentar sobre os aspectos positivos e negativos de temas polêmicos presentes na sociedade.

(27) O que que **você** acha que os animais ficam, tipo, três galinhas, uma gaiola só e o aperto que são? (S7FT2D)

(iv) Entrevista escrita: A entrevista é um gênero textual que se caracteriza pela interação entre um entrevistador e um entrevistado, tendo como objetivo principal coletar informações, opiniões e relatos de experiências pessoais ou profissionais. Para Schneuwly e Dolz (1999, p. 13):

A entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado) [...] Muitos autores consideram a entrevista uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas.

Este gênero pode ser realizado tanto na esfera oral quanto na escrita. Entre suas variadas aplicações, a entrevista pode atuar como uma ferramenta de interação social e interpretação informativa.

(28) **Tu** concordas que o animal sofre sendo morto e vendo seu amigo morrendo na sua frente? (A1MT1E)

(v) Anúncio publicitário: Para Centurião, Borges e Teno (2024, p. 24) o anúncio publicitário

[...] é um texto que apresenta diferentes modos valendo-se tanto da linguagem verbal como da não verbal, todavia os anúncios particularmente são textos da vida diária dos alunos e podem ser trabalhadas as competências linguísticas necessárias no processo de aquisição e aperfeiçoamento da língua.

Na maior parte dos espaços em que transitamos, somos permeados por este gênero do discurso. O anúncio publicitário está presente em muitas das nossas práticas cotidianas, de modo que alguns de seus componentes característicos já são conhecidos pelos estudantes. No intuito de influenciar o público-alvo, isto é, os interlocutores, motivando-os a aderir a uma ideia específica, o anúncio publicitário costuma adotar uma ampla gama de recursos verbais e semióticos, bem como diversas estratégias argumentativas.

(29) Não se vicie-se ao consumir carne se não **você** não consegue parar.
(A12MT1A)

Hipótese: De acordo com os resultados encontrados na pesquisa realizada por Souza (2024), determinados gêneros favorecem a utilização de um dos dois pronomes de segunda pessoa do singular. Também segundo Traesel (2016) e Loregian-Penkall (2004), o gênero do discurso é um fator relevante na análise de dados. Para esses autores, há maior frequência da aplicação das regras normativas nos gêneros que exigem mais formalidade. No caso da nossa pesquisa, acreditamos que o *você* prevalecerá nos gêneros da escrita; Anúncio e Entrevista, seguidos do Júri simulado - que, apesar de ser um gênero do discurso oral, espera-se maior formalidade por conta do contexto jurídico. Nossa hipótese parte das discussões em sala de aula e dos questionários, para muitos alunos envolvidos na pesquisa, o pronome *você* é utilizado “quando eu falo formalmente” (O2FT1). Concordamos, ainda, com Loregian-Penkall (2004) e Traesel (2016) quando se referenciam a Bronckart (2003, p.138) afirmando que “os gêneros não podem nunca ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva”. Entretanto, sabemos que o gênero do discurso utilizado para a coleta dos dados poderá influenciar na escolha do pronome de segunda pessoa do singular e da concordância verbal com o pronome *tu*.

Assim, baseando-nos em Davet (2013), acreditamos que, nos gêneros da escrita, quando houver uso do *tu*, *ele* deve vir acompanhado da concordância canônica, diferentemente dos gêneros da oralidade, em que o pronome *tu* deve vir sem concordância padrão. Segundo a autora, a formalidade é altamente favorecedora da variante marcada, uma vez que, em seus resultados, atestou uma maior frequência de concordância verbal nos textos escritos, pois, segundo ela, “a linguagem escrita está mais associada à norma padrão da língua do que a linguagem falada” (Davet,

2013, p. 125). Deste modo, assim como Davet (2013), esperamos comprovar que os gêneros da escrita favorecem a concordância padrão.

3. Rede de contatos: controlamos o conjunto de relações sociais que um indivíduo mantém, tanto online (por meio de redes sociais, fóruns, aplicativos, plataformas de mensagens, jogos, etc.) quanto presenciais (amigos, família, lugares que frequenta), de acordo com os seguintes fatores:

(i) Indivíduos com redes de contatos mais extensas e diversas (incluindo online e presenciais)

(30) O que **você** faria sobre a diminuição do consumo de carne? (A17FT2E)

(ii) Indivíduos com redes de contatos menos extensas e diversas

(31) Por que tu acha que o valor da carne vermelha vem crescendo tanto nesses últimos anos? (K1FT2E)

Hipótese: A rede de contatos de um indivíduo pode influenciar significativamente seu comportamento linguístico, incluindo a escolha de pronomes de segunda pessoa do singular. Esperamos que indivíduos com redes de contatos mais extensas e diversas (incluindo online e presenciais) mostrarão maior variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular e na concordância com o *tu*, diferente dos indivíduos com redes de contatos menos extensas e diversas que mostrarão menor variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular e na concordância com o *tu*. Monguilhott (2009) atestou que redes sociais mais densas favorecem o uso de variantes locais, enquanto as menos densas, portanto com menos interação e influência entre sujeitos, favorecem a variável mais prestigiada socialmente.

Em nossa pesquisa, esperamos que redes de contatos online mais diversas e globais, possam levar a um ajuste para formas mais amplamente aceitas, como o uso da concordância canônica com o *tu*, quando esse for utilizado. Já em redes presenciais mais próximas, pode haver uma maior tendência de uso do *tu* sem marca de concordância canônica, devido à intimidade e proximidade. Portanto, aqueles que participam frequentemente de atividades em meios digitais que envolvam pessoas de diversas regiões do país, como jogos online, redes sociais, por exemplo, darão preferência ao *você* como representante de pronome de segunda pessoa do singular

e, quando utilizarem o *tu* como pronome de segunda pessoa do singular, utilizarão com marca de concordância canônica.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisamos os dados sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e *você*) e da concordância verbal com *tu*. A abordagem teórica assumida neste trabalho (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]); Labov (2008 [1972])) permite compreender a distribuição das variantes como reflexos de uma heterogeneidade estruturada, em que fatores linguísticos e sociais interagem para influenciar nas escolhas dos falantes. Colocadas em prática as etapas descritas anteriormente, obtivemos resultados que foram analisados considerando as variáveis dependentes e independentes.

No que se refere à variável dependente 1, usos de *tu* e *você* como pronome de segunda pessoa do singular, obtivemos um total de 306 dados nos textos orais e escritos analisados. É importante mencionarmos que nessa análise foram excluídos os dados em que os verbos estavam no modo imperativo, um total de 37 ocorrências.

A distribuição dos dados pode ser observada na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1– Resultados de pronome de segunda pessoa do singular

Pronome	Dados/total	Percentual
<i>Tu</i>	75/306	25%
<i>Você</i>	231/306	75%
Total	306/306	100%

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados apresentados evidenciam uma clara predominância do uso do pronome *você* em relação ao pronome *tu* na função de segunda pessoa do singular, com 231 ocorrências de *você* (75%) contra apenas 75 ocorrências de *tu* (25%). Os resultados indicam que a predominância de *você* se alinha à mudança linguística em curso no português brasileiro, na qual *você* tem se consolidado como uma forma de segunda pessoa mais neutra e amplamente aceita. Segundo Labov (2008 [1972]), a variação linguística é condicionada pelo contexto social e discursivo, o que explica a alternância entre *tu* e *você* em diferentes gêneros discursivos.

Já, para a segunda variável dependente, a concordância verbal com o pronome *tu*, os resultados foram os seguintes:

Tabela 2 – Resultados da variável concordância verbal com *tu*

Concordância verbal com <i>tu</i>	Dados/total	Percentual
Concordância verbal padrão	04/75	5%
Concordância verbal não padrão	71/75	95%
Total	75/75	100%

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados referentes à variação na concordância verbal com o pronome *tu* revelam uma predominância expressiva da forma não canônica, com 75 ocorrências, em contraste com apenas 4 ocorrências da concordância verbal padrão.

Embora o uso do *tu* resista em algumas regiões e contextos, ele pode ocorrer sem a manutenção de seu paradigma verbal tradicional, como vemos na amostra selecionada. Dessa forma, o que verificamos na Tabela 2 é um alto percentual de uso da concordância verbal não padrão com o pronome *tu*, o que destaca a heterogeneidade e variabilidade da língua portuguesa, conforme Labov (2008 [1972]), demonstrando que a variação linguística é parte de um processo estruturado de mudança, no qual variantes menos marcadas e mais econômicas têm maior probabilidade de se generalizar.

4.1 Usos variáveis da segunda pessoa do singular (*tu/você*)

Para analisarmos os dados quanto aos usos variáveis da segunda pessoa do singular, trazemos para discussão, primeiramente, as variáveis linguísticas e, em seguida, as variáveis extralinguísticas.

4.1.1 Variáveis linguísticas

No tocante às variáveis linguísticas, consideramos as variáveis: explicitação do sujeito e tipo de referência.

4.1.1.1 Explicitação do sujeito

Em relação a essa variável, em todos os gêneros do discurso trabalhados, foram observadas 279 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular como

pronome sujeito explícito e 27 ocorrências de sujeito não explícito acompanhados por verbos conjugados. Desse modo, este foi o resultado final obtido¹⁷:

Tabela 3 – Resultados de *tu* e *você* em relação à variável explicitação do sujeito

Sujeito Explícito		Dados/total	Percentual
		Explícito (tu)	70/279
	Explícito (você)	209/279	75%
Não explícito		Não explícito (tu)	5/27
		Não explícito (você)	22/27
	Total	306	100%

Fonte: Elaborado pela autora

Destes dados foram excluídos aqueles em que o verbo se encontrava no imperativo. Pressupomos que a omissão do pronome com o verbo no imperativo esteja relacionada diretamente ao contexto discursivo. Isso porque, o gênero anúncio, que normalmente opera com uma comunicação mais objetiva e direcionada, utiliza frequentemente o verbo no imperativo com sujeito implícito, já que o destinatário é subentendido. Dessa maneira, a estrutura discursiva do anúncio já estabelece uma relação de fala entre o anunciante e o interlocutor, sem a necessidade de explicitar o pronome para identificar o sujeito. Esse fenômeno parece ocorrer porque a interação subentendida é típica no contexto publicitário, o que pode ser explicado pela função desse gênero: instruir, persuadir ou solicitar ações do leitor de forma direta e concisa. Portanto, a alta incidência de verbos no imperativo no gênero anúncio pode se justificar pela função pragmática de persuadir e direcionar a ação do público-alvo, pela necessidade de economia linguística e pela convenção discursiva que caracteriza o gênero.

Ao analisarmos a Tabela 3, constatamos que o maior índice foi de explicitação do sujeito, o que pode estar relacionado, também, à entrada do *você* como pronome de segunda pessoa do singular na língua portuguesa. É possível que, por conta da gramaticalização do *você*, a concordância verbal com o *tu* venha se modificando, uma vez que a não marcação do morfema distintivo demonstra estar assumindo o lugar da marcação, conforme exemplos:

¹⁷ Consideramos o pronome utilizado no contexto anterior ou seguinte do período como aquele que preenche a lacuna do sujeito implícito.

(32) [...] você acha certo a gente desmatar florestas para virar pasto para os bois?? (O5MT1D)

(33) Se tu acha que comer carne é errado por que você ainda come? (O5MT1E)

Nos exemplos (32) e (33), extraídos dos gêneros debate e entrevista, respectivamente, o mesmo informante (O5MT1) utiliza o verbo achar no presente do indicativo. Na primeira ocorrência, ele usa este verbo precedido pelo pronome *você*, já na segunda ocorrência, o pronome que precede o verbo é o *tu*. A escolha do sujeito explícito, neste caso, pode servir para reforçar a preocupação em evitar ambiguidades no discurso, o que é comum em gêneros que exigem resultados comunicativos.

Essa conclusão pode ser percebida na análise de todos os dados em que o sujeito era implícito. Assim como nos exemplos (34) e (35), mostrados a seguir, em todas as ocorrências de estruturas com sujeito não explícito encontradas no *corpus* havia o pronome de segunda pessoa do singular em contexto anterior ou seguinte, sempre seguido por verbos sem morfema distintivo:

(34) você ganha esse dinheiro todo pra Ø fazer churrasco, certo? você não acharia melhor Ø usar esse dinheiro todo que você ganha pra Ø ajudar as pessoas? (L2FT1J)

(35) Assim, tu também não quer ser vegetariano, certo? E se fosse um animal teu, que tu criou desde pequeno, qual que seria, tu ia matar um animal pra Ø comer? (E4MT2D)

Os dados mostrados na Tabela 3 confirmam, também, a constatação de Duarte (1993, p. 125) de que o português brasileiro está em um período de transição de uma língua *pro-drop* para uma língua não *pro-drop*, “sendo os casos de sujeitos nulos meros resíduos de um paradigma que acabou de perder sua riqueza funcional”. Essa constatação serve para reforçar os pressupostos labovianos de que a língua é um sistema movido por uma heterogeneidade ordenada.

O resultado da análise dessa variável contraria nossa hipótese inicial, que estava alinhada aos estudos de Gouveia (2019), Traesel (2016), Loregian-Penkal (2004) e Coelho e Görski (2011). Enquanto esses pesquisadores observaram que o sujeito implícito favorecia o uso do pronome *tu* em relação ao *você*, nossos dados indicam o oposto. Esse desvio em relação à expectativa inicial pode ser justificado pelo alto percentual de concordância não marcada com *tu* (94%) na amostra

analisada. Considerando que a recuperação do pronome pelo verbo dependeria de uma concordância canônica, a ausência dessa marcação verbal levou à necessidade de explicitar o *tu* nas construções, resultando em sua maior frequência de uso de forma explícita.

4.1.1.2 Tipo de referência

No que se refere ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, considerando o tipo de referência, esperávamos encontrar mais dados de *tu* específico e de *você* genérico, respaldando-nos em Menon (1995), Loregian-Penkall (2002, 2004) Modesto (2006), Martins (2010), Franceschini (2011), Silva (2017) e Nogueira (2021). Esses pesquisadores concluíram, que quando a referência é específica, o *tu* é mais utilizado, e que o *você* está mais suscetível a aparecer com referência genérica. Apesar disso, em nosso *corpus* encontramos os seguintes resultados:

Tabela 4 – Resultados de *tu* e *você* em relação à variável tipo de referência

Pronome/referência	Tu Dados/total = %	Você Dados/total = %
Específico	74/75 = 99%	230/231 = 99%
Genérico	1/75 = 1%	1/231 = 1%
Total	75/75 = %	231/231 = 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Apesar das expectativas fundamentadas nos estudos de Menon (1995), Loregian-Penkall (2002, 2004), Modesto (2006), Martins (2010), Franceschini (2011), Silva (2017) e Nogueira (2021), os dados do presente estudo revelam uma predominância tanto do *tu* quanto do *você* com referência específica, com 99% de *tu* com referência específica e 99% de *você* com referência específica.

Diante dos resultados, correlacionamos a variável referência aos gêneros do discurso investigados, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 5 – Resultados de *tu* e *você* na correlação entre as variáveis tipo de referência e gênero discursivo

Gênero discursivo	<i>Tu</i> específico Dados/total = %	<i>Tu</i> genérico Dados/total = %	<i>Você</i> específico Dados/total = %	<i>Você</i> genérico Dados/total = %
Entrevista	7/7= 100%	-	119/119= 100 %	-
Anúncio	3/3= 100%	-	53/53= 100%	-
Debate	31/31=100%	-	21/21= 100%	-
Júri	33/34= 97%	1/34= 3%	37/38= 97%	1/38= 3%

Fonte: Elaborada pela autora

Para ambos os pronomes, *tu* e *você*, os percentuais de referência específicos atingiram 100% nos gêneros entrevista, anúncio e debate e 97% no júri simulado. Assim, *tu* e *você* genérico apareceram apenas no júri simulado, com um percentual residual de 3%, gênero em que geralmente ocorrem exemplificações mais genéricas durante a argumentação, o que pode ter propiciado o aparecimento do pronome *tu* genérico.

Esses resultados desafiam parcialmente a literatura precedente, na qual se esperava uma maior frequência de *você* genérico. A ausência significativa de *você* genérico pode estar associada a uma estratégia mais personalizada na interação e que visa enfatizar a relação direta entre os interlocutores, o que pode ocorrer por conta dos gêneros discursivos trabalhados.

Os dados nos mostram uma relação entre as escolhas linguísticas e as especificidades de cada gênero do discurso analisado, à luz da Sociolinguística Variacionista. Na entrevista escrita, realizada entre colegas, o uso predominante do pronome de segunda pessoa com referência específica (100%) reflete o caráter interpessoal e mais direto do gênero. O mesmo ocorreu no anúncio publicitário que, por sua vez, apesar de ser um gênero predominantemente monológico, também apresenta um interlocutor específico, o público-alvo do texto. Também os gêneros da oralidade, tanto o debate regrado quanto o júri simulado, foram organizados e estruturados de maneira a promover interações diretas e dinâmicas entre os participantes.

No debate, os interlocutores assumiram posições argumentativas opostas, e a estrutura foi projetada para que cada participante pudesse fazer perguntas e responder diretamente ao outro, respeitando regras pré-estabelecidas e tempos definidos para cada intervenção. Esta organização visava garantir que as trocas

fossem claras, diretas e focadas na construção e refutação de argumentos, promovendo um diálogo contínuo e eficaz.

No júri simulado, a dinâmica foi semelhante, mas com um propósito ainda mais formal e colaborativo. Grupos distintos, divididos entre defesa, acusação e jurados, foram orientados a interagir de forma direta, com perguntas e respostas direcionadas a um interlocutor específico, de acordo com os papéis. Esta estrutura não apenas facilitou a interação organizada, mas também reforçou a personalização da comunicação, já que cada participante se dirigiu explicitamente a outro para argumentar. Tal metodologia foi essencial para simular o contexto de um tribunal, mantendo o foco na argumentação mais clara possível e no engajamento entre os participantes.

A organização e a estrutura dos gêneros debate regrado e júri simulado, com a interação direta e direcionada entre os participantes, pode ter influenciado significativamente o uso predominante da referência específica e da ausência quase total de formas genéricas. Esta configuração comunicativa exigiu perguntas e respostas direcionadas e focadas, o que, talvez, tenha reforçado a necessidade de personalização no discurso, favorecendo o uso de pronomes que estabelecem conexão direta com o interlocutor.

4.1.2. Variáveis extralinguísticas

4.1.2.1 Gênero do discurso

Conforme temos apresentado, para coletar os dados, trabalhamos com os gêneros do discurso entrevista, debate, anúncio e júri simulado. Esses gêneros foram escolhidos considerando o planejamento anual da disciplina para as turmas de oitavo ano. No âmbito desta pesquisa, os gêneros do discurso desempenharam um papel fundamental para a investigação do uso dos pronomes *tu* e *você* e da concordância verbal associada. A seleção de gêneros orais, como debate regrado e júri simulado, e de gêneros escritos, como entrevista escrita e anúncio publicitário, permitiu observar como as variáveis extralinguísticas influenciam a escolha pronominal e a marcação de concordância verbal em diferentes contextos comunicativos, evidenciando, assim, que a linguagem não pode ser dissociada de seu contexto social.

Ao considerarmos os gêneros discursivos trabalhados, as ocorrências de *tu* e *você* ficaram assim distribuídas:

Tabela 6 – Resultados de *tu* e *você* em relação à variável gênero do discurso

Gênero do Discurso	Pronome <i>tu</i> Dados/total = %	Pronome <i>você</i> Dados/total = %	Total Dados/total = %
Entrevista	7/126 = 5 %	119/126 = 95%	126/126 = 100%
Anúncio	3/56 = 5 %	53/56 = 95%	56/56 = 100%
Debate	31/52 = 60 %	21/52 = 40%	52/52 = 100%
Júri	34/72 = 47%	38/72 = 53%	72/72 = 100%

Fonte: Elaborado pela autora

O pronome *você*, como podemos observar na Tabela 6, foi utilizado preferencialmente nos gêneros do discurso entrevista e anúncio, com 95% em cada um dos gêneros, já no debate regrado, a preferência foi pelo uso de *tu* (60%). Como esse é um gênero oral, acreditamos que pode ter influenciado nas escolhas dos alunos, já que a interação, considerando o contínuo do monitoramento proposto por Bortoni-Ricardo (2004), é menos monitorada do que os outros gêneros controlados.

Já no gênero júri simulado, também gênero da oralidade, e, considerando o contínuo do monitoramento, constitui-se em uma situação de interação mais monitorada do que o debate regrado, por exemplo — e por isso se esperava maior formalidade — obtivemos uma frequência próxima entre *tu* (47%) e *você* (53%). Além disso, identificamos uma ocorrência do pronome *cê* e uma ocorrência do pronome *tu* conjugado na segunda pessoa do plural, ambas registradas pela mesma informante.

(36) [...] mas **cê** tem que contar a sua história. (N4FT2J)

(37) [...] por que que **tu** não **pensastes**, vamos se dizer num médico ... ou até mesmo **tu** ir pro remédio [...] (N4FT2J)

Esses dados, embora isolados, chamam a atenção pela diversidade de formas pronominais utilizadas por uma única falante. Em uma de suas falas, ela utiliza o pronome *cê*, adotando uma forma reduzida amplamente associada à oralidade brasileira informal. Na mesma amostra, encontramos o uso de *tu* com *pensastes*, uma forma que apresenta hipercorreção, pois utiliza um morfema de segunda pessoa do plural. Ainda na fala da mesma informante, ocorre *tu ir*, que combina o pronome *tu*

com uma forma verbal sem morfema distintivo de pessoa, seguindo um padrão não canônico amplamente observado na oralidade brasileira. Essa variação pronominal e morfossintática, dentro de um único discurso, evidencia a fluidez das escolhas linguísticas da informante, refletindo a complexidade da interação entre os usos linguísticos.

Outra perspectiva de análise dos dados diz respeito à distribuição dos pronomes *tu* e *você* entre os informantes, considerando aqueles que demonstram preferência categórica por um desses pronomes em função de cada gênero discursivo. Essa abordagem permite observar como as escolhas pronominais se correlacionam com as características de cada gênero, refletindo diferentes padrões de uso linguístico.

Tabela 7 – Síntese do número de informantes que utilizam *tu* e *você* por gênero do discurso

Gênero do Discurso	Apenas <i>tu</i> Indivíduo/total = %	Apenas <i>você</i> Indivíduo /total = %	Tu/ <i>você</i> Indivíduo /total = %	Total
Entrevista	1/41 = 2%	36/41 = 88%	4/41 = 10%	41/41 = 100%
Anúncio	4/45 = 8%	40/45 = 88%	2/45 = 4%	45/45 = 100%
Debate	14/34 = 41%	16/34 = 47%	4/34 = 12%	34/34 = 100%
Júri	10/35 = 29%	19/35 = 54%	6/35 = 17%	35/35 = 100%

Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 7 apresenta o número de informantes¹⁸ que utilizam apenas *tu*, apenas *você* ou ambos os pronomes nos diferentes gêneros discursivos. Uma análise detalhada de cada gênero evidencia como as escolhas linguísticas são moldadas também pelas características do gênero discursivo, pelo nível de formalidade e pelas práticas linguísticas individuais.

Na entrevista, observamos um predomínio claro do uso exclusivo de *você*, com 88%, em oposição a apenas 2% dos informantes utilizando exclusivamente *tu* e 10% alternando entre *tu* e *você*. Este resultado era esperado, pois a entrevista é um gênero discursivo mais formal, associado ao que os estudantes consideram padrão, no qual o *você* é amplamente preferido por ser considerado mais neutro e adaptável em situações formais e institucionais. Semelhante à entrevista, o anúncio apresenta 88% dos informantes utilizando exclusivamente *você* e apenas 8% optando por *tu*,

¹⁸ O número total de informantes varia de acordo com o gênero discursivo analisado, uma vez que nem todos os alunos participaram de todas as atividades propostas.

enquanto 4% alternam o uso entre *tu* e *você*. O alto índice de *você* reflete a natureza escrita e pública do gênero, que exige uma abordagem mais universal e impessoal, favorecendo o pronome mais amplamente aceito no português brasileiro para atingir um público maior.

No gênero debate, a variação entre os pronomes se torna mais equilibrada, com 41% dos informantes utilizando exclusivamente *tu*, 47% optando por *você* e 12% alternando os pronomes. Este equilíbrio pode ser explicado pelo fato de o gênero combinar oralidade e certa formalidade por ser “regrado”. Dependendo da estratégia discursiva, alguns participantes podem optar por *tu* para criar proximidade ou estimular a identidade, enquanto outros utilizam *você* para manter um tom mais neutro e abrangente. Além disso, o debate pareceu deixar os alunos nervosos, preocupados com a argumentação e despreocupados com a forma. Talvez, por isso, a tendência em aparecer mais o vernáculo

Para finalizar, o gênero júri simulado também apresenta uma maior alternância, com 29% dos informantes utilizando apenas *tu*, 54% exclusivamente *você* e 17% alternando entre ambos. A predominância do *você* reflete o caráter formal do gênero, mas a presença significativa de *tu* e da alternância, indica que, apesar da formalidade, os participantes trazem para o discurso traços de oralidade e identidade vernacular, especialmente em momentos mais espontâneos.

É importante chamar atenção aqui para o fato de que, ao cruzarmos os dados dos quatro gêneros do discurso investigados, não encontramos nenhum informante que tenha utilizado apenas o *tu* como pronome de segunda pessoa do singular em todos os gêneros. Por mais que alguns deles usem apenas o *tu* em determinado gênero, em outro gênero eles utilizam o *você*. Exemplo disso é percebido nas transcrições do informante O2FT, que revela uma variação linguística significativa no uso dos pronomes de segunda pessoa, alternando entre *tu* e *você* em diferentes contextos, conforme exemplos a seguir.

(38) **você** concorda ou discorda com o consumo de carne? **Você** acha viável esse consumo? **Você** sabe a origem da carne, sendo assim, tem noção do que consome[...] (O2FT1E)

(39) No churrasco **você** me mata; **você** se mata. Além de me consumir por puro luxo, **você** se joga em um abismo de doenças” (O2FTA)

- (40) [...] **tu** concorda que nós brincamos de Deus matando uma vida e nos alimentando do desespero desses animais por puro consumismo? (O2FTD)
- (41) eu queria saber qual é a base da tua dieta, o que **tu** come diariamente? **tu** come somente carne? E **tu** tem histórico de câncer na tua família? Mas **tu** sabe o mal que vai te causar no futuro ? **Tu** pode ter doenças cardiovasculares, **tu** pode sofrer um infarto. (O2FT1J)

Este comportamento linguístico pode ser reflexo de uma adaptação às expectativas comunicativas do interlocutor e às características do gênero discursivo.

Os resultados apresentados ratificam a nossa hipótese inicial, baseada nas pesquisas realizadas por Loregian-Penkal (2004), Traesel (2016) e Souza (2024), de que determinados gêneros favorecem a utilização de um dos dois pronomes de segunda pessoa do singular, e, portanto, o gênero do discurso é um fator relevante na análise dos dados. Assim como estes autores, nossos resultados apontam que há maior frequência da aplicação das regras normativas nos gêneros que exigem mais formalidade.

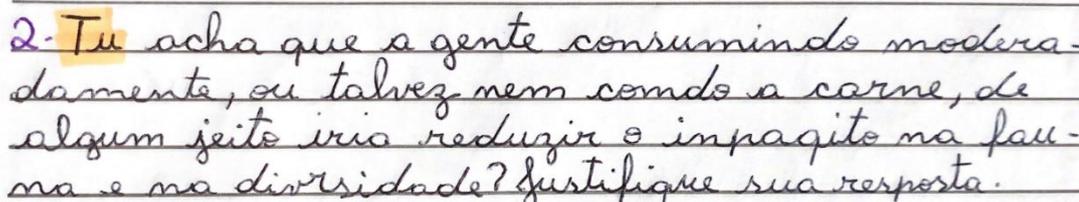
Ao analisarmos o comportamento específico de cada gênero do discurso, as relações de poder e de formalidade emergem nos padrões de uso dos pronomes. Vejamos:

4.1.2.1.1 Entrevista escrita

Os dados referentes ao gênero entrevista escrita oferecem uma perspectiva interessante sobre as escolhas pronominais adotadas pelos informantes.

Essa análise permitiu observar como os alunos utilizam os pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* em um gênero que tende a exigir maior formalidade e estruturação textual, por pertencer à esfera escrita, refletindo tanto a influência da norma-padrão quanto as práticas linguísticas informais incorporadas ao contexto escolar. Abaixo trazemos alguns exemplos:

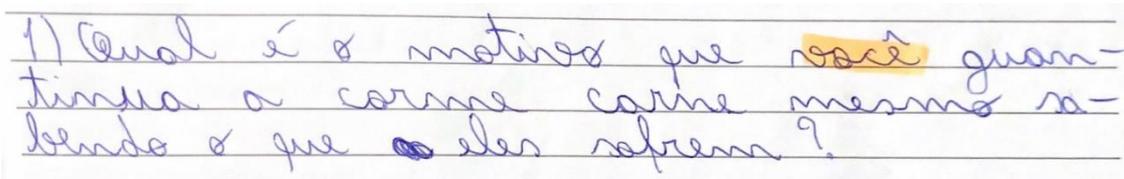
Figura 12 – Trecho de entrevista (I)



2- Tu acha que a gente consumindo moderadamente, ou talvez nem comendo a carne, de algum jeito iria reduzir o inpaqito na fauna e na diversidade? Justifique sua resposta.

Fonte: Acervo coletado pela autora.

Figura 13 – Trecho de entrevista (II)



1) Qual é o motivo que você quer diminuir a carne carne mesmo sabendo o que eles sofrem?

Fonte: Acervo coletado pela autora.

A análise sociolinguística das entrevistas realizadas pelos alunos evidencia uma preferência significativa pelo uso de *você* em detrimento de *tu*, no contexto de um total de 126 ocorrências do pronome de segunda pessoa do singular. Enquanto *você* foi percebido em 119 ocorrências (cerca de 94%), *tu* apareceu apenas em 7 (cerca de 7%). Este padrão pode refletir a predominância do *você* como pronome de segunda pessoa do singular na variedade brasileira do português atual em situações que envolvem comunicação mais formal, já que a entrevista foi escrita e estruturada.

Os contextos em que o pronome *tu* apareceu nos dados do gênero entrevista foram quase categóricos com uso alternado entre *tu* e *você*.

- (42) **Você** acha que esse aumento de consumo de carne poderia diminuir?
Tu acha que a gente consumindo moderadamente ou talvez nem comendo[...] (AFT15E)
- (43) **Você** concorda que o consumo de carne essecivo faz mau para a natureza em geral?**Tu** concordas que o animal sofre sendo morto e vendo seu amigo morrendo na sua frente? (A1MT1E)
- (44) Por que **tu** acha que o valor da carne vermelha vem crescendo tanto nesses últimos anos? **Você** acha certo isso? (K1FT2E)

O uso alternado entre os pronomes *tu* e *você* não foi categórico por conta de um informante que utilizou apenas *tu* no gênero entrevista.

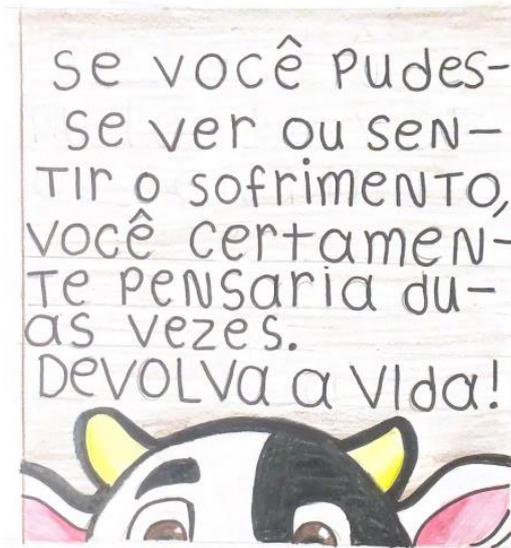
(45) **Tu** viu que os preços aumentaram da carne o que **tu** acha? (A21MT2)

Esta distribuição pode ser interpretada como um reflexo da dinâmica de prestígio linguístico associado ao *você*, amplamente difundido como padrão em contextos urbanos e escolares no Brasil. O uso limitado do *tu*, por outro lado, sugere que ele pode ser percebido pelos participantes como regional ou informal, o que reforça a associação do *você* a uma norma mais neutra e socialmente aceitável, especialmente nestes ambientes que envolvem produção textual mediada. Deste modo, confirmamos nossa hipótese inicial de que o *você* prevaleceria nos gêneros da escrita.

4.1.2.1.2 Anúncio

Similar à entrevista, o *você* também foi mais presente no gênero anúncio, talvez por conta do contexto publicitário, que normalmente busca atingir um público amplo, muitas vezes desconhecido. O uso reduzido do *tu*, pode sugerir que, em anúncios, o *você* é visto como mais polido e inclusivo. A proposta de trabalho com esse gênero discursivo incluiu a produção de anúncios voltados ao tema do consumo de carne, um tópico central da pesquisa. Após receberem orientações em sala de aula, os alunos produziram seus textos em casa, com a instrução de se dirigirem diretamente aos interlocutores, representados pelos demais estudantes da escola, uma vez que os anúncios seriam expostos em um mural. Essa abordagem proporcionou um contexto real de comunicação, incentivando os alunos a empregarem pronomes e construções linguísticas que estabelecessem proximidade e engajamento com o público-alvo. A seguir, apresentamos exemplos que ilustram as escolhas linguísticas feitas pelos estudantes e suas implicações para o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular.

Figura 14 - Anúncio publicitário (I)



Fonte: Acervo coletado pela autora.

Figura 15 – Anúncio publicitário (II)



Fonte: Acervo coletado pela autora.

Os resultados obtidos na análise dos anúncios sobre o consumo de carne revelam uma clara predominância do pronome *você* como segunda pessoa do singular neste gênero discursivo. Esta diferença significativa pode ser atribuída à natureza escrita e pública do gênero anúncio, que tende a privilegiar o uso de um pronome considerado mais neutro e amplamente aceito no português brasileiro, especialmente em contextos de comunicação mais formal. O *você*, neste caso, funciona como um recurso linguístico estratégico para alcançar um público mais amplo

e exclusivo, adequando-se à expectativa de um tom universalizado e acessível, específico deste gênero.

Além disso, o fato de os anúncios serem destinados a um mural escolar, e, portanto, a um público leitor mais amplo, pode estar relacionado à escolha do *você*, pois ele é frequentemente associado a contextos de escrita em que se busca estabelecer proximidade com o leitor sem comprometer a formalidade.

A escassez do uso de *tu*, entretanto, evidencia a percepção de que este pronome é mais marcado regionalmente ou identificado com a oralidade, o que não coaduna o caráter mais impessoal e objetivo do gênero anúncio. Em suma, os dados apontam para uma adequação ao gênero discursivo, confirmando, deste modo, nossa hipótese inicial de que em gêneros da esfera escrita encontraríamos uma preferência pelo pronome *você*.

4.1.2.1.3 Debate Regrado

Ao contrário dos gêneros anteriores, o debate mostrou uma presença mais equilibrada entre *tu* e *você*, o que pode indicar que, neste tipo de interação, que pode variar entre momentos de formalidade e de descontração, os falantes alternam entre os pronomes de acordo com o nível de familiaridade ou proximidade que têm com os interlocutores ou com o público.

Após conhecerem as especificidades do gênero debate regrado e assistirem a um debate sobre o tema em estudo, o consumo da carne, realizamos em sala de aula um debate regrado sobre este tema. Abaixo alguns exemplos de trechos transcritos a partir do áudio gravado podem ser observados:

(46) **tu achas** que os consumidores de bovinas e carnes no geral tem [...] (T1MT1D)

(47) **você** acha que vale a pena consumir a carne mesmo tendo consciência [...] (A9FT1D)

O levantamento dos pronomes de segunda pessoa do singular utilizados no debate regrado sobre o consumo de carne, realizado em sala de aula, revela uma variação linguística interessante no uso de *tu* e de *você*. Aqui percebemos uma coexistência das formas na oralidade dos alunos, o que pode estar relacionado à

nossa hipótese inicial, de que os gêneros da oralidade, em geral, são menos monitorados, o que possibilita que o falante use mais o seu vernáculo.

Este padrão de uso sugere que, mesmo em um gênero da oralidade considerado mais formal, como o debate regrado, a escolha do pronome é influenciada por aspectos como a proximidade entre os interlocutores, a norma linguística predominantemente na comunidade e o nível de formalidade exigido. Assim, a análise destes dados evidencia como a linguagem no gênero debate pode refletir não apenas escolhas conscientes para atender às regras de interação, mas também traços sociolinguísticos que reforçam a identidade dos falantes.

A proximidade nos percentuais de ocorrência entre os pronomes *tu* (60%) e *você* (40%) no debate regrado é um dado significativo, pois indica que, no contexto da interação, há uma convergência relativa no uso das formas pronominais de segunda pessoa do singular. Este equilíbrio pode refletir a coexistência de padrões linguísticos na comunidade dos alunos, possivelmente influenciada por uma transição sociolinguística em andamento, na qual o *você* vem ganhando espaço como forma mais neutra e amplamente utilizada em situações mais formais, enquanto o *tu* ainda é preservado em contextos informais ou em contextos em que o vernáculo acaba se sobressaindo.

4.1.2.1.4 Júri Simulado

No gênero júri simulado, o uso de *tu* e de *você* totalizou 34 ocorrências (47%) de *tu* e 38 ocorrências (53%) de *você*. Essa proximidade nos percentuais do resultado pode refletir a natureza mista da situação de um júri, em que formalidade e intimidade podem coexistir, dependendo das interações entre as pessoas envolvidas.

Como atividade a ser realizada em casa, indicamos que assistissem a um vídeo¹⁹, com a gravação de um júri simulado realizado pelos alunos do curso de Direito da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Em sala de aula, discutimos a respeito do vídeo assistido e sobre as impressões que os estudantes tiveram. Na aula seguinte, foi organizado um júri simulado com a participação de professores de outras áreas como integrantes do júri. Para tanto, a turma foi dividida em defesa e acusação e o

¹⁹ O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkfk51zYFaw>

consumo de carne foi “julgado”. Abaixo trazemos dois exemplos de trechos transcritos a partir do áudio gravado para ilustrar a discussão:

(48) Como **você** falou que o boi libera o gás metano [...] (A11FT1J)

(49) Tá certo o que **tu falou** sobre a quantidade de metano [...] (A14MT1J)

Após a análise dos dados, confirmamos a nossa hipótese inicial de que no gênero júri simulado — que, apesar de ser um gênero do discurso oral, espera-se maior formalidade por conta do contexto jurídico — encontraríamos mais ocorrência do pronome *você*. Estes são dados que nos chamam a atenção, pois esta proximidade pode indicar que, neste gênero, os falantes transitam entre os pronomes em função de diversos fatores, tais como o contexto imediato da fala e as demandas específicas do gênero.

O júri simulado, ainda que formal em sua estrutura e propósito, mantém características de oralidade espontânea, como “tu falou”, permitindo que os alunos se expressem de forma mais natural e ajustem suas escolhas linguísticas conforme sua experiência e identidade linguística.

Esta alternância também pode refletir o esforço dos alunos em equilibrar a adequação ao gênero da oralidade mais formal com o desejo de estabelecer uma proximidade com o interlocutor, especialmente em momentos de argumentação direta, em que o tom persuasivo pode influenciar o uso de formas linguísticas mais familiares ou neutras.

Portanto, esse resultado talvez nos mostre que o júri simulado é um espaço mais “híbrido”. Isto porque, apesar de ser um gênero da oralidade, o júri requer uma certa formalidade, aspectos formais e informais coexistem, evidenciando a flexibilidade da língua no processo de comunicação e a influência do vernáculo dos falantes no desempenho de um gênero específico.

De modo geral, em síntese, o que nos pareceu é que o uso dos pronomes *tu* e *você* está intimamente relacionado aos contextos sociais e formais em que o discurso ocorre. Deste modo, gêneros mais formais e escritos, como entrevista e anúncio, favorecem o *você*, por seu caráter neutro e universal. Já gêneros que envolvem maior oralidade e interação direta, como debate e júri, permitem maior flexibilidade e refletem a coexistência de usos variáveis.

Além disso, a alternância entre os pronomes em alguns gêneros sugere que os informantes são capazes de adaptar suas escolhas linguísticas conforme o interlocutor e a situação, evidenciando uma competência sociolinguística. Esse comportamento reflete um cenário sociolinguístico dinâmico, no qual fatores como formalidade e características do gênero discursivo interagem para moldar as escolhas linguísticas.

4.1.2.2 Rede de Contatos

Procuramos controlar nesta variável o conjunto de relações sociais que os estudantes mantêm, tanto *online* (por meio de redes sociais, aplicativos, plataformas de mensagens, jogos, etc.) quanto presenciais (amigos, família, lugares que frequenta) por meio de algumas questões respondidas em um questionário previamente elaborado.

Tabela 8 – Síntese de algumas respostas fornecidas no questionário aplicado

Respostas	Você costuma interagir com pessoas de outras regiões?	Você joga <i>online</i> com pessoas de outras regiões?
Sim	37/56 = 66%	32/56 = 57%
Não	11/56 = 20%	24/56 = 43%
Não respondeu	8/56 = 14%	0/0 = 0%
Total	56/56 = 100%	56/56 = 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Na tabela 12 mostramos o resultado da análise de algumas das perguntas do questionário aplicado. Uma destas perguntas foi “Você costuma interagir com pessoas de outras regiões?” Para esta pergunta, obtivemos 37 respostas positivas (66%) e 11 negativas (20%), sendo que 8 estudantes não responderam (14%) a este questionamento.

Outra questão, com o intuito de identificar as relações que os informantes mantêm com pessoas de outras regiões, foi “Você joga *online* com pessoas de outras regiões, sabe de onde elas são?” Entre as respostas fornecidas o resultado foi de que 32 informantes (57%) jogam *online* com pessoas de outras regiões, enquanto 24 (43%) deles não costumam jogar. Entre as regiões das pessoas com quem os informantes costumam jogar, além da região Sul, estão a Sudeste, majoritariamente com São Paulo e Rio de Janeiro, e a Nordeste. Nas respostas também encontramos

dois informantes que jogam com pessoas dos Estados Unidos e um informante que joga com pessoas de Portugal.

Por fim, quanto às redes de contatos que podem ser estabelecidas por meio da internet, perguntamos “Quem são seus *youtubers* e *TikTokers* preferidos? De que região do país eles são?”. Novamente, a região predominante nas respostas foi a Sudeste, com os Estados de São Paulo em primeiro lugar e do Rio de Janeiro em segundo. Quanto à região Nordeste, ela ocupou a terceira posição, já a região Sul apareceu em apenas três ocorrências, e as demais não foram mencionadas.

Os resultados desta variável podem sugerir uma relação direta entre o tipo e a amplitude das interações sociais de um indivíduo e suas escolhas linguísticas. O dado de que 37 pessoas (66%) interagem com indivíduos de outras regiões indica uma maior probabilidade de exposição às variedades linguísticas que priorizam o pronome *você*, amplamente utilizado nas regiões brasileiras.

O uso de plataformas *online* também influencia essa dinâmica: o fato de 32 pessoas jogarem *online*, muitas vezes em ambientes de interação nacional ou global, reforça a exposição às variedades linguísticas que favorecem o uso do pronome *você*, devido ao seu caráter mais neutro e adaptável.

Já as 24 pessoas (43%) que não jogam *online* tendem a depender mais de suas redes locais para estabelecer padrões de fala, o que pode sustentar o uso do *tu* em comunidades que valorizam esta forma de tratamento. Assim, esses resultados evidenciam como as redes de contato, tanto *online* quanto presenciais, podem atuar como fatores sociolinguísticos importantes na variação entre *tu* e *você*, mediando o impacto das interações no repertório linguístico dos falantes.

É provável que os informantes, ao estabelecerem contato com pessoas de outras regiões, acabem internalizando padrões linguísticos diversos, incluindo o uso do *você* como forma mais neutra e exclusivamente empregada em situações de comunicação abrangentes. Contudo, suas práticas linguísticas cotidianas ainda podem ser fortemente influenciadas pelo uso do *tu*, que ainda é um pronome muito utilizado em sua comunidade de fala.

Esta convivência com variedades linguísticas distintas cria um repertório mais flexível, no qual os falantes transitam entre formas linguísticas de acordo com o contexto ou com o interlocutor. Vejamos os exemplos:

- (50) Se **tu** acha que comer carne é errado por que **você** ainda come?
(O5MT1E)
- (51) **Você** acha que esse aumento de consumo de carne poderia diminuir?
Tu acha que a gente consumindo moderadamente ou talvez nem comendo [...] (AFT15E)
- (52) **Você** concorda que o consumo de carne essecivo faz mau para a natureza em geral? **Tu** concordas que o animal sofre sendo morto e vendo seu amigo morrendo na sua frente? (A1MT1E)

Nos três exemplos acima, os informantes alternam os pronomes *tu* e *você* no mesmo período, estes informantes responderam que não costumam jogar *online*, mas que costumam interagir com pessoas de outras regiões do país por outros meios, que não por jogos *online*.

A alternância também pode ser um reflexo de incerteza ou de uma estratégia subconsciente de acomodação linguística, na tentativa de alinhar sua fala a normas regionais ou percebidas como "mais corretas". Além disso, como estes alunos não jogam *online*, suas interações com outras regiões podem ser menos frequentes e marcadas por um estilo de fala mais "híbrida", em que a influência externa convive com as práticas locais.

Vejamos agora exemplos de estudantes que jogam *online* e que mantêm uma rede de contatos com pessoas de outras regiões:

- (53) **Você** acha certo matar os animais/maltratar eles e deixar eles sofrendo? **Você** acha que dar para esperar os animais morrer de veliu para a gente poder comer a carne? (O6MT1E)
- (54) **Você** concorda que se os humanos diminuíssem o consumo de carne melhoraria o meio ambiente? **Você** acha que se regulassem o consumo de carne, diminuiria a poluição nos rios[...]? (A14MT1E)
- (55) **Você** acha se diminuísse o consumo de carne, melhoraria o meio ambiente? **Você** acha certo mata e maltrata só para consumir a carne?" (A6MT1E)

Como já dito, o *você* é frequentemente associado à comunicação que ultrapassa fronteiras regionais, características muito presentes em interações virtuais, como jogos *online* e redes sociais. Estas plataformas, geralmente, reúnem indivíduos

de diferentes origens geográficas, promovendo um nivelamento linguístico em que o *você* predomina por sua maior aceitação e funcionalidade em contextos formais e informais.

Além disso, também pode estar relacionado ao prestígio social que o *você* carrega em algumas situações, especialmente em interações que envolvem desconhecidos ou grupos diversos. Os jogos *online*, por exemplo, exigem uma comunicação rápida e eficiente, frequentemente influenciada por um padrão de linguagem mais genérico e acessível. Da mesma forma, os contatos com pessoas de outras regiões podem reforçar tal padrão, pois os falantes tendem a adaptar sua fala para garantir a compreensão mútua, evitando formas marcadas regionalmente, como o *tu*.

A análise dos dados reforça as hipóteses previamente apresentadas sobre a relação entre redes de contatos e o comportamento linguístico dos indivíduos. Aqueles com redes mais amplas e diversificadas, especialmente aquelas que incluem interações digitais com alcance nacional ou global, mostram uma tendência mais acentuada ao uso do *você*, associado a uma norma percebida como mais neutra e acessível. Essa adaptação pode ser um reflexo da necessidade de garantir a compreensão mútua em contextos em que há maior heterogeneidade linguística, como nos jogos *online* ou em redes sociais nas quais o *você* se consolida como a forma predominante de segunda pessoa do singular.

Por outro lado, em redes presenciais mais densas e locais, observa-se uma maior preservação de variantes regionais, como o *tu*, frequentemente desacompanhado da concordância normativa, o que está em consonância com as conclusões de Monguilhott (2009) sobre o impacto das redes sociais densas na manutenção de traços linguísticos locais. Esta dicotomia ilustra como a interação entre redes digitais e presenciais influencia a variação linguística, demonstrando que falantes inseridos em contextos diversos ajustam suas práticas de acordo com as demandas sociais e comunicativas de cada ambiente. Portanto, o comportamento linguístico dos jovens analisados reflete não apenas questões de urbanização e globalização da linguagem, mas também as dinâmicas de pertencimento e adaptação às redes em que estão inseridos, configurando um uso linguístico que equilibra padrões locais e universais.

4.1.2.3 Região de nascimento/região dos estudantes e de seus pais

Um aspecto importante para compreendermos os resultados da pesquisa realizada é saber quais são as regiões de origem dos estudantes e de seus pais/ou responsáveis. Esses dados podem contribuir para o entendimento da formação do indivíduo, o que reflete, também, em alguns comportamentos linguísticos.

Tais informações são fundamentais para analisarmos as suas escolhas linguísticas. Embora todos os informantes residissem, à época da pesquisa, na cidade de Biguaçu, no mesmo bairro em que a escola está localizada ou em bairros próximos, alguns deles nasceram em outras cidades e estados. Considerando os dados gerais acerca dessa variável, temos os seguintes registros²⁰:

Quadro 7 - Cidades e estados de nascimento dos informantes e de seus pais/responsáveis

Cidade e estado de nascimento dos informantes	Total	Cidade e estado de nascimento dos pais/responsáveis dos informantes	Total
Armazém (SC)	1	Armazém (SC)	1
Aurora (SC)	1	Chapecó (SC)	2
Balneário Camboriú (SC)	1	Florianópolis (SC)	23
Campo grande (MS)	1	Iporã do Oeste (SC)	1
Florianópolis (SC)	24	Lages (SC)	1
João Pessoa (PB)	1	Não especificada (RS)	3
Não especificada (BA)	1	Não especificada (SP)	3
Não especificada (RS)	1	Não especificada (PR)	2
Não especificada (SP)	5	Pinheiro (MA)	1
Pinheiro (MA)	1	São José (SC)	7
Santa Isabel (PA)	1	São Lourenço do Sul (SC)	1
São José (SC)	15	Tijucas (SC)	1
Tijucas (SC)	1	Valência (BA)	1
Valência (SC)	1	-	-

Fonte: Elaborado pela autora

²⁰ Os dados da informante Z3FT2 não foram considerados neste quadro, porque ela é venezuelana e reside há dois anos em Biguaçu. A aluna teve muita resistência ao aprendizado da Língua Portuguesa, iniciando o ano letivo de 2023 escrevendo e falando apenas em sua língua materna, mas, com o passar tempo, foi se adaptando ao português.

Uma análise do quadro 7, acerca a região de nascimento dos pais ou responsáveis dos informantes, revela um forte predomínio de nascidos em Santa Catarina, com destaque para Florianópolis (23 ocorrências) e São José (7 ocorrências). No entanto, há também registros de pais nascidos em outras regiões, como Rio Grande do Sul (3), São Paulo (3), Paraná (2), Maranhão (1) e Bahia (1), o que resulta em um percentual de 90% de nascidos na região Sul do Brasil, contrastando com índices baixíssimos das demais regiões. Esta diversidade, sugere que algumas famílias têm origens em outras cidades, para além da região da Grande Florianópolis, o que pode trazer variações linguísticas para a convivência doméstica e, conseqüentemente, influenciar os comportamentos linguísticos dos alunos.

Assim como os pais/responsáveis provenientes de outras regiões podem introduzir padrões linguísticos diferentes, como a preferência por *você*. Já os pais nascidos em Santa Catarina, especialmente em cidades como Florianópolis e São José, podem reforçar o uso do *tu*, que é característico destas regiões. Esta interação, especialmente no ambiente familiar, pode criar uma convivência de variantes e até mesmo explicar escolhas linguísticas, inclusive alternâncias no uso de *tu* e *você* por parte dos alunos.

Ao compararmos a região de nascimento dos informantes com a de seus responsáveis, percebemos que tanto entre os estudantes quanto entre os pais, a maior parte dos nascimentos ocorreu em Santa Catarina. A cidade de Florianópolis aparece como a mais representativa em ambas as tabelas, com 24 alunos e 23 pais nascidos na capital. Além disso, outras cidades catarinenses, como São José, Tijucas e Chapecó, também estão presentes em ambas as tabelas.

Esses dados reforçam que, para a maioria dos estudantes, o ambiente familiar e comunitário compartilha práticas linguísticas semelhantes, possivelmente priorizando características regionais. Embora Santa Catarina ainda predomine, os alunos apresentam maior diversidade de estados de origem do que seus pais/responsáveis, incluindo Bahia, Maranhão, Pará e Mato Grosso do Sul, além de São Paulo e Rio Grande do Sul. Essa maior variação pode ser reflexo da mobilidade recente, entre outros motivos. Também há cidades específicas nos registros dos pais (como Iporã do Oeste e São Lourenço do Sul) que não aparecem no quadro dos alunos.

Para aqueles cujos pais vieram de outras regiões, a influência linguística doméstica pode ter introduzido *você* como pronome mais recorrente, refletindo

padrões de outras variedades do português brasileiro. Por outro lado, os alunos cujos pais são majoritariamente da região Sul, podem ter maior exposição ao *tu*, reforçando características linguísticas regionais.

Embora alguns estudantes tenham utilizado exclusivamente o pronome *tu* no gênero debate regrado, não foi registrada nenhuma ocorrência de informante que mantivesse o uso exclusivo do *tu* em todos os quatro gêneros investigados. Em outras palavras, ainda que no debate essas ocorrências indiquem a preferência pelo *tu*, os mesmos informantes alternaram seu uso com o pronome *você* nos demais gêneros, evidenciando uma variação pronominal contextualizada e dependente do gênero discursivo. Ao estabelecermos uma relação entre as ocorrências do pronome *tu em todos os gêneros discursivos* e os locais de origem dos informantes, bem como o de seus responsáveis, obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 9 - Frequência de *tu* conforme o local de origem dos informantes e de seus responsáveis

Informante	Local de origem do informante	Local de origem responsáveis	Frequência no uso de <i>tu</i> Dados/total = %
A10MT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	1/8 = 12%
E2MT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	1/15 = 7%
A14MT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	6/8=75%
T1MT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	2/12 = 17%
E1FT1	Pinheiro (MA)	Pinheiro (MA)	2/15 = 13%
E4MT2	Chapecó (SC)	Chapecó (SC)	6/14 = 43%
Z2FT2	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	1/6 = 16%
L23MT2	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	1/11 = 10%
K1FT2	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	3/17 = 18%
S7FT2	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	1/4 = 25%
S5MT2	São José (SC)	São José (SC)	2/4 = 50%
O8FT2	São José (SC)	São José (SC)	4/8 = 50%
A7FT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	1/11 = 9%
A4MT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	4/11 = 36%
O2FT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	18/27 = 66%
N4FT2	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	7/12 = 58%
N2MT2	Não identificada (SP)	Florianópolis (SC)	1/2 = 40%
O5MT1	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	2/4 = 50%
AFT15	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	2/8 = 25%

A1MT1	Santa Izabel (PA)	Santa Izabel (PA)	2/9 = 22%
A21MT2	Florianópolis (SC)	Florianópolis (SC)	4/8 = 50%
O7MT1	São José (SC)	São José (SC)	4/25 = 24%
Total			75/75 = 100%

Fonte: Elaborado pela autora

A análise dos dados demonstra uma correlação significativa entre o uso do pronome *tu* e as origens geográficas dos informantes e de seus responsáveis, refletindo características linguísticas típicas da Grande Florianópolis. Exceto pelos informantes E1FT1 e E4MT2, todos os participantes que empregaram exclusivamente o *tu* no gênero debate são oriundos de Florianópolis ou São José, localidades em que esta forma pronominal possui forte enraizamento cultural e histórico.

A manutenção do *tu* como pronome de segunda pessoa sugere a influência das práticas linguísticas familiares e do ambiente comunitário na conformação das escolhas linguísticas dos falantes.

Quanto à informante E1FT1, nasceu e foi criada na cidade de Pinheiro, no Maranhão. Ela residia à época da pesquisa em Santa Catarina, no município de Biguaçu há apenas um ano e sete meses, tendo residido anteriormente por cinco anos em Macapá. A aluna utilizou apenas *tu* no gênero debate, apenas *você* nos gêneros entrevista e anúncio e não apresentou ocorrência do pronome de segunda pessoa do singular no gênero júri simulado.

(56) Se **você** ver eles matado, **você** teria coragem de come? Se **você** tivesse uma galinha, **você** teria corages de mata para come? **Você** concorda que os animais tem sentimento? (E1FT1E)

(57) Se **você** parar de comer carne, **você** acha que vai mudar o mundo? Se todos se comprometerem sim! Vamos nos conscientizar! (E1FT1A)

(58) **Tu** acha que matar um gado pra **tu** consumir vale a pena? (E1FT1D)

No questionário, a estudante respondeu que utiliza com mais frequência o pronome *tu*, mas que usa o *você* com as pessoas que ela respeita. Além disso, E1FT1 afirma que em textos escritos costuma utilizar mais *você*.

Segundo Scherre *et al.* (2015), quanto à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular por região e estado, o Maranhão tem um percentual de 27 a 37% de predominância do pronome *tu*. Este comportamento linguístico da informante E1FT1 sugere uma adaptação dinâmica às variedades linguísticas de cada contexto sociocomunicativo. O uso exclusivo do *tu* no gênero debate pode indicar um alinhamento com as práticas linguísticas regionais tanto do Maranhão, onde o *tu* ainda possui uma presença significativa, conforme apontado por Scherre *et al.* (2015), quanto da Grande Florianópolis. Por outro lado, a escolha do *você* nos gêneros entrevista escrita e anúncio, mais formais e estruturados, pode refletir a influência de sua trajetória em regiões como o Amapá e Santa Catarina, onde o *você* tende a ser percebido como um pronome mais neutro e amplamente aceito.

Além disso, o fato de a informante declarar preferir o *tu* em interações orais com colegas e professores, mas o *você* em textos escritos, aponta para uma clara sensibilidade estilística e uma internalização de normas linguísticas que distinguem oralidade e escrita.

Esse padrão reflete não apenas a pluralidade regional em sua trajetória, mas também a interação entre fatores regionais e institucionais. A exposição a diferentes normas linguísticas, tanto em sua vivência no Maranhão quanto no Amapá e em Santa Catarina, parece ter moldado uma competência linguística capaz de fazer escolhas pronominais que variam conforme o contexto de uso. Assim, a informante ilustra a influência das redes de contato e da mobilidade geográfica na formação de práticas linguísticas flexíveis, que equilibram padrões locais e universais.

O outro informante, E4MT2, que nasceu em Chapecó e, junto de seus responsáveis lá residiu até o ano de 2019, embora tenha utilizado no debate e no júri simulado apenas *tu*, nos gêneros entrevista e anúncio fez uso apenas de *você*. Ao responder ao questionário, ele afirmou que utiliza tanto o *tu* quanto o *você*, mas que considera o *você* mais formal. Quando indagado sobre as situações em que costuma usar os pronomes de segunda pessoa do singular, ele respondeu:

(59) **Tu** com amigos familiares pessoas de convívio, o **Você** com pessoas formais ou idosos. (E4MT2)

Em resposta à questão que solicitava que o informante explicitasse alguns contextos em que ele geralmente costuma usar os pronomes *tu* e *você*, ele exemplificou:

(60) Diretora: A senhora consegue imprimir para mim, **você** também imprimir isso? Amigos: **Tu** pega aquilo pra mim? (E4MT2)

Acerca de Chapecó, que fica localizada no oeste Catarinense, as amostras de entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do Varsul, analisadas por Loregian-Penkal (2004) e por Hausen (2000), mostraram que a cidade apresenta um “subsistema **tu/você** bem equilibrado.

Tanto nos dados de respostas da informante E1FT1 quanto nos do informante E4MT2 percebemos que, de fato, o pronome *você* é percebido por eles como mais formal, sendo que foi utilizado nos gêneros escritos. Ao exemplificar que com a diretora da escola utilizaria *você* e com os colegas de sala utilizaria *tu*, E4MT2 reforça sua percepção quanto aos usos do pronome de segunda pessoa do singular, assim como E1FT1, quando afirmou no questionário utilizar o *você* apenas com “pessoas que eu respeito”. Em conclusão, estes informantes atribuem ao pronome *você* uma marca de formalidade, em oposição ao pronome *tu* — que parece ser percebido como mais íntimo ou descontraído por eles.

Quanto à região do Brasil em que os informantes nasceram, tivemos o seguinte resultado:

Tabela 10 – Frequência de uso das variantes de segunda pessoa do singular conforme a região de nascimento dos informantes

Região nascimento	Frequência no uso de <i>tu</i> Dados/total = %	Frequência no uso de <i>você</i> Dados/total = %
Sul	71/75 = 94%	140/231 = 61%
Sudeste	-	49/231 = 21%
Centro Oeste	-	10/231 = 4%
Norte	2/75 = 3%	5/231 = 2%
Nordeste	2/75 = 3%	27/231 = 12%
Total	75/75 = 100%	231/231 = 100%

Fonte: Elaborado pela autora

A análise da Tabela 14 revela uma clara predominância do uso do pronome *tu* entre os informantes nascidos na região Sul, com uma frequência de 94% (71 ocorrências em um total de 75), demonstrando a forte presença desse pronome em áreas tradicionalmente associadas a práticas linguísticas que valorizam sua utilização. Em contraste, nas demais regiões, os índices de uso de *tu* são significativamente

menores, com apenas 3% na região Norte (2 ocorrências em 75) e Nordeste (2 ocorrências em 75), enquanto não houve registro de uso nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Esses dados corroboram as tendências regionais identificadas em estudos anteriores, que apontam o Sul do Brasil como um espaço de maior vitalidade do *tu*. Essa distribuição também evidencia a influência das origens geográficas no comportamento linguístico dos informantes, indicando que a variação no uso do *tu* pode estar ligada também às tradições regionais e ao contexto social de onde os falantes provêm.

Desse modo, os resultados obtidos com a análise desta variável confirmam a nossa hipótese inicial de que o local de nascimento e o local em que os estudantes e seus responsáveis viveram por mais tempo pode influenciar no uso dos pronomes *tu/você*. Esta hipótese inicial respaldou-se em autores como Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Davet (2013), Traesel (2016), Gouveia (2019) entre outros. Estes pesquisadores atestaram que a região de nascimento, a região em que se viveu por mais tempo, bem como a convivência com pessoas de regiões distintas influencia na variação do pronome de segunda pessoa do singular.

A hipótese de que os estudantes que nasceram/residiram na região da Grande Florianópolis, e que tinham responsáveis com a mesma característica, utilizariam predominantemente o pronome *tu*, em oposição àqueles nascidos em outras regiões, assim como atestado por Loregian (1996), Davet (2013), Traesel (2016) e Gouveia (2019) foi confirmada nesta análise dos dados.

4.2 Concordância verbal padrão e não padrão com *tu*

Para a concordância verbal com *tu*, controlamos a explicitação do pronome e o tempo e o modo verbal. Com os resultados finais, após a análise de cada um dos gêneros do discurso com os quais trabalhamos, obtivemos um resultado que evidencia a predominância da concordância verbal não padrão no uso do pronome *tu*. Das 75 ocorrências, apenas 4 (6%) apresentam concordância verbal padrão, enquanto 71 (94%) seguem a forma não padrão, por isso realizamos uma análise qualitativa. Estes dados reforçam uma característica amplamente documentada na Sociolinguística brasileira, segundo a qual, nas regiões onde o *tu* é utilizado, a regra de concordância verbal frequentemente não segue o padrão gramatical normativo.

A discrepância nestes dados encontrados pode ser atribuída ao processo de simplificação morfossintática da língua em contextos de uso informal, aliado à influência de outras variedades do português brasileiro em que o uso do *você* é comum. Estes dados sugerem que, mesmo entre falantes que usam o *tu*, a norma-padrão nem sempre é mantida, o que pode também ser reflexo de pressões sociais ou regionais para usar formas mais neutras ou não marcadas. Assim, a preservação do *tu* não implica necessariamente a preservação de suas formas verbais associadas à norma-padrão.

Além disso, tal discrepância pode ter relação com a entrada do pronome *você* no quadro de pronomes do PB, bem como seu uso cada vez mais frequente, que têm incentivado um sistema não *pro-drop* em todas as pessoas do discurso. Assim, já que o sujeito é preenchido, não tem necessidade de marcação da concordância verbal, assim como ocorre na língua inglesa, ou seja, uma mudança encaixada em outra mudança (cf. Labov, 2008[1972]).

4.2.1 Variáveis linguísticas

4.2.1.1 Explicitação do sujeito

Referente à concordância verbal com *tu*, no que tange à explicitação do sujeito, os resultados revelam que, no que diz respeito à variável linguística explicitação do sujeito no contexto da concordância verbal padrão com o pronome *tu*, não obtivemos ocorrência de sujeito não explícito (0/75), o que contraria a nossa hipótese inicial. De acordo com estudos prévios, como Loregian-Penkall (2004), Coelho e Görski (2011), Traesel (2016) e Gouveia (2019), era esperado que a ausência do pronome *tu* favorecesse a manutenção da flexão canônica de segunda pessoa do singular, uma vez que, na ausência do pronome explícito, a forma verbal seria o único elemento morfológico capaz de recuperar o sujeito da frase (cf. Loregian-Penkall, 2004). De modo semelhante, no tangente à concordância verbal não padrão, obtivemos 97% de sujeito explícito,

No entanto, ao considerarmos o nosso *corpus* mais amplo, os dados corroboram a análise de Duarte (1993). Como já mencionamos anteriormente, segundo a autora, o português brasileiro se encontra em um período de transição de uma língua *pro-drop* para uma língua não *pro-drop*. Esta mudança seria evidenciada pelo declínio do uso de sujeitos nulos, que passam a ser meros resíduos de um

paradigma linguístico que perdeu sua riqueza funcional. Em outras palavras, o aumento da necessidade de explicitação do sujeito reflete uma reconfiguração estrutural do português brasileiro, que gradualmente abandona características de línguas com sujeitos nulos, tradicionalmente associadas ao português europeu (cf. Duarte, 1993).

Essa tendência, como percebemos nos dados, sugere uma interseção entre fatores morfossintáticos, discursivos e funcionais. A explicitação categórica do sujeito no contexto do pronome *tu* pode ser entendida não apenas como um enfraquecimento do paradigma *pro-drop*, mas também como um reflexo do esforço de manutenção da inteligibilidade em um sistema em que o uso da flexão canônica de segunda pessoa do singular já não é produtiva ou estável em algumas variedades do português brasileiro.

4.2.1.2 Tempo e modo verbal

A variável tempo e modo verbal foi controlada para verificarmos se ela influenciaria na concordância verbal com o pronome *tu*. Os resultados desta variável nos mostram que, nos dados analisados, todas as ocorrências de *tu* com concordância padrão foram com verbos no presente do indicativo, como mostramos abaixo:

- (61) Tu **concordas** que o animal sofre sendo morto e vendo seu amigo morrendo na sua frente? Tu **achas** certo matar e consumir um animal somente por consumo ou prazer? (A1MT1E)
- (62) Tu **achas** que os consumidores de bovinas e carnes no geral tem uma certa desinformação em relação ao consumo da carne? (T1MT1D)
- (63) Tu não **achas** [...]que levaria muito tempo? [...] principalmente a carne, você falou também [...] (T1MT1J)

Quanto aos resultados de *tu* com concordância não padrão, referente ao tempo/modo verbal, obtivemos resultados com outros dois tempos verbais além do presente do indicativo, conforme exemplos abaixo:

- (64) Pretérito Perfeito do indicativo: “Tu **viu** no documentário, né? (A21MT2D)

(65) Futuro do Pretérito do Indicativo: “[...] tu **ia matar** um animal pra comer?
(E4MT2D)

Esses exemplos ilustram como o tempo e o modo verbal podem ter influenciado as escolhas de concordância verbal com o pronome *tu* nos dados analisados. Observamos que a concordância padrão ocorre exclusivamente no presente do indicativo, enquanto as formas não padrão se manifestam em outros tempos, como o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do pretérito do indicativo. A seguir, apresentamos os resultados gerais dessa variável, destacando as frequências e distribuições dos diferentes tempos, todos no modo indicativo, em relação à concordância padrão e não padrão.

Os dados obtidos não coadunam o que esperávamos inicialmente. A nossa hipótese era de que, assim como constataram em seus estudos Loregian (1996), Loregian-Penkak (2004) e Hausen (2000), ocorresse mais concordância canônica no tempo verbal pretérito perfeito do modo indicativo do que em outros tempos verbais. De acordo com as pesquisadoras isso ocorreria porque este tempo verbal possui formas marcadas para o pronome *tu* mais salientes (recebem a desinência *-ste* e *-sse*). Contrariamente à nossa hipótese inicial, o tempo verbal presente, no modo indicativo, foi categórico, sendo que das quatro ocorrências encontradas, três foram com o verbo *achar*.

Essa discrepância entre os resultados obtidos no presente estudo e as expectativas baseadas na literatura anterior exigem uma reflexão que contemple fatores linguísticos e extralinguísticos, apesar de os dados encontrados em nosso *corpus* terem sido muito reduzidos, tentamos levantar algumas hipóteses.

Embora as pesquisas de Loregian (1996), Loregian-Penkak (2004) e Hausen (2000) sugiram que formas verbais no pretérito perfeito do indicativo, com desinências marcadas como *-ste* ou *-sse*, favoreçam a concordância canônica, é possível que no português brasileiro atual, em amostras de informantes mais jovens, especialmente nas variedades onde o *tu* é usado, o presente do indicativo seja um tempo verbal com uso mais frequente e que tem maior estabilidade em termos de flexão canônica.

Isso porque, no presente do indicativo, a morfologia verbal canônica para o pronome *tu* (-s em formas como *tu concordas* e *tu falas*) apresenta maior regularidade morfológica e menor complexidade fonológica em comparação às formas do pretérito

perfeito (tu concordaste, tu falaste), sendo utilizado para descrever ações ou estados que ocorrem no momento atual ou que possuem caráter geral e habitual.

Como esse tempo/modo verbal é muito frequente e aparece em diversos contextos discursivos seu significado talvez seja mais direto e previsível. Tal previsibilidade semântica e estabilidade morfológica podem ser fatores para que esse tempo/modo verbal contribua para que o falante marque a concordância canônica quando o utiliza nas conjugações verbais.

Ainda que essas explicações sejam hipóteses para o padrão apresentado, é importante ressaltar que tais interpretações não são conclusivas e exigem investigações mais aprofundadas. A categorização do presente do indicativo na concordância verbal com o pronome *tu* pode ser influenciada por fatores variados. Sugerimos, portanto, que as pesquisas futuras ampliem a análise para outros tempos e modos verbais, bem como para diferentes contextos discursivos, a fim de verificar se o padrão observado é consistente em outros cenários ou se está restrito às particularidades do *corpus* analisado.

Além disso, seria relevante investigar mais detalhadamente a relação entre a frequência de uso de certos verbos e a manutenção da flexão canônica, bem como explorar possíveis interações entre fatores extralinguísticos. As investigações sugeridas aqui podem contribuir para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas linguísticas relacionadas à explicitação do sujeito e à concordância verbal com *tu* no português brasileiro atual.

4.2.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

4.2.2.1 Gênero do discurso

Os gêneros discursivos selecionados para a coleta de dados incluíram entrevista escrita, anúncio, debate regrado e júri simulado, como já visto anteriormente. Considerando os registros obtidos a partir dos gêneros discursivos analisados, as ocorrências de concordância verbal com *tu* ficaram assim distribuídas:

Tabela 15 – Síntese de ocorrências de concordância verbal com *tu* em relação à variável gênero do discurso

Gênero do discurso	<i>Tu</i> com concordância verbal padrão	<i>Tu</i> com concordância verbal não padrão (2ª pessoa do plural)	<i>Tu</i> com concordância verbal não padrão (sem morfema distintivo)
Entrevista	2	-	5
Anúncio	--	--	3
Debate	1	--	30
Júri	1	1	32
Total	4	1	70

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados apresentados na Tabela 15 evidenciam a variação na concordância verbal com o pronome *tu* nos gêneros discursivos trabalhados, refletindo comportamentos linguísticos relevantes sob a perspectiva sociolinguística. Tais comportamentos são evidências de que os falantes selecionam suas escolhas linguísticas também com base em fatores sociais, tais como o contexto de fala (gênero do discurso) e a relação entre os interlocutores.

No gênero entrevista, foram registradas duas ocorrências de *tu* com concordância verbal padrão, enquanto a concordância não padrão, com verbo sem morfema distintivo, foi predominante, totalizando cinco ocorrências, o que nos sugere uma tendência à simplificação morfológica neste gênero. Também no gênero anúncio a concordância não padrão com verbo sem morfema distintivo predominou, de modo que não foram encontradas outras formas de concordância verbal nos dados analisados.

Essa ausência de forma padrão pode estar relacionada à natureza mais acessível e simplificada do discurso publicitário, que busca atender a um público amplo, excluindo formas marcadamente regionais ou formais.

Do mesmo modo, no gênero debate houve apenas uma ocorrência de *tu* com concordância verbal padrão, enquanto a maior parte das ocorrências, 30 casos, envolveu concordância não padrão com verbo sem morfema distintivo. O debate

apresentou uma maior quantidade de ocorrências nesta categoria entre os gêneros analisados, refletindo a espontaneidade e a natureza oral deste gênero, que favorecem formas linguísticas menos monitoradas.

O gênero júri foi o único a apresentar representações em todas as categorias. Registramos uma ocorrência de *tu* com concordância padrão e uma ocorrência com concordância não padrão com o morfema da segunda pessoa do plural, o que pode ser reflexo de uma hipercorreção, sugestiva à situação de maior formalidade em que a aluna estava, no papel de advogada:

(66) [...] **tu** não **achas** que levaria muito tempo?... (T1MT1J)

(67) por que que **tu** não **pensastes**, vamos se dizer num médico [...] ou até mesmo tu ir pro remédio [...] (N4FT2)

A concordância verbal não padrão com verbo sem morfema distintivo foi, mais uma vez, predominante, com um total de 32 ocorrências, representando o maior número entre todos os gêneros. A diversidade de formas observadas neste gênero discursivo reflete sua natureza, que mescla elementos de formalidade e espontaneidade.

Em síntese, a concordância padrão foi pouco frequente e ficou limitada a contextos específicos, como entrevista e júri, que podem envolver maior monitoramento linguístico, conforme tínhamos previsto. Inicialmente, acreditávamos que nos gêneros da escrita, quando houvesse uso do pronome *tu*, *este* seria acompanhado da concordância verbal padrão, diferentemente dos gêneros da oralidade, em que o pronome *tu* viria com verbo sem concordância padrão. Esta hipótese baseou-se nos estudos de Davet (2013) em que a formalidade foi favorecedora da variante marcada. De forma geral, os dados apontam para a predominância do uso de *tu* com verbo sem morfema distintivo em todos os gêneros discursivos, com destaque para o debate e o júri.

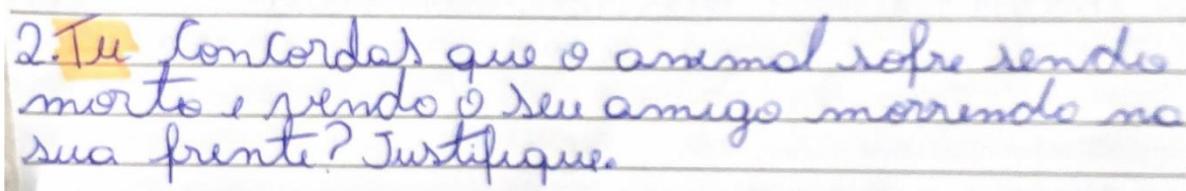
4.2.2.2 Entrevista

A análise dos dados obtidos no gênero entrevista escrita revela uma predominância da concordância verbal não padrão (71%) sobre a concordância padrão (29%) no uso do pronome *tu*. Nesse gênero do discurso, esperava-se um

maior monitoramento linguístico, já que ele é geralmente associado a maior planejamento e formalidade. No entanto, mesmo com um número reduzido de dados, a predominância das formas não padrão indica que, mesmo em um formato escrito, o registro escolhido pelos participantes reflete características da oralidade e uma tendência de simplificação morfológica típica do português brasileiro. Tal simplificação, como já mencionado, parece evidente em regiões onde o *tu* coexiste com o *você*, levando à neutralização da flexão verbal canônica da segunda pessoa do singular em favor de formas associadas à norma não padrão.

Entretanto, o fato de ainda haver casos de concordância padrão em uma entrevista escrita sugere que alguns participantes recorrem a estas formas como uma estratégia estilística para reforçar a formalidade, destacar a identidade regional ou até mesmo para adotar um discurso alinhado à norma-padrão.

Figura 16 - Trecho de entrevista (III)



Fonte: Acervo coletado pela autora

É possível que as ocorrências de concordância padrão estejam associadas a uma maior consciência linguística dos respondentes ou a contextos em que se buscou projetar maior credibilidade no discurso.

Por outro lado, a alta frequência da concordância não padrão sugere que os participantes da entrevista escrita não percebem necessariamente esse formato como um gênero que exige rígida adesão à norma-padrão. Em vez disso, o uso das formas não padrão pode ser interpretado como uma tentativa de criar proximidade com o leitor ou de reproduzir um tom mais natural e acessível, mesmo em um texto escrito.

Estes dados sugerem que o gênero entrevista escrita, apesar de sua natureza planejada, permite espaço para a manifestação de traços de oralidade e escolhas linguísticas mais informais, alinhando-se às tendências de simplificação e regularização morfológica do português brasileiro, o que reafirma a importância de estudar como os falantes negociam questões de norma, identidade e estilo mesmo em contextos escritos.

4.2.2.3 Anúncio Publicitário

O gênero anúncio, caracterizado pela combinação de elementos verbais e não verbais e amplamente presente no cotidiano, desempenha um papel significativo na construção de mensagens persuasivas direcionadas a um público-alvo específico. Dados a sua natureza comunicativa e seu objetivo de estabelecer proximidade com os interlocutores, o anúncio publicitário frequentemente adota formas linguísticas que refletem práticas usuais e informais da língua. Os dados encontrados, pertinentes a este gênero do discurso, indicam que, no gênero anúncio publicitário, todas as ocorrências de *tu* foram acompanhadas de concordância verbal não padrão, representando 100% dos casos analisados. Não houve registro de concordância padrão. Esta ausência de formas canônicas pode ser interpretada à luz de características específicas do gênero discursivo e do contexto sociolinguístico em que ele é produzido e consumido.

O anúncio publicitário, como apontado por Centurião, Borges e Teno (2024), combina elementos verbais e não verbais para comunicar sua mensagem de forma eficaz e alcançar seu público-alvo. Trata-se de um gênero amplamente presente no cotidiano dos alunos e da sociedade em geral, utilizando-se de estratégias linguísticas que muitas vezes privilegiam a acessibilidade e a identificação com o público. Neste sentido, a adoção de formas linguísticas que refletem a fala cotidiana é coerente com o objetivo de estabelecer proximidade e identificação com os interlocutores. Tal escolha estilística pode ser considerada uma estratégia argumentativa para maximizar o impacto da mensagem.

Além disso, o anúncio publicitário, por ser um gênero planejado e multimodal, não necessita da formalidade associada à norma-padrão para ser eficaz. Pelo contrário, ao recorrer a formas não padrão, o texto publicitário pode transmitir uma imagem de descontração, modernidade e autenticidade, características valorizadas em contextos de consumo e persuasão. A escolha de formas linguísticas mais informais e usuais pode refletir uma adaptação às práticas discursivas dos estudantes e da sociedade em geral, que estão familiarizados com essas construções.

4.2.2.4 Debate Regrado

O gênero debate regrado, caracterizado por sua estrutura argumentativa e fundamentada na oralidade, promove uma interação entre os participantes por meio da exposição de argumentos e justificativas, como definido por Costa (2009). No contexto do debate regrado, as demandas por agilidade discursiva e exposição de ideias em tempo real podem influenciar as escolhas linguísticas dos participantes, privilegiando formas que refletem a fala cotidiana e menos monitorada. Os dados sobre a concordância verbal com o pronome *tu* no gênero debate regrado revelaram uma ampla predominância de formas não padrão (97%) em relação às formas padrão (3%).

(68) **tu** não **acha** que a gente deveria pegar o cereal que é dado pro boi e nós mesmos consumir assim? (A10MT1D)

(69) **tu achas** que os consumidores de bovinas e carnes no geral tem uma certa desinformação em relação ao consumo da carne? (T1MTD)

Novamente tivemos resultados com baixa frequência da forma canônica, o que pode ser interpretado como reflexo da mudança linguística em andamento, em que as formas verbais atreladas à segunda pessoa do singular no português brasileiro não possuem marcação de morfema distintivo.

Além disso, o debate regrado, conforme descrito por Costa (2009), é um gênero estruturado, mas que permanece fundamentado na oralidade. Ele envolve uma interação direta entre os participantes, que apresentam argumentos e justificativas em um formato dinâmico e frequentemente espontâneo. Apesar de sua estruturação, o debate exige respostas rápidas e exposição de ideias, o que pode favorecer o uso de formas linguísticas mais simplificadas e não monitoradas.

Outro ponto relevante é que, no debate regrado, a preocupação principal dos participantes está em construir argumentos convincentes e responder aos interlocutores, o que pode reduzir o foco no uso da norma-padrão. Neste sentido, o uso de formas não padrão pode ser visto como uma estratégia prática para manter a

fluidez da interação e evitar interferências causadas pela necessidade de adequação à norma gramatical.

4.2.2.5 Júri Simulado

Os dados relativos ao gênero júri simulado evidenciaram uma predominância da concordância verbal não padrão com o pronome *tu* (97%) em comparação à concordância padrão (3%).

A metodologia desse gênero, conforme descrita por Anastasiou e Alves (2012), incentiva o engajamento coletivo e a construção de conhecimento, envolvendo desde a mobilização de informações até a síntese de ideias. Esta dinâmica permite que os participantes adaptem sua linguagem às demandas interacionais, combinando argumentação estruturada com a espontaneidade da oralidade. Abaixo alguns exemplos de trechos transcritos a partir do gênero júri simulado, que foi gravado em áudio. Este gênero, embora formal em sua essência, é também um espaço interativo e performativo, no qual os participantes buscam criar uma conexão argumentativa com o público. Observemos os exemplos:

(70) **tu** não **achas** [...] que levaria muito tempo? [...] principalmente a carne, você falou também [...] (T1MT1)

(71) Tá certo o que **tu falou** sobre a quantidade de metano [...] (A14MT1J)

(72) Por que que **tu não pensastes**, vamos se dizer num médico [...]" (N4FT2J)

Nesse sentido, o uso do *tu* com concordância não padrão em exemplos como "Tá certo o que tu falou" pode ser interpretado como uma estratégia de aproximação, reforçando um estilo discursivo mais acessível e menos formal. Por outro lado, a presença pontual da hipercorreção ("tu não pensastes") — um fenômeno linguístico em que o falante, na tentativa de se aproximar da norma-padrão, acaba produzindo uma forma que não pertence a esta norma — sugere momentos de monitoramento linguístico, que podem emergir como tentativa de alinhar o discurso a expectativas de formalidade do gênero.

Tal fenômeno linguístico é típico de contextos em que a norma não é completamente internalizada, mas há uma percepção de que a fala deve ser ajustada a um registro mais formal. Essa hipercorreção é particularmente relevante no contexto do gênero discursivo júri simulado, no qual há uma expectativa implícita de

formalidade e cuidado com a fala. O falante, ciente de que o *tu* exige uma forma verbal distinta, tenta ajustar seu discurso às normas percebidas como prestigiadas, mas, ao fazê-lo, aplica uma regra que não pertence à gramática normativa. Este fenômeno é comum em variedades linguísticas em que o *tu* coexiste com o *você*, como em Santa Catarina, onde a norma-padrão do *tu* é frequentemente enfraquecida pela convivência com formas não padrão ou até mesmo pelo uso majoritário do *você*, em algumas situações de uso.

Do ponto de vista sociolinguístico, a hipercorreção em "tu não pensastes" revela o impacto da escolarização e da pressão da norma-padrão no repertório linguístico dos falantes. Este tipo de construção indica que o falante reconhece a expectativa de uso formal da concordância verbal com *tu*, mas também expõe as lacunas em relação à norma prescrita. Em contextos como o júri simulado, onde o falante se encontra em uma posição de maior monitoramento da fala, a hipercorreção pode ser interpretada como uma tentativa de adequação estilística que, paradoxalmente, evidencia a complexidade e a variabilidade das normas linguísticas regionais.

Portanto, "tu não pensastes" não apenas reflete um fenômeno de hipercorreção, mas também demonstra como as práticas linguísticas são moldadas por fatores regionais, educacionais e discursivos, destacando a tensão entre o vernáculo, a norma-padrão e as estratégias individuais de adaptação ao contexto comunicativo.

Estes dados corroboram a visão de que a variação linguística não ocorre apenas por fatores linguísticos, mas também em função dos extralinguísticos, sendo contexto interacional imprescindível. No caso do júri simulado, a tensão entre a formalidade inerente ao gênero e a tendência à informalidade na fala cotidiana na região da Grande Florianópolis parece favorecer o uso majoritário de formas não padrão. Assim, alguns gêneros do discurso atuam como um espaço em que elementos das diferentes normas coexistem de maneira dinâmica.

4.2.2.2 Rede de Contatos

Buscamos controlar o conjunto de relações sociais que um indivíduo mantém, tanto *online* quanto presenciais, de acordo com os seguintes fatores: indivíduos com

redes de contatos mais extensas e diversas e indivíduos com redes de contatos menos extensas e diversas.

A nossa hipótese era de que a rede de contatos de um indivíduo pode influenciar significativamente seu comportamento linguístico. Esperávamos que indivíduos com redes de contatos mais extensas e diversas mostrariam maior variação na concordância verbal com o *tu*, diferente dos indivíduos com redes de contatos menos extensas e diversas que mostrariam menor variação, conforme apontou Monguilhott (2009). Considerando os dados obtidos, apenas dois informantes apresentaram ocorrências de concordância verbal padrão com o pronome *tu*. Todos os demais informantes do *corpus*, independentemente das características de suas redes de contato, utilizaram apenas a concordância não padrão, alinhando-se ao que tem sido mais frequentemente observado nos estudos acerca do português brasileiro contemporâneo.

Nas demais ocorrências de pronome de segunda pessoa do singular destes dois informantes, encontramos apenas a utilização do *você*, sendo assim, o *tu* foi usado por eles apenas com a concordância verbal padrão. A presença de concordância padrão exclusivamente entre os dois informantes sugere que, no geral, a norma-padrão não é amplamente utilizada como escolha linguística predominante no *corpus* analisado, mesmo entre indivíduos com redes sociais mais diversas.

Em relação às redes de contato do informante T1MT1, ao que nos pareceu ao analisarmos o questionário é que ela é diversa. Quanto aos influenciadores digitais prediletos, T1MT1 escreveu:

(73) Não acompanho ninguém específico no tiktok ou youtube, mas o conteúdo que mais me prende são aqueles voltados pra algo útil, tipo aprender uma língua nova ou alguns macetes dentro de casa. São influenciadores de outros estados, dos (EUA) e Rússia. (T1MT1)

O estudante T1MT1 afirma ser atleta de vôlei e participar de campeonatos com pessoas de outras regiões. Além disso, assegura interagir com pessoas de outros lugares por meio das plataformas digitais e jogar *online* com pessoas que residem em outros estados e até em outros países.

Já o informante A1MT1 não costuma jogar *online*, mas interage com pessoas diversas nos campeonatos de judô e de vôlei dos quais participa. Ele também interage com pessoas de outros estados brasileiros com frequência. Segundo o estudante:

(74) A maioria dos meus amigos é daqui de Biguaçu mesmo, mas também tenho alguns do Pará, do nordeste e outros de São Paulo. (A1MT1)

Ainda, este informante diz consumir, principalmente, conteúdo digital relacionado a carro e afirma que a maioria destes conteúdos são produzidos por influenciadores do sul do Brasil.

Com base nos dados analisados, a variável rede de contatos não nos pareceu exercer um papel relevante na escolha linguística, uma vez que não demonstrou ser determinante no *corpus* em relação à concordância verbal com o pronome *tu*. Os dois informantes cujos dados apresentaram concordância verbal padrão possuem redes de contato amplas e diversas, tanto no meio presencial quanto digital, o que pode ter contribuído para a manutenção de formas mais próximas da norma-padrão em contextos específicos. Outra possibilidade é cruzarmos os dados da variável rede de contatos com a variável lugar de origem, buscando entender como estes fatores se complementam na explicação do uso da concordância verbal padrão com o pronome *tu*.

O informante T1MT1, nascido e criado na região da Grande Florianópolis, onde há uma tradição histórica no uso do *tu* com concordância verbal padrão devido à influência açoriana, pode ter internalizado esta estrutura linguística desde cedo. A preservação de traços linguísticos associados à norma-padrão na região pode ter favorecido a manifestação da concordância padrão em contextos específicos, reforçada por suas redes de contato amplas e diversas, que ampliam sua exposição a diferentes práticas linguísticas.

Por outro lado, o informante A1MT1, nascido em Santa Isabel, no Pará, onde o *tu* é amplamente usado, mas frequentemente com concordância não padrão, passou os primeiros sete anos de vida neste contexto linguístico. Após sua mudança para Biguaçu, região onde a concordância padrão com *tu* possui maior prestígio, ele pode ter traços linguísticos locais incorporados. Suas redes de contato, que incluem interação com pessoas de diferentes regiões e contextos, podem ter contribuído para

a adoção parcial da concordância padrão em sua fala, embora essa forma ainda seja usada de maneira limitada.

A interação entre influências regionais e a diversidade de contatos sociais parece ter contribuído para que ambos os informantes apresentassem ocorrências de concordância verbal padrão, apesar de essa forma não ser predominante em nosso *corpus*. Estes cruzamentos evidenciam a importância de variáveis extralinguísticas diversificadas nas análises sociolinguísticas, apontando para a necessidade de investigar como tais variáveis interagem em diferentes contextos sociais e geográficos no português brasileiro atual.

4.2.2.3 Região de nascimento/região dos estudantes e de seus pais

Os resultados não vão de encontro à nossa hipótese inicial, na qual acreditávamos que os estudantes que nasceram/residiram na região da Grande Florianópolis e com pais com a mesma característica, utilizariam predominantemente o pronome *tu* com concordância padrão. Nos dados analisados, apenas dois falantes utilizaram a concordância verbal padrão com o pronome *tu*, sendo que cada informante apresentou duas ocorrências:

- (75) **Você** concorda que o consumo de carne essecivo faz mau para a natureza em geral? **Tu concordas** que o animal sofre sendo morto e vendo seu amigo morrendo na sua frente? (A1MT1E)
- (76) **Tu achas** certo matar e consumir um animal somente por consumo ou prazer? (A1MT1E)

O informante A1MT1 apresenta uma alternância entre os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*. A análise das ocorrências linguísticas deste informante reflete influência clara da sua região de origem — Santa Isabel, na região metropolitana de Belém, onde nasceu e viveu por sete anos — e daquela em que mora atualmente — Biguaçu, na Grande Florianópolis, cidade em que reside há sete anos.

Este informante, em resposta fornecida no questionário, quando indagado sobre os usos do pronome de segunda pessoa do singular e sobre a concordância verbal com *tu*, afirmou:

(77) Eu particularmente uso mais o tu que vem muitas vezes da cultura paraense já que é muito usado em gírias, como tu é doido, tu tá ficando maluco[...] então a gente principalmente paraense é mais puxado pro tu. Obviamente a gente usa você, raramente a gente usa você, pra ser sincero, principalmente em ocasiões formais mais eu uso mais o tu e com concordância não padrão. (A1MT1)

A alternância entre os pronomes *tu* e *você* pode ser explicada como resultado do contato com as variedades linguísticas regionais destas localidades, evidenciando uma interação entre a norma linguística predominante em sua região de nascimento e a de sua região atual de residência. Segundo Scherre (2015, p. 144):

O estado do Pará, ao que tudo indica, é usuário do subsistema **tu/você** com concordância alta (entre 40% e 60 %) ,em Belém, a capital. Dados do Projeto Mocajuba, município de Cametá, na área nordeste do Pará, também revelam que a entrevistadora apresenta cerca de 40% de concordância. Todavia, os participantes da pesquisa parecem apresentar comportamentos diferenciado, com pouco uso de “tu e sem concordância.

Quanto às demais ocorrências de concordância verbal com *tu*, foram extraídas dos dados do informante T1MT1 que, assim como seus responsáveis é nativo de Florianópolis e morador de Biguaçu “dês de quando eu nasci”, nas palavras do próprio falante, assim como seus responsáveis.

(78) **Tu achas** que os consumidores de bovinas e carnes no geral tem uma certa desinformação em relação ao consumo da carne? (T1MT1D)

(79) [...] **tu não achas** [...] que levaria muito tempo? [...] principalmente a carne, você falou também. (T1MT1J)

Os dados do informante T1MT1 confirmam a variação na concordância verbal com o pronome *tu* na região da Grande Florianópolis, conforme descrito por Scherre (2015, p. 146), que observa um "subsistema mais tu com concordância alta (entre 40% e 60%) na região". O uso do *tu* com concordância canônica está alinhado com o padrão regional de Florianópolis, no qual o *tu* ainda é utilizado, mas com variações na concordância verbal.

Este fenômeno de variação é característico da diversidade linguística observada em Santa Catarina, um estado que, de acordo com Scherre (2015), apresenta um mosaico linguístico, onde diferentes formas de concordância com o *tu* coexistem. O informante T1MT1, sendo nativo de Florianópolis e morador de Biguaçu, exemplifica essa coexistência, utilizando o *tu* com concordância verbal padrão, mas também fazendo uso do *você*, o que reflete a dinâmica de variação linguística dentro da mesma região, influenciada pela diversidade sociolinguística de Santa Catarina.

Uma outra ocorrência que nos chamou a atenção foi quanto à informante E1FT1, nascida e criada na cidade de Pinheiro, no Maranhão, que morou no Macapá por cinco anos. À época da pesquisa, ela residia em Biguaçu há um ano e sete meses. No questionário, quando interrogada sobre a utilização da concordância verbal com *tu*, ela respondeu que não costuma utilizar a concordância padrão. Esta estudante apresentou uma única ocorrência do pronome *tu* e que foi usado sem a concordância verbal padrão:

(80) **Tu acha** que matar um gado pra **tu** consumir vale a pena? (E1FT1D)

A utilização do pronome *tu* sem concordância verbal padrão é predominante no Maranhão. Embora, conforme Scherre *et al.*, 2015, haja a presença de *tu* com concordância em graus variados, o percentual varia de 3% a 8% neste estado. De acordo com Scherre *et al.*, 2015, a cidade de Pinheiro, onde nasceu e morou a informante E1FT1, junto da cidade de Imperatriz, representa a região do Maranhão que apresenta um sistema *tu* com concordância verbal baixa, menos de 10%.

Estes dados reforçam a influência regional sobre as escolhas linguísticas da informante E1FT1, cuja origem na cidade de Pinheiro, Maranhão, está diretamente associada ao uso predominante do *tu* sem concordância verbal padrão, como ela afirma no questionário. A única ocorrência em seu discurso foi, de fato, empregada sem concordância, alinhando-se às práticas linguísticas observadas por Scherre *et al.* (2015), que apontou para a baixa frequência de concordância padrão em sua região, com percentuais abaixo de 10%.

Ainda que esta informante tenha residido em Macapá e atualmente viva em Biguaçu, parece que o sistema linguístico internalizado na infância, o seu vernáculo, fortemente influenciado pelas características regionais de sua cidade natal, continua a prevalecer. Este exemplo evidencia como as experiências linguísticas iniciais e o

contexto geográfico desempenham um papel significativo na manutenção de padrões linguísticos, mesmo diante de novas exposições a diferentes práticas linguísticas em outros lugares.

Resumo do capítulo

Neste capítulo foram analisados os dados detalhadamente, permitindo que compreendêssemos como as variáveis dependentes pronome de segunda pessoa do singular, na posição de sujeito, e concordância verbal com *tu* se manifestaram nos dados obtidos a partir das interações entre os estudantes participantes da pesquisa. As análises das variáveis linguísticas e extralinguísticas convergem para demonstrar que o uso de *tu* e *você*, assim como a concordância verbal com *tu*, é moldado por uma interação dinâmica entre fatores internos do sistema linguístico e pressões sociais externas. Esta relação evidencia a heterogeneidade estruturada proposta por Labov (2008 [1972]), na qual cada fator contribui para a compreensão da variação e mudança em curso.

Com esta pesquisa confirmamos a predominância do uso do pronome *você* como forma de segunda pessoa do singular nos gêneros discursivos analisados, com 75% das ocorrências, em contraste com 25% do *tu*. Este padrão reflete uma mudança linguística em curso no português brasileiro, em que *você* ganha terreno de forma mais neutra e amplamente aceita. No que tange à concordância verbal com *tu*, a forma não canônica prevaleceu em 94% das ocorrências, acentuando a tendência de simplificação morfológica, especialmente em contextos de oralidade.

Os resultados relativos às variáveis linguísticas, como a explicitação do sujeito e o tipo de referência, destacam uma preferência por sujeitos explícitos, com 91% das ocorrências, o que corrobora estudos prévios sobre o enfraquecimento do paradigma pro-drop no português brasileiro. Quanto ao tipo de referência, tanto *tu* quanto *você* foi amplamente utilizado com referência específica em todos os gêneros analisados, contrariando a expectativa de maior ocorrência de *você* genérico.

A variável extralinguística gênero do discurso mostrou-se determinante nas escolhas linguísticas dos informantes. Gêneros escritos e mais formais, como

entrevista e anúncio, favoreceram o uso de *você*, enquanto gêneros da oralidade, como debate e júri, evidenciaram maior flexibilidade e alternância entre *tu* e *você*.

Já os dados analisados na variável extralinguística rede de contatos indicam que ela por si só não foi determinante no uso do *tu* com concordância padrão. Os resultados mostraram que apenas dois informantes apresentaram ocorrências de concordância verbal padrão com o pronome *tu*, ambos classificados como possuindo redes de contato mais amplas e diversificadas.

Deste modo, a hipótese inicial de que redes de contato mais extensas poderiam favorecer maior variação linguística foi parcialmente confirmada. Apesar de estes informantes demonstrarem maior propensão ao uso da concordância padrão, as redes de contato não foram suficientes para generalizar esta tendência ao restante do *corpus*, que se manteve predominantemente não padrão.

5 PROPOSTA DE UNIDADE DE ENSINO

Neste capítulo, trazemos uma unidade de ensino direcionada às turmas do Ensino Fundamental II, com o objetivo de refletir sobre os fenômenos variáveis escolhidos, respaldada pela BNCC (2018). Pretendemos colaborar para uma aprendizagem significativa e prazerosa, na direção de uma educação linguística para a diversidade e a adequação ao contexto de uso, de modo a não estigmatizar ou desvalorizar nenhuma variedade linguística.

Neste viés, Chalfun (2022, p. 138) considera que

[...] o ensino de português nos moldes tradicionais – prioritariamente prescritivo – é questionado e o ensino de Língua Portuguesa se torna polarizado: para muitos professores-pesquisadores, a gramática é um compêndio no qual se postulam regras que devem ser rigorosamente seguidas; para outros professores-pesquisadores, a gramática é algo totalmente dispensável e, por isso, deve ser abolida das escolas e do sistema educacional vigente. A preocupação e o debate, dessa maneira, ficam não só na forma de ensinar, mas também, no uso ou não da gramática em sala de aula, como se a gramática fosse o grande terror ou a grande salvação do ensino de Língua Portuguesa.

A intenção é que os estudantes conheçam a norma-padrão, mas que também reflitam sobre a variação linguística, mesmo porque, em todas as regiões do Brasil, a concordância verbal varia entre padrão e não padrão. Além disso, como já ressaltamos, o *você* já está gramaticalizado como pronome de segunda pessoa do

singular na língua portuguesa, assim como a concordância verbal com *tu* sem morfema distintivo já faz parte da norma culta em algumas regiões.

Com a chegada de novos perfis culturais, sociais e econômicos, decorrentes do ingresso de estudantes de diferentes classes sociais ao ensino formal, tornou-se indispensável revisar as bases curriculares. Isso resultou na valorização do texto em sala de aula, sob uma perspectiva sociointeracional, frequentemente relegando o ensino da gramática a um papel secundário ou restrito a uma abordagem instrumental (cf. Chalfun, 2022).

À vista disso, propomos esta unidade de ensino com foco no ensino de gramática rumo à uma pedagogia da variação linguística, por meio dos gêneros discursivos, considerando as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Segundo Franchi (2006 [1988]) e Geraldi (1996) as atividades linguísticas acontecem nos processos de interação, referindo-se ao assunto em pauta, possibilitando que ocorra uma progressão nesta interação. Já a atividade epilinguística, segundo o autor, é uma espécie de reflexão quase que automática, que toma os próprios recursos expressivos como objeto. Finalmente, como atividade metalinguística, Franchi (2006 [1988]) e Geraldi (1996) consideram o processo consciente de análise linguística, com o qual se constrói uma nomenclatura que utilizamos para falar sobre a língua. Portanto, é através das atividades epilinguísticas e metalinguísticas que o discente pode refletir e ter autonomia sobre as estruturas da língua, de modo que ele possa escolher entre uma ou outra estrutura nas diversas situações de uso.

Por fim, enfatizamos que esta unidade de ensino é uma possibilidade de proposta-pedagógica, porém pode ser modificada e ampliada, o importante é considerar o contexto escolar em que ela será aplicada.

5.1 ATIVIDADES

As atividades aqui propostas têm o intuito de estimular a percepção dos alunos quanto à variação dos pronomes de segunda pessoa do singular e da concordância verbal que fazemos com o pronome *tu*, em diferentes contextos.

5.1.1 Primeira Etapa

Nesta etapa procuramos chamar a atenção dos alunos para a variação no uso do pronome de segunda pessoa do singular e na concordância verbal com *tu* por meio da análise de tirinhas. Aos alunos, questionamos quais são as palavras que usamos

para conjugar os verbos, quais palavras utilizamos para nos referir a outra pessoa e, assim, seguimos, revisando os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular.

Na lousa digital, mostramos algumas tirinhas com o intuito de que eles as interpretassem e identificassem as características deste gênero textual. Buscamos, também, estimular a análise de textos não verbais e sincréticos, bem como relacionar seus conhecimentos prévios com as informações trazidas pelas tirinhas.

Figura 17 - Tirinhas com uso do pronome de segunda pessoa do singular



Em conjunto, lemos e interpretamos as tirinhas, para que os alunos percebessem e desenvolvessem reflexões sobre o uso do pronome de segunda pessoa e da concordância verbal com o *tu*. Na tirinha 1, o personagem utiliza a concordância com o pronome *tu* sem morfema distintivo, já na tirinha 2, o personagem também utiliza o pronome *tu*, mas com a concordância padrão. Já na tirinha 3, o pronome que os personagens optam por utilizar é o *você*.

Entretanto, na tirinha 4, Armandinho lê uma lista de pronomes em que apenas o *tu* aparece, e, quando se dirige ao pai, utiliza o *você* como pronome de segunda pessoa do singular. Tal atitude do menino tem dupla interpretação, pois o *você* pode ser referir tanto ao pronome que Armandinho usa para se referir ao pai, quanto ao pronome de segunda pessoa do singular que está ausente no manual consultado. A ambiguidade contida na tirinha 4 não foi facilmente percebida pelos estudantes, apenas alguns deles conseguiram identificá-la antes das discussões com a turma.

Em outra aula, propomos uma atividade intitulada *Análise do Uso do Pronome Tu em Tirinhas: Investigando a concordância verbal padrão e não padrão*. Tal atividade teve o objetivo de analisar a variação no uso de *tu* e de *você*, bem como a ocorrência da concordância padrão e não padrão com *tu*. Para isso, os alunos foram levados ao laboratório de informática, onde puderam realizar pesquisas em sites diversos. O primeiro passo foi uma revisão teórica, para a qual retomamos explicações sobre as diferenças entre a concordância-padrão e não padrão com o pronome *tu*.

Após esta introdução, eles foram orientados a pesquisar tirinhas com os pronomes de segunda pessoa do singular em sites diversos. Cada grupo de alunos selecionou entre 3 e 8 tirinhas. O próximo passo foi a análise epilinguística²¹, em que os estudantes identificaram e classificaram o uso do pronome nas tirinhas encontradas, observando também se a concordância com os verbos era padrão ou não. Os trechos retirados das tirinhas foram transcritos e categorizados, de acordo com a forma verbal empregada.

Em seguida, eles se reuniram em pequenos grupos para compartilhar os resultados de suas pesquisas. Durante esta fase, cada grupo elaborou uma breve apresentação oral sobre os tipos de concordância identificados, discutindo as tendências de uso dos pronomes investigados. A conclusão a que o grande grupo

²¹ De acordo com Franchi, 2006[1988]) e Geraldi (1996).

chegou foi de que o pronome *você* é predominante nas tirinhas analisadas, assim como a concordância verbal não padrão com *tu* foi majoritária. Abaixo alguns recortes da atividade desenvolvida.

Figura 18 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (I)

PRONOME VOCÊ:

Tirinha 1:



Tirinha 1: *você* - não padrão

Tirinha 2:



Tirinha 2: *você* - não padrão

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 19 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (II)

TIRINHA 3



Tu - *norma padrão*

TIRINHA 4



Você - *norma não padrão*

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 20 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (III)

Tirinha 5



“tu é romântico” e “tu sabe” com concordância não padrão

Tirinha 6



“tu era” e “tu me carrega” com concordância não padrão

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 21 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (IV)

Tirinhas com o os pronomes Tu e Você

1)



<https://www.nossoportugues.com.br/2021/01/atividade-para-o-6-ano-com-tirinha.html>

Tirinha 1: Concordância Padrão

“Tu perdeste”

“Tu sairás com ela”

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 22 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (V)



<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/cartum.shtml?https://cartum.folha.uol.com.br/2023/10/07/>

Tirinha 2

“Tu estavas tão linda”

A segunda tirinha é concordância padrão

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 23 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (VI)

Tirinha 2



Tirinha 2: Na tirinha contém o “Tu”, tem concordância, mas não é padrão.

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 24 – Recorte de atividade elaborada pelos estudantes (VII)

Tirinha 2:

Tirinha 2: tu tá – concordância não -padrão

Tirinha 3:

Tirinha 3: Tu fosse – concordância padrão

Fonte: Acervo coletado pela autora

O resultado da análise das tirinhas trazidas pelos estudantes, de fato, revela uma clara predominância do uso do pronome *you* em comparação ao pronome *tu*. Nesta atividade, entre as ocorrências do pronome *tu*, é perceptível que a maior parte das vezes ele aparece com concordância não padrão, com 24 ocorrências, em oposição às 4 ocorrências com concordância verbal não padrão.

Chamou-nos atenção a análise da tirinha 3, da Figura 24, uma vez que o grupo identificou a estrutura *tu fosse* como pertencente à norma-padrão. Neste caso, em nenhum momento da atividade, os estudantes fizeram qualquer tipo de questionamento ou demonstraram dúvida quanto à classificação desta ocorrência. Já na socialização final acerca da atividade, a informante A13FT1, pertencente a outro grupo, levantou a seguinte hipótese “pode ser que quem fala assim tá sendo influenciado pelas outras conjugações, né profe?”

Inicialmente não havíamos compreendido esta hipótese levantada pela aluna, mas depois de ela exemplificar, ficou mais claro. O que A13FT1 quis dizer foi que esta ocorrência encontrada na tirinha (*tu fosse*) pode demonstrar uma relação que ocorre entre as formas do pretérito imperfeito do subjuntivo, de modo que a primeira pessoa

(*se eu fosse*) e a terceira pessoa (*se ele fosse*) acabam por influenciar a segunda pessoa que, de acordo com a norma-padrão deveria ser *tu foste*, mas que acaba virando *tu fosse*.

Esse levantamento de hipótese feito pela aluna A13FT1 evidencia a sala de aula como um verdadeiro laboratório linguístico, no qual os estudantes absorvem regras gramaticais e refletem criticamente acerca do funcionamento real da língua em uso. Ao relacionar a variação do pretérito imperfeito do subjuntivo à influência de outras formas verbais, a estudante demonstra um olhar analítico sobre o fenômeno linguístico, indo além da simples correção normativa e compreendendo o processo de variação como um mecanismo natural da língua. Esse tipo de reflexão pode incentivar a abordagem investigativa no ensino, permitindo que os alunos se posicionem como pesquisadores da própria língua.

Uma outra possibilidade comentada com os estudantes foi sobre o processo de assimilação, que ocorre quando um falante adota uma forma linguística que está em desacordo com a norma-padrão devido à influência de estruturas mais frequentes ou percebidas como mais simples. O falante utiliza *tu fosse* no lugar de *tu foste*, referindo-se à segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Esta assimilação reflete a tendência natural dos falantes de ajustar a língua a padrões de uso mais comuns ou percebidos como mais fáceis, muitas vezes misturando as conjugações do *tu* com as do *você*.

Além disso, o fenômeno pode ser resultado de uma incerteza gramatical que leva o falante a recorrer a formas mais familiares ou frequentes, que acaba se tornando uma estrutura predominante na fala e na escrita em alguns contextos. Esse tipo de variação é típico em comunidades de fala em que há alternância e interação constante entre a norma-padrão e a não padrão.

Além destas análises, outra que nos chamou atenção foi a da figura 23, em que o grupo considera a concordância verbal da seguinte maneira “contém o Tu, tem concordância, mas não é padrão”. Nesta situação, durante o processo de busca e análise das tirinhas, os estudantes deste grupo titubaram sobre o verbo do enunciado ter ou não concordância, mas a análise final nos mostra que houve a absorção da discussão acerca da variação linguística desenvolvida, uma vez que os estudantes observam que a concordância existe, embora não seja a padrão.

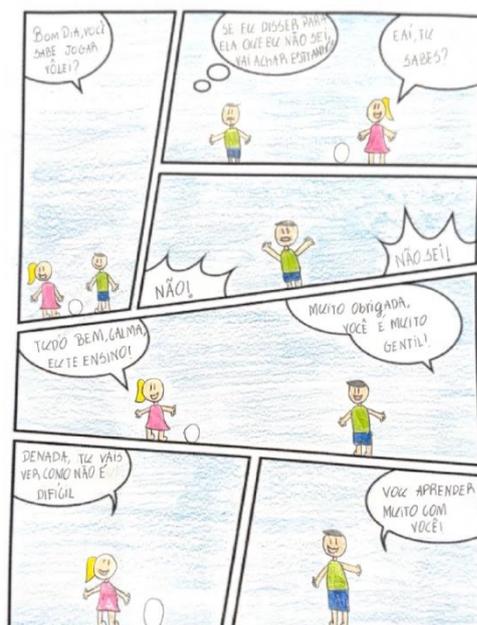
Estes dados, portanto, revelam tanto a pressão que a norma-padrão exerce, quanto a presença de práticas linguísticas distintas, em que as escolhas pronominais

e de concordância são influenciadas por uma série de fatores. A disparidade entre o uso padrão e não padrão da concordância verbal com *tu* também pode ser interpretada como parte de um processo de mudança linguística em andamento, na qual a norma canônica tem menos força em situações mais espontâneas e informais.

Após esta etapa, propomos uma atividade de criação. Inspirados pelos exemplos que haviam pesquisado, os estudantes foram convidados a confeccionar suas próprias tirinhas, explorando o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular. Nesta nova etapa, eles criaram diálogos que incluíram tais pronomes e aplicaram, conscientemente, tanto a concordância canônica quanto a não canônica, de acordo com os contextos e situações retratados nas tirinhas.

Por fim, depois da criação das tirinhas, os alunos apresentaram seus trabalhos para a turma, explicando as escolhas linguísticas que fizeram nos diálogos e discutindo os fatores que influenciaram o uso de uma ou outra forma. Abaixo alguns dos trabalhos produzidos.

Figura 25 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (I)



Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 26 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (II)



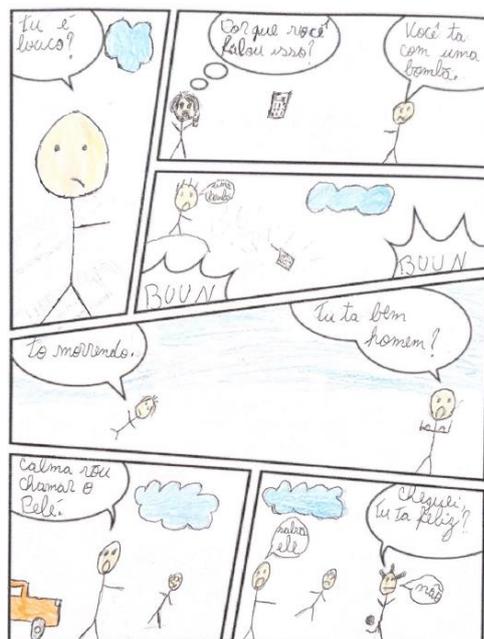
Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 27 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (III)



Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 28 – Tirinhas produzidas pelos estudantes (IV)



Fonte: Acervo coletado pela autora

Para finalizarmos esta etapa, utilizamos a plataforma educacional *online Wordwall*, que permite aos educadores criar atividades interativas e jogos educacionais personalizados. Aqui, na tentativa de tornar o aprendizado mais envolvente, criamos um *Game show de TV*²², que é um *quiz* com tirinhas, sobre a variação no uso do pronome de segunda pessoa do singular e na concordância verbal com *tu*. No laboratório de informática, os alunos participaram do *Quiz* e, depois, socializaram o resultado. Uma outra possibilidade é que os alunos levem seus aparelhos celulares e acessem o jogo por meio dele.

O *Quiz* é composto por cinco tirinhas para serem analisadas e questões de múltipla escolha, ao final, um *ranking* dos jogadores pode ser conferido. O jogo aparece do seguinte modo:

²² Disponível em <https://wordwall.net/pt/resource/64488046>

Figura 29 – Tela de início do Quiz



Fonte: Elaborado pela autora - Plataforma Wordwall

Figura 30 – Primeira questão do Quiz

✓ 0

No segundo quadrinho, o cão utiliza o pronome "tu", os verbo conjugados com este pronome estão de acordo com a norma culta, embora alguns falantes em determinados contextos possam utilizar outras formas.

Os quadrinhos mostram um cão brincando com outros cães. No primeiro quadrinho, um cão diz: "Eles estão brigando para saber quem sai comigo...". No segundo quadrinho, um cão grita: "POF SOC POF". No terceiro quadrinho, um cão diz: "Tu perdeste. Tu saírs com ela!".

A
A afirmação está correta.

B
A afirmação está incorreta.

Pontuação x2 50:50

Fonte: Elaborado pela autora - Plataforma Wordwall

Figura 31 – Segunda questão do Quiz

✓ 100

"Caso Jon, o tutor de Garfield, utilizasse o pronome "tu" no lugar de "você",

Os quadrinhos mostram Jon e Garfield. No primeiro quadrinho, Jon diz: "VOCÊ COMEU AS FLORES QUE EU COMPREI PRA MINHA MINA". No segundo quadrinho, Jon pergunta: "E AGORA O QUE EU FAÇO?". No terceiro quadrinho, Jon pensa: "PEDE PRA ELA CHEIRAR O MEU BAFO".

A
Ficaria inadequado para a situação.

B
O verbo "comer" conjugado no presente particípio do indicativo, de acordo com a norma-padrão, ficaria "comendo".

C
Ficaria adequado para a situação.

Pontuação x2 50:50

Fonte: Elaborado pela autora - Plataforma Wordwall

Figura 32 – Terceira questão do Quiz

✓ 200

Caso o personagem Hagar optasse pelo pronome "tu" em sua fala,

A

Ele não estaria usando a norma culta da língua portuguesa.

B

Demonstraria que ele é do sul, porque só nesta região utilizam esse pronome.

C

Segundo a norma-padrão, o verbo "chamar" não se modificaria.

D

Estaria adequado para o contexto tanto quanto está com a utilização do "você"

Pontuação x2

50:50

Fonte: Elaborado pela autora - Plataforma Wordwall

Figura 33 – Quarta questão do Quiz

✓ 150

Caso a personagem quisesse utilizar o pronome de segunda pessoa do singular de acordo com a norma-padrão

A

Ele estaria tendo uma atitude inadequada à situação.

B

Deveria utilizar "tu vais".

C

Deveria utilizar o "você" no lugar do "tu".

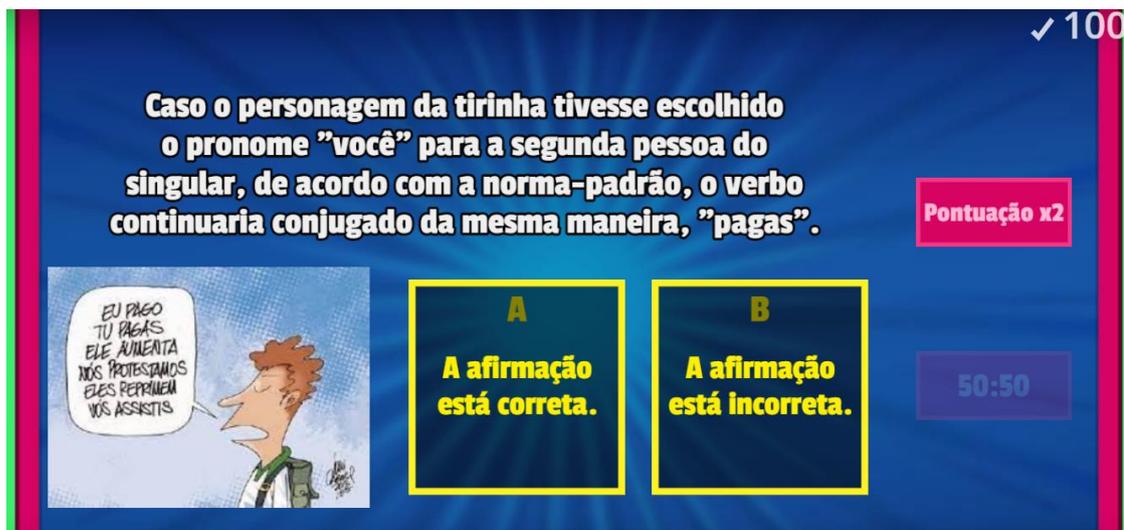
D

Poderia usar tanto o pronome "você" quanto o pronome "tu".

Pontuação x2 50:50

Fonte: Elaborado pela autora - Plataforma Wordwall

Figura 34 – Quinta questão do Quiz



Fonte: Elaborado pela autora - Plataforma Wordwall

O Quiz engloba também os casos de hipercorreção, situação comum entre aqueles que utilizam o *tu* com concordância de segunda pessoa do plural, como em *tu fizestes*.

Esta etapa na íntegra proporcionou reflexão acerca das escolhas linguísticas que os estudantes fazem e, ao mesmo tempo, reforçou o entendimento das variações associadas ao uso de *tu* e *você*. Ela revelou resultados positivos tanto no engajamento dos alunos quanto no aprofundamento do entendimento sobre nosso objeto de pesquisa.

Todos os alunos participaram ativamente da atividade, demonstrando interesse e entusiasmo tanto no laboratório de informática quanto no uso de dispositivos móveis. A dinamicidade da plataforma, combinada com o formato competitivo do *ranking* final, aumentou a motivação dos estudantes em realizar o *Quiz* com atenção e empenho.

Quanto ao desempenho geral, a análise das respostas revelou que a maioria dos alunos conseguiu identificar corretamente os padrões de uso do *tu* e *você* nos contextos apresentados. Contudo, questões que envolviam hipercorreção apresentaram maior índice de erros, sugerindo uma dificuldade específica em reconhecer essas formas como desvios da norma padrão.

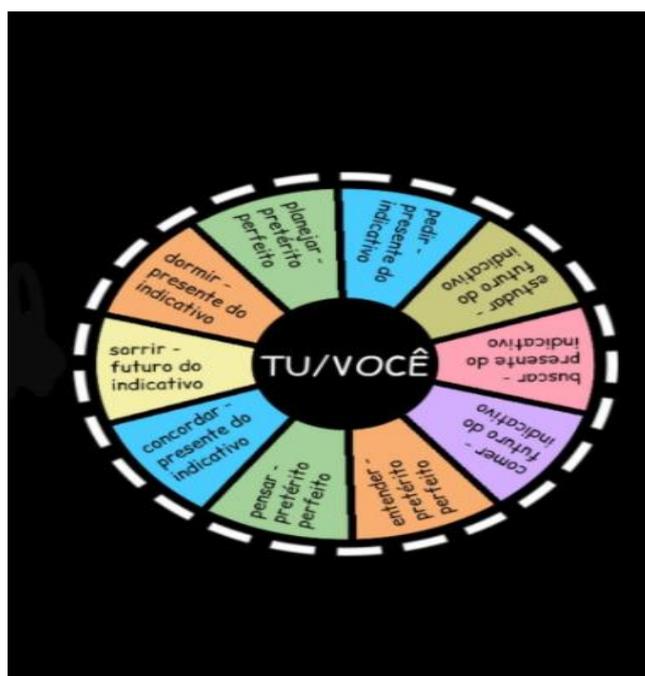
Desta forma, o *Quiz* não apenas cumpriu seu objetivo pedagógico ao estimular a reflexão sobre a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular e sobre a concordância verbal com *tu*, mas também criou um ambiente de aprendizado engajador e interativo.

5.1.2 Segunda Etapa

Como segunda etapa, retomamos os modos verbais nos três tempos, com jogos coletivos que podem ser levados à sala de aula tanto no formato *online* quanto impresso.

Utilizando novamente a plataforma *Wordwall*, criamos o jogo *Conjugue/Conjugues se puder*, no qual o aluno deve girar a roleta e conjugar o verbo no tempo e modo solicitados, na segunda pessoa do singular, sempre considerando os pronomes *tu* e *você*. O jogo pode ser *on-line*, via plataforma, ou impresso, de modo que uma seta plástica seja inserida na parte central e os alunos possam jogar conforme forem girando e respondendo.

Figura 35 – Jogo *Conjugue/Conjugues SE* puder/puderdes



Fonte: Plataforma Wordwall

Em sala de aula, o jogo foi projetado na lousa digital, a turma dividida em grupos e os alunos seguiram as instruções fornecidas. Quem respondesse primeiro, com todas as possibilidades de conjugação, pontuava. Por exemplo: girou e caiu na casa “entender/pretérito perfeito”, as possibilidades de respostas com o pronome *tu* são: *entendeste*, *entendesse* e *entendeu*. Já para o pronome *você*, a possibilidade de

resposta é *entendeu*, sendo provável não termos construções do tipo *você entendesse*.

A maior parte dos alunos participou ativamente da dinâmica, tanto na interação com a lousa digital quanto nos diálogos que emergiram durante a atividade. Assim, nos resultados finais desta atividade, o que constatamos foi que a concordância verbal não padrão sem morfema distintivo sempre era a resposta mais rápida fornecida. O que fez com que a principal dificuldade fosse a conjugação verbal com o pronome *tu* de acordo com a norma-padrão.

Muitos alunos hesitaram ao verbalizar a forma canônica, o que pode ser um reflexo da baixa frequência de uso desta construção no cotidiano. Entretanto eles não titubeavam nas respostas de assimilação (*tu entendesse*). Este comportamento confirmou a influência da variação linguística nos contextos em que os alunos estão inseridos.

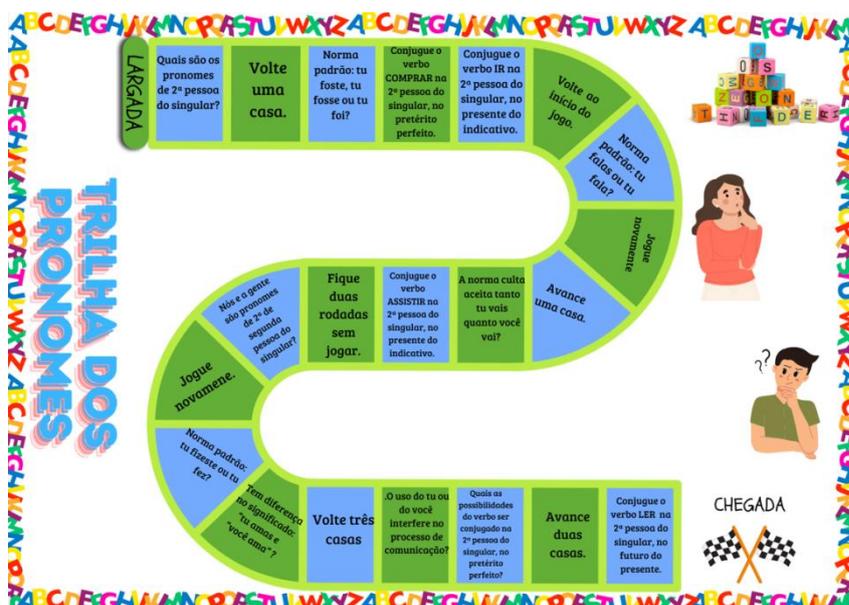
Em raros momentos observamos a hipercorreção (como *tu entendestes*) indicando um esforço dos alunos em aplicar regras canônicas, mas com alguma confusão sobre a flexão adequada.

Conforme os alunos foram levantando hipóteses, dialogamos sobre a variação e as possibilidades que a língua nos oferece. Sempre que respondeu adequadamente dentre as possibilidades, o aluno ganhou uma ficha, o que fez com que o vencedor fosse aquele que finalizou com o maior número de fichas recebidas.

Jogo 2 - Trilha dos Pronomes

Para esta etapa, elaboramos na plataforma *Canva* um jogo de tabuleiro intitulado *Trilha dos pronomes*.

Figura 36 – Jogo Trilha dos pronomes



Fonte: Elaborado pela autora

O objetivo é ser o primeiro a chegar ao final do tabuleiro, respondendo adequadamente a perguntas sobre o uso dos pronomes *tu* e *você* e sobre o uso da concordância verbal com *tu*. Para este jogo, os estudantes foram divididos em grupos, assim, com 29 alunos no total, foram criados cinco grupos com 4 alunos cada e um grupo com 5 alunos. Cada jogador escolheu um peão e colocou na casa inicial. Os jogadores lançavam os dados para determinar a ordem de jogo, e aquele que tirasse o maior número iniciava. Em cada turno, o dado era jogado e o pião movido pelo número de casas correspondente. Ao cair em uma casa, o jogador deveria seguir as orientações ali contidas ou responder ao que era solicitado. O primeiro jogador a chegar ao final da trilha vence o jogo.

A análise dos resultados demonstrou que as principais dificuldades foram observadas na conjugação verbal com *tu* em tempos verbais mais complexos, como o futuro e o pretérito perfeito, o que pode evidenciar a influência da simplificação morfológica e fonológica no português falado. As respostas foram categóricas indicando o *tu* e o *você* como os pronomes de segunda pessoa do singular. Em alguns casos, os participantes mencionaram que o uso do *tu* era mais comum em contextos informais, enquanto o *você* era associado a um uso mais geral e informal.

Em relação ao questionamento da casa 3, “Norma padrão, tu foste, tu fosse ou tu foi?”, as respostas variaram entre “tu foste” e “tu fosse”, sem nenhuma ocorrência de “tu foi”. Este resultado sugere que o trabalho realizado até aqui contribuiu para a

conscientização linguística dos participantes e para um maior domínio das regras canônicas. A presença de “tu fosse” indica um processo de assimilação, em que os falantes tentam adaptar sua fala à norma padrão, mas acabam utilizando uma forma influenciada pela oralidade e pela proximidade sonora com outras conjugações mais frequentes no português brasileiro. Por outro lado, a ausência de “tu foi”, a forma mais utilizada na oralidade em contextos informais, evidencia que os alunos estavam mais familiarizados com as variantes padrão, demonstrando maior consciência nas escolhas linguísticas em comparação às atividades anteriores.

Jogo 3 – *Uno* da concordância verbal

Por meio da plataforma *Canva*, elaboramos um jogo no estilo *UNO*, no intuito de promover uma atividade lúdica e mais descontraída, em busca da conscientização linguística. Ao interagir com formas canônicas e não canônicas, os alunos puderam refletir ainda mais sobre a variação no uso de *tu* e *você*, bem como sobre a concordância com o *tu*. A repetição de combinações entre pronomes e verbos buscou reforçar a adequação linguística em diferentes contextos e a flexibilidade da língua.

Neste jogo, os estudantes podem seguir as regras do UNO tradicional, cujo objetivo é ser o primeiro jogador a se livrar de todas as suas cartas, que são compostas por números de 0 a 9, em quatro cores diferentes (vermelho, azul, verde e amarelo). Entre elas, há cartas de ação, tais como pular, reverter, comprar 2, comprar 4, mudar cor e cartas especiais, que “obrigam” os jogadores a completar frases com as possibilidades de conjugações, canônica e não canônica, para os pronomes *tu* e *você*. Se o jogador completar corretamente com o verbo dentre as possibilidades, a carta é jogada, senão, ele compra duas cartas como penalidade.

No decorrer da atividade, buscamos observar e anotar muitas das repostas fornecidas pelos estudantes. Quanto à reação dos alunos, todos, sem exceção se envolveram na proposta e afirmaram achar o jogo dinâmico e divertido. No início, alguns indicaram dificuldade inicial em entender o funcionamento, entretanto, aos poucos foram percebendo a dinâmica e a proposta fluiu.

No decorrer do jogo, diversas repostas fornecidas pelos participantes destacaram tanto a criatividade quanto as dúvidas relacionadas à conjugação verbal com *tu*. Uma ocorrência notável foi a de um aluno que utilizou “você falas”²³,

²³ O uso de “você vais” se assemelha ao caso da concordância verbal com o pronome *a gente* (a gente vamos), uso este bastante comum no português brasileiro, especialmente entre os jovens.

evidenciando uma tentativa de aproximação entre o paradigma do *tu* e do *você*. Tal construção é atípica na língua portuguesa, mas é encontrada no português angolano e moçambicano.

Diante da resposta fornecida ter gerado algumas risadas, interrompemos o jogo para discutirmos com a turma o motivo desta ocorrência. Durante a conversa, ficou claro que alguns alunos perceberam a tentativa de associar a flexão do *tu* ao *você*, o que poderia ter surgido de um esforço de generalização da regra, mas que resultou em uma hipercorreção. Esta pausa foi fundamental para refletirmos sobre como as regras gramaticais, quando não internalizadas completamente, podem levar a construções incomuns.

As maiores dificuldades observadas neste jogo ocorreram nas respostas relacionadas ao pretérito perfeito do indicativo. Alguns participantes ainda demonstraram hesitação ao tentar conjugar verbos neste tempo, especialmente com o pronome *tu*, quando tentavam usar as formas normativas.

Além disso, foram registrados alguns casos de hipercorreção na conjugação do pronome *tu* no pretérito perfeito do indicativo, o que gerou debates enriquecedores durante a atividade. Estes momentos de reflexão coletiva foram ideais para destacarmos a relevância de explorar as formas verbais em contextos variados, contribuindo para uma maior conscientização linguística e para o entendimento das diferenças entre as diversas possibilidades linguísticas.

Figura 37 – Jogo Uno da concordância verbal



Fonte: Elaborado pela autora

Essa etapa da pesquisa reforçou a relevância de metodologias ativas e ferramentas digitais no ensino, demonstrando que elas podem contribuir para o desenvolvimento das competências previstas na BNCC por meio de um ambiente de aprendizado engajador e inclusivo. As atividades demonstraram ser ferramentas eficazes para explorar a variação linguística de forma interativa, respeitando as diretrizes curriculares e promovendo um ensino que dialoga com as demandas contemporâneas da educação.

5.1.3 Terceira Etapa

No intuito de dar continuidade aos estudos sobre os fenômenos variáveis em estudo, nesta atividade, trabalhamos com a análise de músicas de diferentes estilos. Nesta etapa, dividimos a turma em duplas ou trios, apresentamos aos alunos algumas letras de músicas e, juntos, ouvimos alguns trechos. Aos grupos, foram entregues cópias das letras das músicas – sendo que cada dupla ou trio ficou responsável pela letra de uma música. Ao analisar as letras, eles realizaram, também, a interpretação do texto, bem como perceberam o uso do pronome escolhido para representar a segunda pessoa do singular e a concordância verbal utilizada com esse pronome. As músicas selecionadas foram as seguintes:

Quadro 8 – Músicas com o pronome de segunda pessoa do singular

Título	Cantor/banda	Local de origem	Pronome	Concordância verbal com o pronome <i>tu</i>
Se tu lutas, tu conquistas	SNJ	SP	Tu	Concordância padrão
Tu	Júlia Vargas	RJ	Tu	Concordância não padrão
Tu	Matheus e Kauan	GO	Tu/Você	Concordância não padrão
Tu	Tulipa Ruiz	SP	Tu/Você	Concordância não padrão
Anunciação	Alceu Valença	PE	TU	Alternância entre concordância padrão e não padrão
Chico	Luísa Sonza	RS	Tu	Concordância padrão

Chega mais cedo	Dazaranha	SC	TU	Alternância entre concordância padrão e não padrão
Tu tens mais	Dazaranha	SC	Tu	Alternância entre concordância padrão e não padrão
Trevo	Anavítoria	TO	Tu	Alternância entre concordância padrão e não padrão
Você-você	Caetano Veloso	BA	Tu/Você	Concordância padrão

Fonte: Elaborado pela autora

Um grande círculo foi feito e as conclusões socializadas. Neste momento, chamamos a atenção para o estilo de cada música e para o local de origem do compositor, salientamos que há variação nos diferentes lugares e contextos e que os diferentes usos podem estar relacionados à etnia colonizadora.

Como atividade para casa, solicitamos que realizassem uma pesquisa mais elaborada e reflexiva acerca de músicas brasileiras que contêm o pronome *tu* e suas respectivas concordâncias verbais, padrão e não padrão. O intuito foi unir identidade e variação linguística, chamando a atenção, por exemplo, para o fato de que, em periferias de capitais, onde imperam o uso de *você* ou do *tu* sem concordância canônica, muitas vezes, o que se busca é transgredir a suposta norma-padrão, e isso, juntamente com outras formas, pode ser considerado como um ato de resistência.

Sugerimos que explorassem diferentes gêneros musicais (pop, samba, forró, funk, gospel, sertanejo, rap, etc.) e as diversas regiões do Brasil para observar como a variação linguística se manifesta nas músicas, que são um reflexo da diversidade linguística e cultural do país. Após a pesquisa, eles compilaram o resultado, culminando em tabelas e mapas mentais, que continham as seguintes informações: nome da música, nome do compositor, local de origem do compositor/intérprete, trecho da música que com o pronome *tu* e a identificação quanto à concordância verbal a padrão e não padrão com o *tu*.

Para finalizar, os resultados da pesquisa foram compartilhados com a turma, e eles demonstraram suas descobertas sobre a variação linguística e a relação entre a concordância verbal com o pronome *tu* e o contexto sociocultural de origem. Durante esta etapa, foram colocados pequenos trechos das músicas para que todos pudessem identificar o uso do pronome *tu* e sua respectiva concordância verbal, que variou entre canônica e não canônica.

Figura 38 - Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com tu (I)

TRABALHO MENSAL
Tu/você (segunda pessoa do singular)

NOME DA MÚSICA:	NOME DO CANTOR/COMPOSITOR	“TU” COM CONCORDÂNCIA PADRÃO:	“TU” COM CONCORDÂNCIA NÃO PADRÃO:	LOCAL OU ORIGEM DO CANTOR/COMPOSITOR:
Doce Mês (poesia acústica #2)	duiz d'ano	—	“TU SABE COMO EU FICO DE EU TE VÊO LINDA”	Nazarié da Mata PERNAMBUCO
Devolta Pra Usonego	Luiz Rangel	“DIZ MIM TU ÉS A ESTRELA MAIS LINDA”	—	Comissão Passiva
Tu És + Cegonha Puzilacostas	Luiz Paulo Vasconcelos	“TU ÉS PATA QUEM MINHA ALMA ESPEROU”	—	Belo Horizonte MINAS GERAIS
Tu És Bando	Ronaldo Bezerra	“TU ÉS O SENHOR O BEL DO REI”	—	Capital São Paulo
Descompasso do Compasso (poesia acústica #1)	João Marcelo Loureiro	—	“QUE CLÁ VITA, MITA E MITA P TU NEM SABE”	Minerói Rio de Janeiro

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 39 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com tu (II)

TABELA

Nome da música	Nome do cantor/compositor	Tu com concordância padrão	Local/origem
* Queit Lot	Kamaitachi e Konai	—	Rio de Janeiro e São Paulo
* Ave Espurgo	Kamaitachi	—	Rio de Janeiro
* Ave Amargo	Dante Will	—	Desconhecido, provavelmente gaúcho
* O Palhaço	Tuzena	—	Desconhecido
* João e Maria	KF	—	Desconhecido
* Quem sabe tu não curte uma foto do meu Insta			
* Hora de voltar a saia que tu rente disse pelo mundo			
* Para saia, por que tu não vai ver se eu tô na esquina			
* Tu não é o palhaço e muito menos o circo			
* C D B C pro D é a respinha de detinha que vai escrever, tu vai morrer			

Fonte: Acervo coletado pela autora

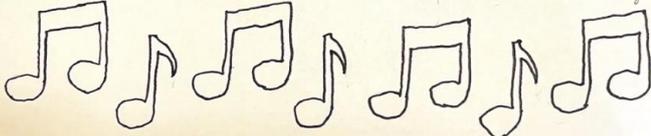
Figura 40 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com tu (III)

Nome da música	Nome do compositor/ cantor	"Tu" com concordância padrão	"Tu" com concordância não padrão	Local de origem do compositor
Ee não assim	DJ Dupi e Link do Zap		Tu acha que eu liço?	Rio de Janeiro
Se tu me como tu me nome	DJ Dupi		Se tu me como, por que el nome?	Rio de Janeiro
Burble Bay	MC VV		Tu sempre meu pack ou como a tua moada	Rio Grande do Sul
Baby Bay	MC VV, Biffle e Gian Xeiros		Nem mitê os loco que ande tu muna de ali	Rio de Janeiro
À frente do tempo	Biffle		Tu não é peço, me deixa rir	Rio de Janeiro

Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 41 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com tu (IV)

Música	Cantor	Concordância Padrão	Concordância não Padrão	Local de origem
Tu tá na gaiola	Kerixo Chris		Ei, tu tá na gaiola	Rio de Janeiro
diga qual é plano	MC Doge		Tu quise mundo	Rio de Janeiro
metflix	MC Doge		Tu foi embora	Rio de Janeiro
claudade	MC Cablinho		Iguetuplanta	Rio de Janeiro
nessa música	MC Cablinho		que tu musica	Rio de Janeiro



Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 42 – Atividade produzida pelos estudantes: Músicas com tu (V)

Trabalho Mensal - TU/ (2ª Pessoa do Singular)				
Nome Música	Nome do compositor	TU com concordância padrão	TU com concordância não Padrão	Local/origem do compositor
TU	Julio Cesar	Quando tu partiste	—	Gracanhuns-PB
Trevo(s)	Thiago Iorc e Ana Castela	Tu Tens	—	Tocantins
TU	Simone Bittencourt de Oliveira	Tu está's Longes	—	Rio Grande do Sul
TU	Daniel Murilo	—	Ó jeito que tu dança	Goiânia, Goiás

Fonte: Acervo coletado pela autora

A predominância da concordância não padrão nas músicas analisadas evidenciou como a oralidade e as práticas linguísticas cotidianas podem influenciar as composições musicais, especialmente em gêneros que dialogam diretamente com o cotidiano de diferentes comunidades. O estudo das músicas, assim como a construção de tabelas e mapas mentais, possibilitou aos estudantes observar como a língua varia não apenas em função de variáveis linguísticas, mas também de fatores regionais, identitários e culturais. As discussões realizadas em sala mostraram que, enquanto algumas músicas, especialmente em gêneros mais tradicionais ou de maior alcance nacional, apresentam formas próximas da norma-padrão, a maior parte das composições exploradas, especialmente em estilos como o rap, o funk e o samba de periferia, utilizam formas não canônicas.

Tais escolhas linguísticas foram amplamente debatidas pelos alunos, que demonstraram compreender como a concordância não padrão pode ser uma estratégia para reforçar a identidade cultural e aproximar-se da realidade linguística do público-alvo. Além disso, discutimos como essa variação reflete processos históricos e sociais, marcando a resistência ou a adaptação a padrões linguísticos considerados hegemônicos.

Deste modo, notamos que já no início das discussões, no momento da socialização dos resultados, os discentes demonstraram perceber que as músicas brasileiras, enquanto reflexo da diversidade cultural do país, também são um espaço dinâmico de manifestação linguística. Isso ficou nítido no momento em que um aluno disse “se o funkeiro não falar assim, professora, a gente nem vai mais escutar a música dele”, reforçando a compreensão de que a variação linguística não deve ser vista apenas como um desvio da norma, mas como uma expressão legítima de identidade e de pertencimento.

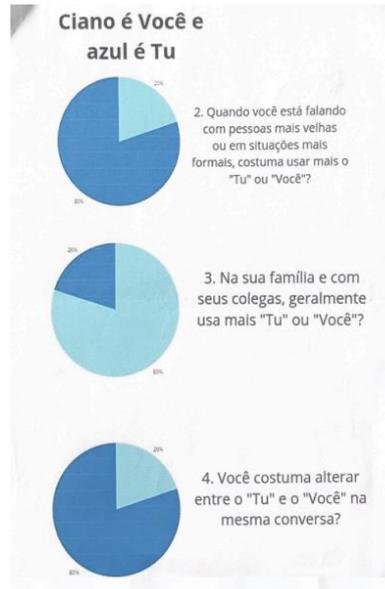
5.1.4 Quarta etapa

Como etapa final, solicitamos aos alunos que entrevistassem amigos, familiares ou conhecidos de diferentes regiões do país para, em seguida analisarem os dados coletados. Inicialmente, o gênero entrevista foi retomado e exemplificado, depois, explicado que cada aluno deveria entrevistar cinco pessoas de regiões diferentes para a identificação do pronome de segunda pessoa mais utilizado por elas.

As perguntas foram estruturadas e fornecidas aos estudantes, que deveriam gravar a entrevista para que pudessem transcrevê-las. Em sala de aula,

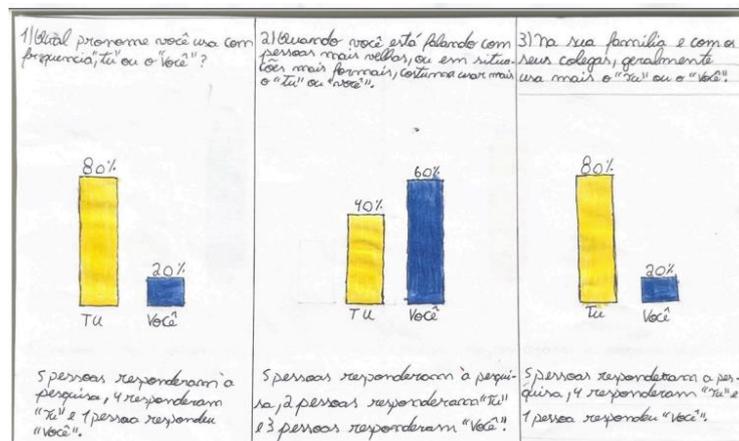
desenvolvemos uma discussão sobre a variação linguística no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular. Com os resultados encontrados nas análises, cada grupo de alunos elaborou gráficos correspondentes às repostas fornecidas. Vejamos alguns deles:

Figura 43 – Atividade realizada pelos estudantes: Gráfico tu e você (I)



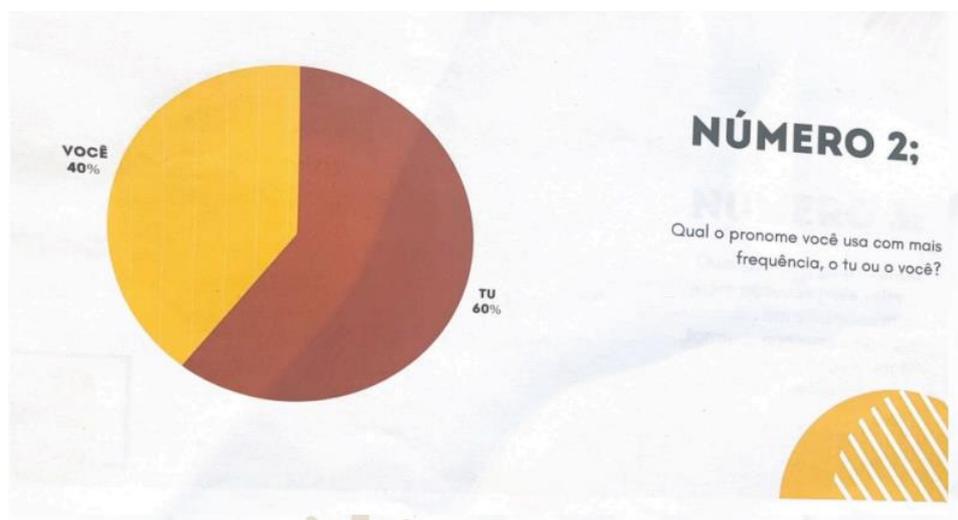
Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 44 – Atividade realizada pelos estudantes: Gráfico tu e você (II)



Fonte: Acervo coletado pela autora

Figura 45 – Atividade realizada pelos estudantes: Gráfico tu e você (III)



Fonte: Acervo coletado pela autora

Com base nas entrevistas realizadas pelos alunos, os dados coletados foram majoritariamente oriundos de residentes de Biguaçu, o que influenciou os resultados obtidos e a abordagem final da análise. Embora a proposta inicial visasse à construção de um mapa linguístico colaborativo que contemplasse diferentes regiões do país, os dados limitaram-se a um panorama regional, refletindo a realidade linguística local.

O mapa linguístico gerado demonstrou uma distribuição quase equilibrada entre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, com 54 ocorrências de *tu* (49%) e 56 de *você* (51%), evidenciando a coexistência das duas formas na fala cotidiana da região.

Figura 46 – Atividade coletiva: Mapa linguístico



Fonte: Acervo da autora

Durante as discussões em sala, foi unânime os alunos que destacaram que, embora o *tu* seja amplamente utilizado, especialmente em contextos familiares ou entre amigos, o *você* também tem grande presença, frequentemente associado a interações mais formais ou a contextos em que o falante deseja transmitir neutralidade. Estes resultados reforçam a ideia de que Biguaçu é um espaço de transição linguística, onde a variação entre *tu* e *você* é dinâmica e reflete tanto aspectos linguísticos quanto extralinguísticos.

Os gráficos elaborados pelos grupos ilustraram não apenas a frequência de uso de cada pronome, mas também o contexto em que cada um era preferido. Por exemplo, alguns alunos observaram que falantes mais jovens tendem a alternar entre *tu* e *você*, enquanto falantes mais velhos apresentaram maior consistência no uso do *tu*. Mesmo com as limitações em relação à diversidade geográfica dos entrevistados, a atividade foi muito produtiva para explorar a variação linguística local. A experiência mostrou que mesmo em um espaço aparentemente homogêneo, como um único município, a variação linguística é rica e merece ser investigada com profundidade.

Resumo do capítulo

O capítulo apresenta uma proposta pedagógica direcionada ao Ensino Fundamental II, com o objetivo de refletir sobre os fenômenos de variação linguística, especialmente no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e *você*) e sobre a concordância verbal com *tu*. Respalhada pela BNCC, a unidade busca promover uma educação linguística que valorize a diversidade e possibilite uma compreensão contextualizada das diferentes formas de uso da língua, evitando estigmatizações.

Neste íterim, a proposta foi estruturada em etapas que envolvem atividades interativas, como análises de tirinhas, jogos educativos e o uso de ferramentas digitais, promovendo a participação ativa dos alunos. Durante estas atividades, os estudantes foram instigados a identificar e discutir sobre o uso do pronome de segunda pessoa do singular e da concordância verbal com *tu* em diferentes gêneros textuais e contextos, com destaque para a análise epilinguística e metalinguística.

Ao final, os alunos desenvolveram suas próprias tirinhas e participaram de um *quiz* interativo, demonstrando engajamento e aprofundando sua consciência linguística. A etapa final incluiu entrevistas para investigar os usos dos pronomes em diferentes regiões, embora a maior parte dos entrevistados fosse de Biguaçu, limitando a análise a um contexto mais regional. Ainda assim, os resultados evidenciaram a coexistência de *tu* e de *você* no cotidiano e apontaram para a riqueza da variação linguística local.

O capítulo conclui destacando a importância de metodologias ativas no ensino da língua portuguesa, promovendo reflexões sobre identidade, diversidade e mudança linguística, além de possibilitar a integração entre teoria e prática pedagógica. As atividades realizadas demonstraram-se eficazes para estimular o aprendizado e valorizar as múltiplas formas de expressão linguística presentes no Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo principal a intervenção em uma sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, em direção à Pedagogia da Variação Linguística (conforme Zilles e Faraco, 2015), a partir da investigação da alternância entre os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular, *tu/você*, e da variação na concordância verbal com o pronome *tu*, em textos orais e escritos de alunos do Ensino Fundamental II. Dado que o emprego destas formas está associado a fatores linguísticos e extralinguísticos, utilizaram-se os fundamentos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008[1972]) como referencial teórico para apoiar as análises realizadas sobre os padrões linguísticos observados.

O trabalho teve como foco principal a construção de uma Pedagogia da Variação Linguística, visando não apenas ampliar a competência comunicativa dos estudantes, mas também promover a valorização da diversidade linguística presente nos diversos contextos sociais.

A partir da revisão teórica, confirmou-se que a variação linguística é um fenômeno dinâmico e complexo, influenciado por fatores históricos, culturais, sociais e, também, educacionais. Estudos anteriores, assim como os dados desta pesquisa, evidenciaram que o uso de *tu* e *você* reflete as particularidades regionais e as influências do contexto social. Santa Catarina, em especial, apresentou-se como um mosaico linguístico, onde coexistem traços da tradição açoriana com fenômenos de simplificação linguística característicos da oralidade contemporânea.

Os dados coletados durante a aplicação da proposta pedagógica confirmaram hipóteses levantadas sobre a predominância do *tu* em gêneros discursivos da oralidade e, portanto, mais informais, e da preferência pelo *você* em contextos de maior formalidade. Além disso, a marcação não canônica da concordância verbal com o *tu* foi predominante, corroborando a literatura que aponta para um progressivo apagamento das marcas verbais de segunda pessoa.

A unidade de ensino aplicada foi fundamental para engajar os alunos em reflexões críticas sobre os usos variáveis da língua, utilizando gêneros discursivos diversificados, como entrevistas, júri simulado e debates regrados. As atividades propostas, além de promoverem o aprendizado sobre os fenômenos linguísticos em

questão, também estimularam os estudantes a reconhecerem e valorizarem a pluralidade cultural e linguística que caracteriza a sociedade brasileira.

Desse modo, algumas situações identificadas durante a pesquisa, como exemplo da resistência de alguns estudantes em reconhecerem formas linguísticas diferentes da norma-padrão como legítimas, foram trabalhadas, de modo a reforçar a pluralidade linguística e desmistificar preconceitos linguísticos que ainda persistem na sociedade e, muitas vezes, dentro da escola.

Embora esta pesquisa tenha se concentrado em uma comunidade específica, seus resultados contribuem para o debate mais amplo sobre a relação entre variação linguística e práticas pedagógicas.

A aplicação da proposta pedagógica demonstrou que a escola pode, e deve, ser um espaço de reflexão sobre os usos da língua. Por meio das atividades realizadas, como análise de textos orais e escritos, entrevistas e jogos interativos, os estudantes se envolveram em discussões críticas sobre a diversidade linguística, rompendo com a visão estigmatizada de formas não padrão e valorizando os diferentes registros de uso da língua.

Por fim, esta dissertação reforça a importância de uma abordagem educativa inclusiva, que contemple as diferentes normas e variedades linguísticas como elementos constitutivos da competência comunicativa dos alunos. A linguagem, enquanto fenômeno social dinâmico, deve ser explorada em sala de aula de forma contextualizada e reflexiva, de modo a empoderar os estudantes e contribuir para uma educação linguística que respeite e celebre a heterogeneidade cultural e linguística do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processo de ensinagem na universidade: pressupostos para estratégias de trabalho em aula**. 10. ed. Joinville, SC: Univille, 2012.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**. 4ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3ª. ed. São Paulo: Publifolha/Instituto Houaiss, 2013.

BAGNO, M. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BECHARA, E. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M.; SILVA, K. A. da. Sociolinguística educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p. 219-231, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-220114-9221>. Acesso em 15 de dezembro de 2024.

BORTONI-RICARDO, S. M.; ALMEIDA BARONAS, J. E. de. **Variação Linguística na escola**. São Paulo; Editora Contexto, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2 ed., 1ª reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 2003

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 1.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CASTILHO, A. T. de; ELIAS, V. M. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1994.

CENTURIÃO, M.; MANHÃES BORGES, D.; TENO, N. A. C. **Gênero textual anúncio publicitário: uma proposta de estudo de multimodal**. Open Minds International Journal, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 23–36, 2022. DOI: 10.47180/omij.v3i2.161. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/161>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CERVINSKIS, A. Manuel Bandeira e o português do Brasil. **Revista ProLíngua**, volume 15, número 1, p. 134, jan/jul de 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/52436/31824>. Acesso em: 30 setembro de 2023.

CHALFUN, S. V. de S. A sala de aula reflexiva: uma proposta de sequência de atividades dos temas gramaticais sujeito e concordância por meio da aprendizagem linguística ativa. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 26, p. 137-163, 2022

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? *In*: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes Tu e Você em Santa Catarina. *In*: COUTO, Leticia Rebollo e; LOPES, Célia Regina dos Santos (Organizadoras). **As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011.

COELHO, I. L. *et al.* **Breve histórico da sociolinguística**. *In*: _____. Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO I. L., MONGUILHOT, I.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Gramática e escola: uma entrevista com Carlos Faraco. **Working Papers em Linguística**, 18(2): 16-24, Florianópolis, ago./dez., 2017

COELHO, I. L. *et al.* **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, S. R.. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAVET, J. C. T. **Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias**, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DUARTE, M. E. L.. Do pronome nulo ao pronome pleno: A trajetória do sujeito no português do Brasil. In KATO Mary A.; ROBERTS Ian. Português brasileiro, uma viagem diacrônica. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.

DRUMMOND, C. A. Esquecer para lembrar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

FARACO, C. A. Ensinar x Não ensinar gramática: ainda cabe essa questão? In: **Calidoscópico**, vol. 4, n. 1, p. 15-26, jan/abr 2006. Acesso em 30 de out. de 2023. <https://edisciplinas.usp.br>

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FARACO, C. A. **O tratamento você em português** – uma abordagem histórica. Fragmenta. Curitiba, n. 13, 51-82. Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). 1996.

FRANCESCHINI., L. T. **Variação pronominal Nós/A gente e Tu/Você em Concórdia-SC**. 2011. 152f. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FRANCHI, C; VAILATI, E; MULLER, A. L. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1988].

FREIRE, . Pedagogia da Autonomia. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURLAN, O. A. **250 anos de influencia açoriana no português do Brasil**. *Ágora*, Florianópolis, v. 13, n. 27, p.17-26, 1998

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

GERALDI, J.W. A **produção dos diferentes letramentos / Production of Different Literacies**. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014.

GIOVANI, F. **O ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa a partir dos gêneros do discurso**. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 16, n. 3, p. 375-389, set./dez. 2020.

GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Livraria Martins Fontes. 3ª edição brasileira. Produção Gráfica Geraldo Alves. 1991.

GOUVEIA, H. A. **As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis entre 1880 e 1940**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GREGORIM, C. O. **Português Gramática Prática**. 3. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

HAUSEN, T. A. P. **Concordância verbal do pronome "tu" no interior do estado de santa catarina**. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Letras, UFPR, 2000.

IBGE. **Cidades e estados do Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 20 de ago. de 2024.

INSTITUTO NINA ROSA. **A carne é fraca**. Youtube, 12 de fev. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=euvdedl-gso>. Acesso em 20 de out. de 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, R. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOREGIAN-PENKAL, L. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

MAPA, bairros de Biguaçu. **Prefeitura de Biguaçu**. Biguaçu, [s.d.]. Disponível em <https://www.bigua.sc.gov.br/?s=saneamento+basico&id=946>. Acesso em 15 dez. 2024.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. *et al.* (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTINS, G. F. **A alternância tu/você/senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas. 2010**. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MENON, Odete P. da S. **O sistema pronominal do português no Brasil**. Letras, Curitiba, n. 44, p. 91 -106, 1995.

MENON, O. P. S. & LOREGIAN PENKAL, L. **Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil**. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na região Sul**. Pelotas: EDUCAT, p. 147 188, 2002.

Ministério da Educação (MEC). (2019). **Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim)**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. Acesso em 31 agosto de 2024.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância —tu/você na cidade de Santos-SP.** 2006. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONGUILHOT, I. de O. e S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE.** 2009. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009.

NASCIMENTO, L. C. R. **A variação pronominal na Bahia: condicionadores de tu e você na fala de Salvador e Amargosa.** 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, 2017.

NOGUEIRA, F. M. da S. B. **Tu e você na Região Norte a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** 2021. 220 f. Tese de Doutorado (Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, 2021.

PAGOTTO, E. G. **Norma e condescendência; ciência e pureza.** In.: *Linguagens e Instrumentos Linguísticos.* Campinas: Pontes, 1998.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PARÁBOLA EDITORIAL. **Norma culta brasileira**, aulas 1 a 5. *Youtube*, 9 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a2olilXIPAc>. Acesso em 29 de setembro de 2023.

PEREIRA, C. C. *et al.* **Nova gramática para o Ensino Médio.** 1. ed. Rio de Janeiro, 2017.

PERINI, M. **Gramática Descritiva do português.** São Paulo. Editora Ática, 1995.

RAMOS, S.M.; SILVA, N.I. O tratamento da variação linguística na Base Comum Curricular. **Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação.** V.01 N. 02/2022, p. 1-19. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/235555> Acesso em 29 nov., 2023.

ROCHA, P G. **A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratoles e de Santo Antônio de Lisboa - Uma abordagem Sociolinguística Variacionista.** Working Papers em linguística, nº esp.: 69 81, Florianópolis, 2010.

SANTOS, G. J. dos. **A freguesia de São Miguel da Terra Firme: aspectos históricos e demográficos.** 1996. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito.** São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, M. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. *In*: Martins, M.A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico** do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.. Gêneros escolares: das práticas languageiras aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 1999, n. 11, p. 6-16, maio/ago 1999.

SEVERO, C. G. O estudo da linguagem em seu contexto social, um diálogo entre Bakhtin e Labov. *D.E.L.T.A.*, 25:2, 2009 (267-283)

SILVA, É. C. da. **A Abordagem dos Pronomes Pessoais no Livro Didático de Português: Reflexões à Luz da Variação Linguística**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Profletras, Recife, 2016.

SILVA, S. C. **A variação dos pronomes tu e você na fala mineira de Ressaquinha (MG)**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

SILVA, S.O. **A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Nóia**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, 2019.

SOUZA, C N. de. **A variação de segunda pessoa do singular nas produções orais e escritas de alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública municipal de Itajaí**. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2024.

SUPERINTENDÊNCIA de Desenvolvimento das Regiões Metropolitanas de SC. **SC.gov.br**. Florianópolis, [s.d.]. Disponível em: <https://www.sudesc.sc.gov.br/sobre-a-rmf/>. Acesso em 15 dez. 2024.

TRAESEL, R. **As formas variáveis de tratamento ao interlocutor na ilha de Santa Catarina**: estudo da fala de adolescentes dos ingleses. 2016. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

TRICONI, A.; B., T.; MARCHEZ, V.. **Teláris essencial**. São Paulo: Editora Ática , 2022.

VENÉZIO, R. F. **O ensino de oralidade e análise linguística na perspectiva da variação linguística: um olhar para a BNCC e para os livros didáticos**. 2024. Relatório final - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

VIEIRA, S. R. Sociolinguística e ensino de português: para uma pedagogia da variação linguística. *In*: **Contribuições da sociolinguística histórica e da linguística histórica para o ensino de língua portuguesa**. Rio Grande do Norte: Editora da UFRN, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968])

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. [orgs.]. **Para conhecer norma linguística**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2017.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

ZIMMERMANN, F. **De armação baleeira a engenhos dre Farinha: Fortuna e escravidão em São Miguel da Terra Firme**. Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

APÊNDICE A - Formulário de identificação do participante

Informações Pessoais do Aluno

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Cidade e bairro onde mora:

1. Há quanto tempo mora neste local?
2. Já morou em outros lugares? Se sim, quais e por quanto tempo?
3. Desde quando estuda nesta instituição?
4. Quais as atividades de lazer que você pratica nas horas vagas?
5. Além da escola, você participa ou frequenta alguma outra instituição/grupo (educacional, religiosa, de esportiva, etc.)?
6. Seus amigos, aqueles com quem mais se relaciona no dia a dia (na escola ou fora dela), mesmo que a distância, moram na mesma cidade e bairro que você? Em caso negativo, qual a região em que eles moram? Você sabe o local de nascimento deles?
7. Você costuma interagir pelas redes sociais com pessoas de outras regiões?
8. Você joga online com pessoas de outras regiões, sabe de onde elas são?
9. Quem são seus *youtubers* e *tiktokers* preferidos? De que regiões do país eles são e que tipo de conteúdo produzem?
10. Você costuma viajar? Para onde?
11. Você tem o hábito de ler? Se sim, o quê?
12. Você tem o hábito de ouvir músicas? Se sim, qual o gênero mais ouvido e os cantores ou grupos musicais que você mais escuta?
13. Você costuma utilizar o pronome *tu*, o pronome *você* ou os dois, quando interage por meio da fala com as demais pessoas? Em quais situações os utiliza?
14. E nos textos escritos, utiliza mais o *tu* ou o *você*?
15. Você consegue explicitar alguns contextos/situações em que geralmente utiliza mais o *tu* ou mais o *você*?
16. Em sua sala de aula, você percebe com maior frequência o uso do *tu* ou do *você*?

17. Quando você utiliza o pronome *tu*, em geral costuma fazer a concordância verbal padrão com o pronome, como por exemplo em “Tu foste”; “Tu Compras”; “Tu irás”? Ou costuma utilizar a concordância não padrão, como por exemplo em “Tu foi”; “Tu fosse”; “Tu compra”; “Tu irá”?

Informações sobre as pessoas com quem você mora

1. Sempre morou com estas pessoas?
2. Local de nascimento dessas pessoas?
3. Já moraram em outros lugares? Se sim, quais os lugares e por quanto tempo?
4. Qual o grau de escolaridade das pessoas com quem você mora?
5. Essas pessoas trabalham ou estudam em Biguaçu? Caso seja em outro lugar, onde?
6. Seus pais (ou responsáveis) e irmãos também utilizam o tu, o você ou ambos para interagirem com os demais?

Este formulário foi preenchido em: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B - Termo de assentimento livre e esclarecido



Serviço Público Federal
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTACATARINA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



Você está sendo convidado a participar, como estudante, de uma pesquisa sobre a concordância verbal com o pronome *tu* na oralidade e na escrita no Ensino Fundamental, a ser desenvolvida pela professora de Língua Portuguesa, Juliana Flor, sob a orientação da professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, da Universidade Federal de Santa Catarina, como parteda atividades do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Para tanto, os seus responsáveis serão consultados para conceder a sua participação na pesquisa. Salientamos que, caso você não queria participar, sua decisão será respeitada e, mesmo que inicialmente, você tenha aceitado participar, é possível mudar de ideia e desistir, sem nenhum problema.

A razão pela qual se pretende realizar este estudo é a busca pelo aprimoramento das práticas docentes referentes às questões sociolinguísticas. Considerando essa motivação, objetiva-se verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no uso e na escrita do pronome em estudo. Pretende-se, assim: a) Verificar a variação na concordância verbal como pronome *tu* por meio de uma unidade de ensino proposta para que os dados possam ser levantados e analisados; b) Analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a marcação e a não marcação da concordância verbal com o pronome *tu*; c) Comparar estudos anteriores à amostra atual e averiguar mudanças no que se refere à concordância verbal de segunda pessoa do singular; d) Propor estratégias para a implementação de uma pedagogia da variação linguística, a fim de que os alunos desenvolvam sua competência comunicativa nas situações mais monitoradas no uso da fala e da escrita. Esperamos descrever os usos dos estudantes na oralidade e na escrita, desenvolvendo atividades de reflexão linguística sobre esses usos, na direção de uma pedagogia da variação linguística.

Para a realização desta pesquisa serão analisadas as produções textuais escritas e orais, nas quais você não será identificado, com questões relacionadas à utilização dos pronomes de segunda pessoa.

Durante as gravações você pode sentir algum desconforto, que pode provocar, em alguma medida, algum constrangimento. Nesse sentido, comprometemo-nos a procurar os encaminhamentos e as soluções que se fizerem necessários para minimizar os desconfortos, caso venham a ocorrer. Caso você necessite ou queira suspender a sua participação em qualquer fase da pesquisa, poderá fazê-lo sem ter que apresentar justificativa e sem sofrer qualquer prejuízo.

Como responsáveis pela pesquisa, seremos as únicas a ter acesso aos dados e nos comprometemos a manter sigilo e privacidade de todos os participantes. Quando da transcrição de falas e da utilização de trechos de textos escritos, serão usados pseudônimos para não identificar os participantes. Considerando esses princípios, os dados coletados serão catalogados e arquivados em acervo pessoal das pesquisadoras. Ressaltamos, no entanto, que existe a possibilidade, ainda que remota, de quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas com base na legislação pertinente à questão.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em encontros ou publicados

em artigos de revistas científicas e, neste caso, serão mostrados apenas os resultados obtidos no conjunto, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada a sua privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com as pesquisadoras responsáveis. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, assim como não será disponibilizada nenhuma compensação financeira pela sua participação na pesquisa, conforme prevê a legislação brasileira. Caso venha a ocorrer alguma despesa extraordinária associada à pesquisa, você será ressarcido nos termos da lei. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente. As pesquisadoras, que também assinam esse documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei No 13.709, de 14 de agosto de 2018) quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que serão utilizados para a execução do presente projeto de pesquisa.

Caso seja necessário, você poderá entrar em contato a professora Juliana Flor, pelo e-mail professorajulianaflor@gmail.com, pelo telefone (48)991168204 ou pessoalmente, na Escola de Educação Básica Profa. Emérita Duarte Silva e Souza. Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) - órgão criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEPSH fica localizado no Prédio Reitoria II, 7º andar, sala 701, na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis, ou pelo telefone (48) 3721-6094, de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h. Nós agradecemos por sua colaboração e interesse em nossa pesquisa.

Eu, _____, declaro que li este documento e obtive das pesquisadoras todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade a participar da pesquisa **A concordância verbal com o pronome tu na oralidade e na escrita de alunos do oitavo ano do ensino fundamental: contribuições para uma pedagogia da variação linguística**. Ciente de todos os procedimentos que envolvem a referida pesquisa, aceito participar da mesma.

Biguaçu, em _____ de 2024.

(Nome do(a) Aluno(a))

(Assinatura do Aluno(a))

Profª Drª Isabel de Oliveira e S. Monguillott
Coordenadora da pesquisa

Profª. Juliana Flor
Pesquisadora

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido



Serviço Público Federal
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



Título do Projeto: A variação nos pronomes *tu* e *você* e na concordância verbal com o pronome *tu* em textos de alunos do ensino fundamental II: contribuições para uma pedagogia da variação linguística

Seu (sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como estudante, de uma pesquisa sobre o ensino da produção textual no Ensino Fundamental, a ser desenvolvida pela professora de Língua Portuguesa, Juliana Flor, sob a orientação da professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte das atividades do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). As pesquisadoras, que também assinam esse documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei No 13.709, de 14 de agosto de 2018) quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que serão utilizados para a execução do presente projeto de pesquisa. A razão pela qual se pretende realizar este estudo é a busca pelo aprimoramento das práticas docentes referentes às questões sociolinguísticas. Considerando essa motivação, objetiva-se verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no uso e na escrita do pronome em estudo. Pretende-se, assim: a) Verificar a variação na concordância verbal com o pronome *tu* por meio de uma unidade de ensino proposta para que os dados possam ser levantados e analisados; b) Analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a marcação e a não marcação da concordância verbal com o pronome *tu*; c) Comparar estudos anteriores à amostra atual e averiguar mudanças no que tange à concordância verbal de segunda pessoa do singular; d) Propor estratégias para a implementação de uma pedagogia da variação linguística, a fim de que os alunos desenvolvam sua competência comunicativa nas situações mais monitoradas no uso da fala e da escrita. Esperamos descrever os usos dos estudantes na oralidade e na escrita, desenvolvendo atividades de reflexão linguística sobre esses usos, na direção de uma pedagogia da variação linguística.

Se você autorizar a participação de seu filho na pesquisa, os procedimentos envolvidos serão os seguintes: serão analisadas algumas das produções textuais escritas e orais realizadas em aula e que fazem parte do planejamento da disciplina, além disso, seu filho será convidado a responder, por escrito, um questionário, no qual ele não será identificado, com questões relacionadas à utilização dos pronomes de segunda pessoa. Durante as gravações, ele pode sentir algum desconforto, que pode provocar, em alguma medida, algum constrangimento. Nesse sentido, comprometemo-nos a procurar os encaminhamentos e as soluções que se fizerem necessários para minimizar os desconfortos, caso venham a ocorrer.

Caso seu filho não queira participar ou necessite suspender a sua participação em qualquer fase da pesquisa, poderá fazê-lo sem ter que apresentar

justificativa e sem sofrer qualquer prejuízo. Como responsáveis pela pesquisa, seremos as únicas a ter acesso aos dados e nos comprometemos a manter sigilo e privacidade de todos os participantes.

Quando da transcrição de falas e da utilização de trechos de textos escritos, serão usados pseudônimos para não identificar os participantes. Considerando esses princípios, os dados coletados serão catalogados e arquivados em acervo pessoal das pesquisadoras. Ressaltamos, no entanto, que existe a possibilidade, ainda que remota, de quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas com base na legislação pertinente à questão.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em encontros ou publicados em artigos de revistas científicas e, neste caso, serão mostrados apenas os resultados obtidos no conjunto, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada a sua privacidade. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com as pesquisadoras responsáveis. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, assim como não será disponibilizada nenhuma compensação financeira pela sua participação na pesquisa, conforme prevê a legislação brasileira. Caso venha a ocorrer alguma despesa extraordinária associada à pesquisa, você será ressarcido nos termos da lei. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente.

Caso seja necessário, você poderá entrar em contato a professora Juliana Flor, pelo e-mail professorajulianaflor@gmail.com, pelo telefone (48)991168204 ou pessoalmente, na Escola de Educação Básica Profa. Emérita Duarte Silva e Souza. Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) - órgão criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEPSH fica localizado no Prédio Reitoria II, 7º andar, sala 701, na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis, ou pelo telefone (48) 3721-6094, de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Eu, _____ declaro que li este documento e obtive das pesquisadoras todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade a autorizar a participação de meu filho(a) na pesquisa intitulada A concordância verbal com o pronome *tu* na oralidade e na escrita de alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental: contribuições para uma pedagogia da variação linguística. Desse modo, concordo com a participação de meu filho na pesquisa.

Biguaçu, em de de 2024.

(Nome do(a) Responsável)

(Assinatura do(a) Responsável)

Profª Drª Isabel de Oliveira e S. Monguilhott
Coordenadora da pesquisa

Profª Juliana Flor
Pesquisadora